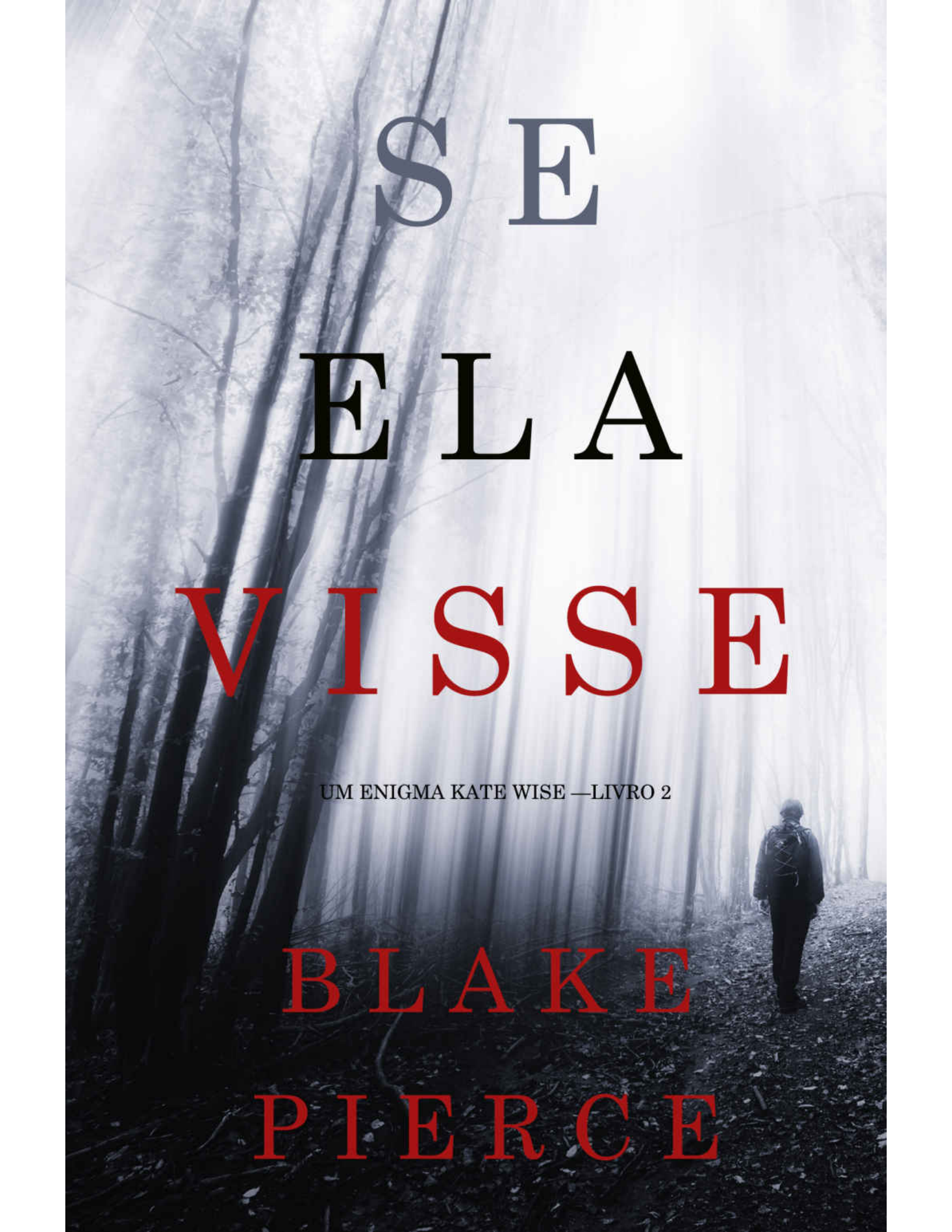


The background of the cover is a photograph of a misty forest. Tall, thin, leafless trees line a path that leads into the distance. A person, seen from behind, is walking away on the path. The atmosphere is mysterious and somber.

SE ELA VISSSE

UM ENIGMA KATE WISE —LIVRO 2

BLAKE
PIERCE



se ela visse

(um enigma da série kate wise—livro 2)

b l a k e p i e r c e

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Direitos Autorais © 2018 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme o permitido sob as Leis Americanas de Direitos Autorais (EUA Copyright Act, de 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um sistema de banco de dados ou de recuperação, sem a prévia autorização do autor. Este e-book é licenciado apenas para seu prazer pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou distribuído para outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, adquira uma cópia adicional para cada destinatário. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para o seu uso, então, por favor, devolva o livro e compre a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho duro deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes são um produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright **andreiu88**, usada sob licença da Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)
A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)
ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)

ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)

SUMÁRIO

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

PRÓLOGO

Durante a adolescência, Olivia nunca pensou que iria ver o dia no qual ela estivesse realmente feliz por estar em casa. Como a maioria dos adolescentes, passou os anos do ensino médio sonhando em sair de casa, ir para a universidade e começar sua própria vida. Ela seguiu o plano, saindo de Whip Springs, Virginia, e entrando para a University of Virginia. Agora, estava no seu primeiro ano, entrando num verão que estaria repleto de oportunidades de emprego e, até o final do verão estaria à procura de um apartamento. Olivia gostava de morar no campus, como veterana ela percebeu que era hora de morar em outro lugar da cidade.

Contudo, seria um mês inteiro com seus pais em Whip Springs. E sabia que o seu lado adolescente nunca a perdoaria pelo alívio e pela onda de carinho que sentiu ao estacionar na garagem dos seus pais. Eles viviam logo ao lado de uma estrada em Whip Springs — uma pequena e pacata cidade na região central do estado da Virginia, com uma população de menos de cinco mil habitantes e que era cercada de florestas por todos os lados, com uma porção de floresta atravessando Whip Springs.

Estava começando a escurecer quando parou na entrada da garagem. Ela esperava que sua mãe acendesse a luz da varanda para ela, mas não havia luz brilhando na porta da frente. Sua mãe sabia que ela estaria chegando nesta tarde, ela havia conversado sobre isso pelo telefone há dois dias e Olivia até mesmo mandou uma mensagem três horas atrás para dizer a ela que estava a caminho.

Certamente, sua mãe não havia respondido a mensagem, o que não comum. Mas Olivia achou que provavelmente ela deveria estar ocupada para deixar o quarto de infância de Olivia apresentável e esqueceu-se de respondê-la.

Ao se aproximar da casa, ela notou que não apenas a luz da varanda não estava acesa, parecia que cada uma das luzes da casa tinha sido desligada. Sabia que eles estavam em casa, contudo. Os carros de ambos estavam estacionados na entrada da garagem, o carro de sua mãe logo atrás da caminhonete de seu pai, como

sempre fizeram. *Se esses bobos estiverem tentando me pegar em algum tipo de festa surpresa de boas-vindas, acho que vou até chorar*, Olivia pensou enquanto estacionava atrás do carro da mãe.

Ela abriu o porta-malas e tirou suas bagagens, apenas duas malas, mas uma que parecia pesar uma tonelada. Ela as ergueu para cima da calçada e em direção à varanda. Fazia quase um ano desde quando ela esteve ali para fazer uma visita; ela quase se esqueceu completamente do quão isolado o lugar parecia. Os vizinhos mais próximos ficavam a menos de quinhentos metros de distância, mas as árvores rodeando a propriedade faziam parecer que a casa era completamente isolada... Especialmente quando comparada ao apertado espaço do dormitório na faculdade.

Ela arrastou as malas para cima dos degraus da varanda e então se esticou para tocar a campainha. Quando ela o fez, notou que a porta estava parcialmente aberta.

Repentinamente, a falta de luz do interior da casa pareceu sinistra — como algum tipo de alerta. Mãe? Pai? Ela chamou enquanto se alongava lentamente para abrir a porta com o pé.

A porta abriu, revelando o vestíbulo e um pequeno corredor que ela conhecia muito bem. A casa estava, de fato, escura, mas ao entrar indo contra os avisos do seu medo crescente, relaxou imediatamente. De algum lugar na casa, ela ouviu a televisão — as familiares campainhas e aplausos do programa *Wheel of Fortune*, uma mania que sua família sempre teve e da qual Olivia se lembrava.

Ao se aproximar do fim do corredor e se aproximar da sala de estar, viu a TV, a qual foi fixada acima da lareira, uma tela bem grande de fato, fazendo parecer que o apresentador Pat Sajak estava bem ali na sala.

—Oi, pessoal, disse Olivia, olhando ao redor da obscura sala de estar. Muito obrigada por me ajudar com minhas coisas. Deixar a porta aberta foi uma —

Era para ser uma piada, mas quando as palavras se penduraram na sua garganta, não tinha nada de engraçado.

Sua mãe estava no sofá. Ela poderia muito bem estar dormindo e não mais que isso se não fosse pelo sangue todo. Estava por todo seu peito e encharcando o sofá. Havia tanto sangue que a mente de

Olivia não conseguiu entender a cena imediatamente. Vê-la ao som de *Wheel of Fortune* tornou, de alguma maneira, ainda mais difícil de compreender a cena.

—Mãe...

Olivia sentiu que seu coração havia parado. Ela se afastou vagarosamente quando a realidade começou a tocá-la. Ela sentiu como se uma pequena parte da sua cabeça houvesse se desgrudado e estivesse flutuando no espaço para algum outro lugar.

Outra palavra se formou em sua língua — *Pai* — ao se afastar lentamente.

Mas foi então que ela o viu. Estava bem ali, no chão. Estava deitado logo em frente à mesa de centro e tinha tanto sangue por cima dele quanto em sua mãe. Estava deitado com a face virada para o chão, imóvel. Mas parecia que rastejou de alguma forma, como se houvesse tentado escapar. Quando absorveu aquilo tudo, Olivia viu o que parecia ser pelo menos seis ferimentos de faca nas suas costas.

De repente, ela entendeu porque a mãe não respondeu sua mensagem. Sua mãe estava morta. Seu pai também.

Ela sentiu um grito subir pela garganta enquanto fazia o possível para destravar suas pernas. Sabia que, quem quer que fosse que fizera isso, ainda poderia estar por ali — deixou o grito sair, deixou as lágrimas rolarem e relaxou suas pernas.

Olivia saiu em disparada pela casa e correu — e correu — e não parou de correr até que seus gritos finalmente se prenderam em sua garganta.

CAPÍTULO UM

Era engraçado o quão rápido a atitude de Kate Wise mudou. Quando passou um ano aposentada, fez tudo o que podia para evitar jardinagem. Jardinagem, tricô, clubes de *bridge* — e até mesmo clubes de leitura — ela evitou todos como o diabo foge da cruz. Todos pareciam coisas clichês que mulheres aposentadas faziam.

Mas alguns meses de volta à pressão do FBI mexeu com ela. Não era tão ingênua em pensar que se reinventou. Não, isso apenas a revigorou. Ela tinha um propósito novamente, um motivo para esperar pelo dia seguinte.

Então, talvez tenha sido por isso que ela achou que estava tudo bem ao recorrer à jardinagem como passatempo agora. Não a relaxava, como ela pensava que aconteceria. Apenas, a deixava ansiosa; por que dedicar tempo e energia ao plantio de algo quando se luta contra o clima para garantir que aquilo permaneça vivo? Ainda assim, havia uma alegria ao fazer aquilo — colocar algo no chão e ver os frutos do plantio ao longo do tempo.

Ela começou com flores — margaridas e buganvílias no início — e depois partiu para o plantio de um pequeno jardim de hortaliças no canto direito do quintal. Foi quando estava juntando terra sobre um tomateiro que percebeu que não tinha nenhum interesse em jardinagem até se tornar uma avó.

Ela se perguntou se isso tinha algo a ver com a evolução de sua natureza nutridora. Ela tinha amigos e livros a dizendo que havia algo diferente em ser avó — algo em que uma mulher nunca se conectava realmente enquanto mãe.

Sua filha, Melissa, assegurou a ela que havia sido uma boa mãe. Era uma garantia que Kate precisava de tempos em tempos, dada a maneira como ela lidou com sua carreira. Ela havia, admitidamente, colocado sua carreira à frente da família por tempo demais e se considerava sortuda por Melissa nunca ter se ressentido por isso — a não ser por um período logo depois de ter perdido o pai.

Ah, a única desvantagem da jardinagem, Kate pensou enquanto se levantava e limpava as mãos e os joelhos. Os pensamentos

tendem a vagar. E quando isso acontece, o passado começa a rastejar para perto da gente, sem ser convidado.

Saiu do jardim, atravessando o quintal de sua casa em Richmond, Virgínia, até a varanda dos fundos. Teve o cuidado de bater seus calçados sujos de terra na porta dos fundos. Também largou as luvas ao lado deles, sem querer sujar a casa. Passou os últimos dois dias limpando a casa. Kate estava cuidando de Michelle, sua neta, esta noite e apesar de Melissa não ser uma maluca por limpeza, Kate queria ter o lugar brilhando de limpo. Fazia quase trinta anos desde que esteve na companhia de um bebê e não queria correr nenhum risco.

Olhou para o relógio e franziu a testa. Ela esperava ter companhia em quinze minutos. Esse era mais um aspecto negativo da jardinagem: o tempo se esvaia facilmente.

Ela se refrescou no banheiro e foi até a cozinha para passar um bule de café fresco. Estava na metade do caminho quando a campainha tocou. Ela atendeu imediatamente, feliz como sempre por ver as duas mulheres com as quais passava algumas horas, pelo menos, duas vezes na semana durante o último ano e meio.

Jane Patterson entrou primeiro pela porta, carregando um prato de doces. Eles eram dinamarqueses caseiros e venceram o concurso Carytown Cooks por dois anos consecutivos. Clarissa James entrou atrás dela com uma grande tigela de frutas recém-cortadas. Ambas estavam vestidas com *looks* fofos que serviam tanto para um *brunch* na casa de um amigo quanto para um passeio casual no shopping — algo que as duas faziam bastante.

—Você esteve fazendo jardinagem de novo, não é? Clarissa perguntou enquanto colocavam a comida na cozinha.

—Como você sabe? Kate perguntou.

Clarissa apontou para o cabelo de Kate, logo abaixo dos ombros. Kate se aproximou e descobriu que havia esquecido um pouco de terra que de alguma forma acabara em seu cabelo. Clarissa e Jane riram disso enquanto Jane tirou o plástico de seus doces dinamarqueses.

—Riam o quanto quiser, disse Kate. Vocês não estarão aqui quando os pés de tomate estiverem carregados.

Era uma manhã de sexta-feira, o que automaticamente tornava a manhã boa. As três mulheres se acomodaram em torno do centro da cozinha de Kate, sentadas em banquetas, comendo seu *brunch* e tomando café. E enquanto a companhia, a comida e o café eram todos bons, ainda era difícil ignorar o que faltava.

Debbie Meade não fazia mais parte do grupo. Depois que sua filha morreu, uma das três vítimas de um assassino que Kate matou no final, Debbie e seu marido, Jim, haviam se mudado. Eles moravam em algum lugar perto da praia na Carolina do Norte. Debbie mandava fotos da costa de vez em quando, só para *fazer inveja* de brincadeira. Eles estavam morando lá há dois meses e pareciam felizes — por estarem longe da tragédia.

A conversa foi majoritariamente leve e agradável. Jane falou sobre como o marido estava de olho na aposentadoria no ano que vem e já havia começado a planejar a redação de um livro. Clarissa compartilhou notícias sobre seus filhos, agora com vinte e poucos anos, e como os dois conseguiram promoções recentemente.

—Falando de crianças, disse Clarissa, como está Melissa? Está gostando da maternidade?

—Ah sim, disse Kate. É absolutamente louca pela sua filhinha. Uma menininha que me terá como babá hoje à noite, na verdade.

—Primeira vez? Jane perguntou.

—Sim. É a primeira vez que Melissa e Terry vão a algum lugar sem o bebê. Realmente para passar a noite fora.

—O modo vovó já entrou em ação? Perguntou Clarissa.

—Eu não sei, Kate disse com um sorriso. Eu acho que vamos descobrir hoje à noite.

—Sabe, disse Jane, você poderia voltar no tempo e ser babá como eu costumava fazer no ensino médio. Eu levaria meu namorado comigo e assim que as crianças fossem para a cama...

—Isso é muito perturbador, disse Kate.

—Mas você acha que Allen estaria animado para isso? Clarissa perguntou.

—Eu não sei, respondeu Kate, tentando imaginar Allen com um bebê. Eles estavam namorando a sério desde que Kate e sua nova parceira, DeMarco, tinham encerrado o caso do *serial* em Richmond — o mesmo caso da filha de Debbie Meade. Não houve uma

conversa real sobre o futuro; eles não dormiram juntos ainda e raramente se aproximavam com mais intimidade física. Estava gostando de estar com ele, mas o pensamento de trazê-lo para a parte avó de sua vida a deixava desconfortável.

—As coisas ainda vão bem entre vocês dois? Clarissa perguntou.

—Acho que sim. A coisa toda de namoro ainda parece estranha para mim. Estou velha demais para namorar, sabe?

—Claro que não, disse Jane. Não me entenda mal... Eu amo meu marido, meus filhos e minha vida em geral. Mas eu daria tudo para estar de volta nessa cena de namoro por um tempo, sabe? Tenho saudade. Conhecer novas pessoas, compartilhar os primeiros...

—Sim, eu acho que é muito bom, admitiu Kate. Allen acha a ideia de namorar estranha também. Nós nos divertimos juntos, mas... Fica um pouco estranho quando as coisas começam a se inclinar para um desfecho romântico.

—Blá, blá, blá, disse Clarissa. Mas você o considera como seu namorado?

—Estamos realmente tendo essa conversa? Kate perguntou, começando a sentir-se levemente corada.

—Sim, disse Clarissa. Nós, senhoras casadas e velhas, precisamos *viver* através de você.

—E isso também vale para o seu trabalho, disse Jane. Como andam as coisas?

—Não há ligações há cerca de duas semanas, e a última foi apenas para ajudar em uma pesquisa. Desculpem-me, garotas... Não é tão cheio de aventuras quanto vocês esperavam.

—Então, você está de volta à aposentadoria? Perguntou Clarissa.

—Basicamente. É complicado.

Esse comentário terminou com o questionamento enquanto elas se aprofundavam em tópicos locais — filmes, um festival de música na cidade, obras na interestadual e assim por diante. Mas a mente de Kate se envolveu no assunto do trabalho. Era reconfortante saber que o departamento ainda a considerava um recurso, mas ela esperava ter um papel mais ativo depois de ter resolvido o último caso. Mas, até agora, ela só falou com o vice-diretor Duran uma

única vez, e foi para fazer uma análise do desempenho de DeMarco.

Sabia como era estranho para suas amigas ela ainda ser, tecnicamente, uma Agente na ativa ao mesmo tempo em que também se inclinava para o papel de avó. Diabos, também era estranho para ela. Ainda por cima tinha um relacionamento que estava desabrochando lentamente com Allen, ela supunha que sua vida *fosse* bastante interessante para elas.

Honestamente, ela se achava sortuda. Ela completaria cinquenta e seis anos no final do mês e sabia que muitas mulheres da sua idade teriam inveja da vida que ela vive. Ela sempre dizia isso a si mesma quando sentia a necessidade urgente de ser mais ativa no trabalho. E, em alguns dias, funcionava.

E como a neta viria visitá-la pela primeira vez desde o seu nascimento, hoje era um dia daqueles.

Uma coisa que tornava difícil equilibrar seu novo papel de avó com o desejo de colocar as mãos em outro caso era tentar pensar como uma avó. Naquela tarde, saiu de casa e desceu até algumas das pequenas lojas no bairro de Carytown, em Richmond. Ela sentiu como se tivesse que conseguir um presente para Michelle para celebrar sua primeira noite na casa da vovó.

Era difícil ignorar armas na cintura e suspeitos para focar em bichos de pelúcia e macacões. Mas quando foi para algumas lojas, ficou um pouco mais fácil. Ela descobriu que realmente gostava de fazer compras para a neta, embora ainda não tivesse dois meses e, honestamente, não se importasse com nenhum presente que recebesse. Ela achou difícil não comprar todas as coisas fofas que encontrou. Afinal, não era responsabilidade de uma avó estragar seus netos?

Quando estava pagando suas compras na terceira loja que visitou, recebeu uma mensagem. Não perdeu tempo em verificar. Nas últimas semanas, ela tinha uma pequena esperança toda vez que recebia uma ligação ou um sms, pensando que talvez fosse Duran ou alguém do departamento. Ela se repreendeu mentalmente

quando ficou desapontada ao descobrir que não era o departamento, mas Allen. Uma vez que superou a dor de não ter sido convocada pelo FBI novamente, ela percebeu que estava feliz em ouvir notícias dele — sempre ficava feliz em ouvi-lo, na verdade.

—Allen, você tem que me ajudar, ela brincou enquanto atendia o telefone. Estou fazendo compras para Michelle e quero comprar para ela tudo que vejo. Isso é normal?

—Eu não sei, disse Allen. Nenhum dos meus filhos sossegou e me tornou avô ainda.

—Não faça como eu. Comece a economizar.

Allen riu, um som que Kate estava começando a gostar. Então, esta noite é a grande noite, hein?

—De fato. E eu sei que já criei uma criança e sei o que esperar, mas estou um pouco apavorada.

—Ah, você é ótima. Você quer falar sobre ter medo... Então, eu vou sair para beber com meus meninos hoje à noite. E não bebo mais de dois drinques em uma saída há cinco anos.

—Divirta-se.

—Eu queria saber se você gostaria de um encontro amanhã. Podemos compartilhar nossas histórias de sobrevivência desta noite.

—Gostaria. Você quer vir para minha casa por volta das sete?

—Parece um bom plano. Divirta-se esta noite. A pequena Michelle está dormindo a noite toda ainda?

—Acho que não.

—Tá, disse Allen, e terminou a ligação.

Kate guardou o celular no bolso, fazendo malabarismos com as sacolas de compras. Ela sorriu apesar de si mesma. Estava em pé ao sol em sua parte favorita da cidade, tendo acabado de fazer compras para uma neta de dois meses de idade, da qual seria babá hoje à noite. Do jeito que o dia estava se desenrolando, ela *realmente* queria que a agência telefonasse?

Estava voltando para casa— uma caminhada de três quarteirões de onde ela atendera Allen — quando viu uma garotinha com uma camiseta do *My Little Pony*. Estava andando com a mãe de mãos dadas, apenas alguns metros à frente dela. Ela tinha cinco ou seis anos de idade, seu cabelo loiro preso em um rabo de cavalo de um

jeito que só o cuidado de uma mãe poderia fazer. Ela tinha olhos azuis e a ponta do nariz bem fino, parecia um pouco com uma fada. E isso enviou um pico de desespero através do coração de Kate.

Uma imagem brilhou em sua mente, uma menina que parecia quase idêntica a esta. Mas nesta imagem, a menina tinha o rosto sujo, e estava chorando. As luzes dos carros da polícia apareceram atrás dela.

A imagem era tão forte que fez com que Kate parasse de andar por um momento. Ela desviou os olhos para longe da garota, não querendo parecer assustadora ou estranha. Ela se agarrou a essa imagem em sua cabeça e fez o melhor para encontrar a memória associada a ela. Ela veio gradualmente e, quando chegou, desenrolou-se lentamente, como se estivesse lendo o relatório do caso.

Garota de cinco anos, encontrada cinco dias depois de ser dada como desaparecida. Jogada em uma cabana de pesca no Arkansas com os corpos dos seus pais mortos. Os pais foram a quinta e a sexta vítimas de um assassino em série que aterrorizava o Arkansas por boa parte dos últimos quatro meses... Um assassino que Kate eventualmente pegou, mas apenas depois de ele ter tirado a vida de um total de nove pessoas.

Kate percebeu que, de repente, estava parada como uma estátua na rua, sequer parecia se mexer. Aquele caso a assombrou por um tempo. Tantos becos sem saída, tantas pistas falsas. Estava andando em círculos, incapaz de encontrar o assassino enquanto ele continuava a aumentar sua contagem de vítimas. Só Deus sabia o que ele havia planejado para aquela garotinha.

Mas você a salvou, ela disse a si mesma. *No final, você a salvou.*

Lentamente, Kate começou a andar de novo. Não foi a primeira vez que uma imagem aleatória de seu trabalho anterior se chocava em sua mente e fazia com que ela se afastasse da realidade. Às vezes, elas vinham casualmente, embora do nada. Mas houve outras ocasiões em que elas vieram fortes e rápidas, como um *flashback* de estresse pós-traumático.

A imagem da garota do Arkansas estava em algum lugar entre os dois casos. E Kate se sentiu grata por isso. Aquele caso em particular quase a fez pedir demissão como Agente, em 2009. Foi

alucinante o suficiente para Kate pedir duas semanas de folga do trabalho. E de repente, por apenas uma fração de segundo enquanto caminhava de volta para casa com presentes para a neta em sua mão, Kate sentiu como se tivesse sido empurrada para o passado.

Quase dez anos se passaram desde que ela resgatara aquela garota. Kate se perguntou onde ela estaria, imaginando se ela tinha sobrevivido ao trauma.

—Senhora?

Kate piscou, pulando um pouco ao som de uma voz desconhecida na frente dela. Havia um adolescente de pé na frente dela. Parecia preocupado, como se não tivesse certeza se deveria estar lá ou fugir.

—Você está bem? Ele perguntou. Você parece... Eu não sei. Estar passando mal. Como se você estivesse prestes a desmaiar ou algo assim.

—Não, disse Kate, sacudindo a cabeça. Eu estou bem. Obrigada.

O garoto concordou e seguiu seu caminho. Kate começou a andar novamente, arrancada de algum buraco no passado que ela assumiu que ainda não tinha se fechado. E quando ela se aproximava cada vez mais de casa, começou a se perguntar quantos desses buracos do passado haviam sido deixados descobertos.

E se os fantasmas de seu passado continuassem a assombrá-la até que ela também se tornasse um fantasma?

CAPÍTULO DOIS

Kate passou a hora seguinte arrumando a casa, embora já tivesse feito isso antes de sair para fazer compras. Ficou incomodada por estar ansiosa para receber Michelle em sua casa. Melissa havia morado nesta casa durante seus anos de ensino médio, então quando ela veio visitá-la (o que era bem raro na opinião de Kate), Kate não sentia a necessidade de estar com a casa impecável. Então, por que estava tão preocupada com a aparência do local para um bebê de dois meses?

Talvez seja algum tipo estranho de comportamento de avó, ela pensou enquanto esfregava a pia do lavabo... Um cômodo que ela estava bem ciente de que sua neta nem veria, muito menos o usaria.

Enquanto lavava a pia, a campainha tocou. Ela foi inundada com uma excitação para a qual ainda não estava pronta. Estava sorrindo de orelha a orelha quando atendeu a porta. Melissa estava do outro lado, carregando Michelle em sua cadeirinha de bebê. O bebê dormia profundamente, com um grosso cobertor ao redor das pernas.

—Ei, mãe, Melissa disse quando entrou na casa. Ela deu uma olhada rápida ao redor e revirou os olhos. Limpou muito hoje?

—Muito, Kate disse enquanto dava um abraço na filha.

Melissa colocou a cadeirinha cuidadosamente no chão e, lentamente, desafivelou Michelle. Ela pegou-a e entregou-a suavemente para Kate. Fazia quase uma semana desde que Kate visitara Melissa e Terry, mas quando ela pegou Michelle em seus braços, pareceu muito mais tempo.

—O que você e Terry planejaram para esta noite? Kate perguntou.

—Nada demais, na verdade, disse Melissa. E essa é a beleza da coisa. Nós vamos sair para jantar e beber. Talvez dançar. Além disso, mudamos de ideia sobre pedir que você fique com ela durante a noite, porque percebemos que não estamos preparados para isso. Dormir sem interrupções é muito necessário, mas eu não posso ficar longe dela por tanto tempo.

—Ah, acho que posso entender isso, disse Kate. Vocês saiam e se divertam.

Melissa sacudiu a bolsa de fraldas do ombro e colocou-a na cadeirinha. Tudo que você precisa está aqui. Ela vai querer comer novamente em cerca de uma hora e ela irá lutar contra o sono. Terry acha bonito, mas acho que é um *inferno*. Se ela ficar com gases, há remédio para gases no bolso de trás e...

—Lissa... Vamos ficar bem. Eu criei uma filha, você sabe. Ela também ficou muito bem.

Melissa sorriu e surpreendeu Kate dando-lhe um beijo rápido na bochecha. Obrigada, mãe. Eu venho buscá-la por volta das onze horas. É tarde demais?

—Não, é perfeito.

Melissa deu uma última olhada para seu bebê, um olhar que fez o coração de Kate inflar. Ela pôde se lembrar de como era ser mãe e ter aquele sentimento interno de amor a preenchendo — um amor que se traduzia em pura vontade de fazer qualquer coisa e tudo para garantir que esse ser humano que você gerou estivesse em segurança.

—Se você precisar de alguma coisa, me ligue, Melissa disse, embora ela ainda estivesse olhando para Michelle e não para Kate.

—Ligarei. Agora vá. Divirta-se.

Melissa finalmente se virou e saiu pela porta. Quando ela a fechou, a pequena Michelle acordou nos braços de Kate. Ela deu a sua avó um sorrisinho sonolento e soltou um pequeno bocejo.

—Então, o que faremos agora? Kate perguntou.

A pergunta foi divertidamente dirigida a Michelle, mas ela sentiu um peso por trás disso que a fez se perguntar se estava simplesmente fazendo uma pergunta retórica para si mesma. Sua filha cresceu, agora ela tem sua própria filha. E aqui estava ela, chegando aos cinquenta e seis anos e com o primeiro neto nos braços. Então, o que fazemos agora?

Ela pensou sobre essa atração para voltar a trabalhar, e talvez pela primeira vez, isso pareceu irrelevante.

Algo bem menor que a menininha que agora ela segurava em seus braços.

Às oito da noite, Kate se perguntava se Melissa e Terry haviam simplesmente criado o bebê mais bem-comportado da história. Michelle não chorou nem uma vez, nem chegou a ficar nervosa. Estava simplesmente contente em ser carregada. Depois de duas horas nos braços de Kate, Michelle acenou para adormecer. Cuidadosamente, Kate colocou Michelle no centro de sua cama *queen-size* e depois ficou parada na porta por um momento para observar sua neta dormir.

Não tinha certeza de quanto tempo estava lá quando seu telefone tocou na mesa da cozinha atrás dela. Teve que tirar os olhos de Michelle, mas conseguiu chegar ao telefone em poucos segundos. Um único barulhinho significava que era um texto em vez de uma ligação e não ficou nem um pouco surpresa ao ver que era Melissa.

Como ela está? Melissa perguntou.

Incapaz de resistir, Kate sorriu e respondeu: **Eu dei a ela apenas três cervejas. Saiu com um cara de moto há uma hora. Eu disse a ela para estar de volta às 11h.**

A resposta veio rapidamente: **Ah, não tem graça.**

A brincadeira a fez quase tão feliz quanto o bebê dormindo em seu quarto. Depois que seu pai morreu, Melissa ficou retraída — especialmente com Kate. Ela culpou o trabalho de Kate pela morte de seu pai e, embora mais tarde tenha percebido que esse não era o caso, havia momentos nos quais Kate sentia que Melissa ainda se ressentia do tempo que passara na agência após a morte dele. Por mais estranho que pareça, porém, Melissa demonstrou algum interesse em seguir carreira no FBI... Apesar de ter uma atitude menos positiva em relação aos acontecimentos do ano anterior, em relação à aposentadoria interrompida de sua mãe.

Ainda sorrindo, Kate levou o telefone para o quarto e tirou uma foto rápida de Michelle. Ela mandou para Melissa e depois, após pensar um pouco, ela também enviou para Allen, só que a dele tinha a mensagem: **Esgotada da festa!**

Ela desejou que ele estivesse lá com ela. Ela havia sentido isso muitas vezes ultimamente. Não era ingênua o suficiente para pensar que o amava, mas podia se ver apaixonada por ele se as coisas

continuassem do jeito que estavam. Ela sentia falta dele quando não estava por perto e sempre que ele a beijava a fazia se sentir cerca de vinte anos mais jovem.

Ela se viu sorrindo novamente quando Allen respondeu com uma foto. Era uma *selfie* dele com dois homens mais jovens que pareciam exatamente com ele — seus filhos, supostamente.

Enquanto estudava a foto, seu telefone tocou em suas mãos. O nome que apareceu na tela enviou uma onda de excitação através dela que ela foi incapaz de conter.

O vice-diretor Vince Duran estava ligando para ela. Isso teria causado uma agitação de excitação, mas o fato de que era depois das oito horas da noite de sexta-feira disparou um alarme na cabeça dela — sinos de alerta que ela gostava de ouvir.

Deu um tempo, ainda olhando para a pequena Michelle, e então respondeu.

—Kate Wise, disse ela, mantendo sua excitação sob controle.

—Wise, é Duran. É uma má hora pra conversarmos?

—Não é absolutamente a melhor, mas tudo bem, ela respondeu. Está tudo bem?

—Depende. Estou ligando para ver se você estaria interessada em aceitar um caso.

—Estamos falando de um caso frio como o que estivemos discutindo?

—Não. Este aqui... Bem, parece um que você resolveu bastante depressa lá atrás em noventa e seis. Atualmente, temos quatro corpos em dois locais diferentes em Whip Springs, na Virgínia. Parece que os assassinatos ocorreram em não mais do que dois dias de intervalo. No momento, a Polícia Estadual da Virgínia está comandando a cena, mas falei com eles. Se você quiser o caso, é seu. Mas você teria que começar agora.

—Eu não acho que conseguiria, disse ela. Eu tenho um compromisso que preciso manter. Olhando para Michelle, isso era fácil de dizer. Mas quase todos os nervos de seu corpo lutavam contra seus recém-adquiridos instintos de avó.

—Bem, escute as especificações de qualquer maneira, pode ser? Os assassinados são casados, um com cinquenta e poucos anos e outro com sessenta e poucos anos. Os mais recentes foram os de

cinquenta e poucos anos. Sua filha descobriu seus corpos quando ela chegou em casa da faculdade hoje cedo. Os assassinatos ocorreram a trinta quilômetros um do outro, um em Whip Springs e o outro fora de Roanoke.

—Casais? Algum elo entre eles que não seja o casamento?

—Ainda não. Mas todos os quatro corpos tinham cortes bem feios. O assassino está usando uma faca. Lento e metódico. Pelo que entendo, tem a ver com o outro casal de dois dias ou mais.

—Sim, parece que temos um *serial* em ação, disse Kate.

Ela pensou no caso em 1996 que Duran mencionou. No final, uma mulher enlouquecida que trabalhava como babá havia tirado a vida de três casais em apenas dois dias. Acontece que trabalhou para todos os três casais em um período de dez anos. Kate prendera a mulher quando estava a caminho de matar um quarto casal e depois, segundo seu testemunho, a si mesma.

Ela *realmente* iria dizer não? Depois do intenso *flashback* que ela teve hoje, poderia realmente deixar passar outra oportunidade de parar um assassino?

—Quanto tempo eu tenho para pensar sobre isso? Ela perguntou.

—Eu vou te dar uma hora. Não mais que isso. Eu preciso de alguém nisso agora. E eu pensei que você e DeMarco poderiam trabalhar bem no caso. Uma hora, Wise... Mais cedo, se puder.

Antes que ela pudesse dar um *OK* ou um *obrigada*, Duran terminou a ligação. Ele era tipicamente caloroso e amigável, mas quando não conseguia o que queria, podia ficar muito irritado.

O mais silenciosamente que pôde, foi até a cama e sentou-se na beirada. Ela observou Michelle dormindo, o suave subir e descer de seu peito, tão lento e metódico. Podia claramente se lembrar de Melissa quando era muito pequena, e não tinha ideia de como o tempo podia ter passado assim. E foi daí que seu problema surgiu: ela sentia que perdera a maior parte de sua vida como mãe e esposa por causa de seu trabalho, mas sentia um forte sentimento de dever, no entanto. Especialmente quando sabia que poderia estar lá agora, fazendo sua parte para levar um assassino à justiça.

Que tipo de pessoa ela seria se recusasse a oferta, deixando Duran escolher outro Agente que poderia não ter as mesmas habilidades que ela?

Mas que tipo de avó e mãe ela seria se tivesse que ligar para Melissa, dizendo-lhe para vir buscar sua filha cedo e terminar a noite, porque o FBI tinha vindo chamá-la de novo?

Kate olhou para Michelle por cerca de cinco minutos, deitada ao lado dela e colocando a mão no peito do bebê apenas para senti-la respirar. E ver aquele pequeno lampejo de vida, de uma vida que ainda não havia aprendido sobre os tipos de maldades que existiam no mundo, tornava a decisão muito mais fácil para Kate.

Franzindo a testa pela primeira vez naquele dia, Kate pegou o telefone e ligou para Melissa.

Certa vez, quando Melissa tinha dezesseis anos, ela levou um garoto para o quarto tarde da noite, quando Kate e Michael já estavam dormindo. Kate tinha acordado com algum barulho (que ela descobriu mais tarde que foi provavelmente o joelho de alguém batendo na parede do quarto de Melissa) e subiu para investigar. Quando ela abriu a porta da filha e a encontrou de topless com um menino em sua cama, ela o jogou da cama e gritou para ele sair.

A fúria nos olhos de Melissa naquela noite foi ofuscada pelo que Kate viu no olhar de sua filha quando afivelou Michelle no assento do carro às 9:30 — pouco mais de uma hora depois que Duran ligou para ela falando sobre o caso em Roanoke.

—Isso é uma loucura, mãe, disse ela.

—Lissa, sinto muito. Mas que diabos eu deveria fazer?

—Bem, pelo que entendi, as pessoas realmente ficam aposentadas quando se aposentam. Talvez devesse tentar isso!

—Não é assim tão fácil, argumentou Kate.

—Ah, eu sei, mãe, disse Melissa. Nunca foi para você.

—Isso não é justo...

—E não estou chateada, porque você atrapalhou minha noite para relaxar. Eu não me importo com isso. Eu não sou tão egoísta. Ao contrário de algumas pessoas. Estou chateada porque o seu trabalho — com o qual você deveria ter terminado há mais de um ano, lembre-se — continua a ganhar da sua família. Mesmo depois de tudo... Depois do *papai*...

—Lissa, não vamos fazer isso.

Melissa pegou a cadeirinha com uma suavidade que não estava presente em sua voz ou na postura tensa de seu corpo.

—Eu concordo, Melissa soltou ríspidamente. Não vamos.

E com isso, saiu pela porta da frente, batendo-a atrás dela.

Kate estendeu a mão até a maçaneta, mas parou. O que ela faria? Ela iria continuar essa discussão do lado de fora, no quintal? Além disso, ela conhecia Melissa muito bem. Depois de alguns dias, ela se acalmaria e realmente escutaria Kate. Ela poderia até aceitar o pedido de desculpas de sua mãe.

Kate se sentiu uma traidora quando pegou o celular. Depois que ela ligou para Duran, ele informou que planejava que ela pegaria o caso de qualquer maneira. No momento, ele tinha alguém da Polícia Estadual da Virgínia em espera para se encontrar com ela e DeMarco às 4h30 da manhã em Whip Springs. Quanto a DeMarco, ela havia saído de Washington há meia hora com um carro da agência. Estaria na casa de Kate por volta da meia-noite. Kate percebeu que poderia ter mantido Michelle facilmente até o planejado, às onze horas, e ter evitado o confronto com Melissa. Mas não conseguia pensar nisso agora.

A rapidez de tudo pegou Kate levemente desprevenida. Mesmo que o último caso que ela havia pegado parecesse ter surgido do nada, pelo menos tinha algum tipo de estrutura estável. Mas fazia um bom tempo desde que recebera um caso. Foi assustador, mas ela também estava muito animada, animada o suficiente para ser capaz de colocar momentaneamente de lado a raiva que Melissa tinha sentido por ela.

Ainda assim, enquanto arrumava a mala esperando DeMarco chegar, um pensamento pungente a perfurou. *E aí está — sua capacidade de empurrar tudo para o lado em prol do trabalho — e que já causou tantos problemas entre vocês duas.*

Mas esse pensamento também foi facilmente empurrado para o lado.

CAPÍTULO TRÊS

Uma das muitas coisas que Kate aprendeu sobre DeMarco durante o último caso foi que ela era pontual. Era uma característica da qual ela se lembrou quando ouviu uma batida na porta às 12:10.

Não me lembro da última vez que recebi uma visita tão tarde, pensou ela. *Faculdade, talvez?*

Ela caminhou até a porta carregando sua única mala consigo. No entanto, quando atendeu a porta, viu que DeMarco não tinha a intenção de sair correndo para a cena do crime.

—Correndo o risco de parecer rude, eu realmente preciso usar seu banheiro, disse Demarco. Beber duas Cocas para ficar acordada para a viagem foi uma má ideia.

Kate sorriu e deu um passo para o lado para deixar DeMarco entrar. Dada a velocidade e a urgência que Duran incutiu nela durante seus telefonemas, a brusquidão de DeMarco era o tipo de alívio cômico não intencional que ela precisava. Também fez com que se sentisse à vontade para saber que, mesmo depois de quase dois meses de intervalo, ela e DeMarco estavam retomando o mesmo nível de intimidade que haviam compartilhado antes de se separarem depois do último caso.

DeMarco saiu do banheiro alguns minutos depois com um sorriso envergonhado no rosto.

—E bom dia para você, disse Kate. Talvez fosse por causa da ingestão de cafeína, mas DeMarco não parecia abatida, aparentemente, nem perturbada pela hora.

DeMarco olhou para o relógio e concordou.

—Sim, suponho que seja de manhã.

—Quando você recebeu a ligação? Kate perguntou.

—Por volta das oito ou nove, eu acho. Eu teria saído mais cedo, mas Duran queria ter cem por cento de certeza de que você estaria a bordo.

—Desculpe-me por isso, disse Kate. Eu estava cuidando da minha neta pela primeira vez.

—Ah não. Wise... Que merda. Desculpe-me por estragar tudo.

Kate deu de ombros e acenou para longe. Vai ficar tudo bem. Você está pronta para ir?

—Sim. Eu fiz algumas chamadas no caminho enquanto o caso estava sendo gerenciado pelos caras em DC. Estamos programadas para nos encontrar com um dos caras da polícia do estado da Virgínia às quatro e meia na residência dos Nash.

—A residência dos Nash? Kate perguntou.

—O casal mais recente a ser assassinado.

Elas desceram juntas em direção à porta da frente. Quando saíram, Kate desligou a luz da sala e pegou sua bolsa. Estava animada com o que poderia estar à frente, mas também se sentiu como se estivesse irracionalmente deixando sua casa. Afinal, apenas algumas horas atrás, sua neta de dois meses estava cochilando na cama. E agora, aqui estava ela, prestes a dirigir diretamente para uma cena de assassinato.

Ela viu o sedan do FBI estacionado em frente à sua casa, bem ao lado do meio-fio. Parecia surreal, mas também convidativo.

—Você quer dirigir? DeMarco perguntou.

—Claro, disse Kate, imaginando se a Agente mais jovem estava oferecendo o papel como uma demonstração de respeito ou porque ela simplesmente queria uma pausa na direção.

Kate ficou ao volante enquanto DeMarco puxava as direções do local do assassinato mais recente. Foi na cidade de Whip Springs, na Virgínia, uma pequena cidade encrustada na base das Montanhas Blue Ridge, nos arredores de Roanoke. Elas gastaram apenas um pouco de tempo com conversa fiada — Kate atualizou DeMarco sobre como se sentia como avó, enquanto DeMarco permaneceu em silêncio, mencionando apenas outro relacionamento fracassado depois que sua namorada a deixou. Isso foi uma surpresa, já que Kate não achava que DeMarco fosse gay. Isso mostrou que ela realmente precisava de mais tempo para conhecer a mulher que era mais ou menos a sua parceira. Pontualidade, ela tinha percebido. Homossexualidade, ela havia deixado passar. Que diabos isso dizia sobre ela como parceira?

À medida que a cena do crime se aproximava, DeMarco leu os relatórios referentes ao caso que Duran lhes enviara. Enquanto os lia, Kate continuava procurando quaisquer vestígios do sol rompendo o horizonte, mas não viu qualquer sinal.

—Dois casais mais velhos, disse Demarco. Desculpe... Um em seus 50 anos... Então, sem ofensas.

—Tranquilo, Kate disse, sem ter certeza se havia sido uma estranha tentativa de piada por parte de DeMarco.

—À primeira vista, eles parecem não ter nada em comum, além da localização. A primeira cena foi no coração de Roanoke e a mais recente não foi a mais de cinquenta quilômetros de distância, em Whip Springs. Parece não haver sinais de que o marido ou a esposa fossem os alvos anteriormente. Cada um dos assassinatos foi horrível e exagerado, indicando que o assassino gosta disso.

—E isso normalmente aponta que essa pessoa sente que foi prejudicada pelas vítimas em alguns casos, destacou Kate. É isso ou algum distorcido desejo psicológico por violência e derramamento de sangue.

—As vítimas mais recentes, os Nash, estavam casados há vinte e quatro anos. Eles têm dois filhos, um que mora em San Diego e outra que atualmente frequenta a UVA. Foi ela quem descobriu os corpos quando chegou na casa ontem.

—E o outro casal? Kate perguntou. Eles têm filhos?

—Não, de acordo com os relatórios.

Kate refletiu sobre tudo isso e, por razões que não conseguia entender, se viu pensando na garotinha que passara na rua no começo do dia.

O *flashback* que a menininha havia despertado em sua mente. Quando chegaram à casa dos Nash, o horizonte finalmente havia começado a captar um pouco da luz do sol nascente, mas ainda ausente. Espiou pela linha das árvores que cercava a maior parte do quintal dos Nash. Sob essa luz, podiam ver um único carro estacionado em frente à casa. Um homem estava encostado no capô, fumando um cigarro e segurando uma xícara de café.

—Vocês são Wise e DeMarco? Perguntou o homem.

—Somos nós, Kate disse, dando um passo à frente e mostrando sua identidade. Quem é você?

—Palmetto, com a DP do estado da Virgínia. Forense. Recebi a ligação há algumas horas dizendo que vocês aceitariam o caso. Imaginei que eu poderia vir para entregar o que tenho. O que, a propósito, não é muito.

Palmetto deu uma última tragada no cigarro e o jogou no chão, apagando-o com o pé. Os corpos foram obviamente movidos e havia poucas evidências no lugar. Mas entrem, de qualquer maneira. É... revelador.

Palmetto falou com o tom sem emoção de um homem que vinha fazendo isso há algum tempo. Ele as conduziu pela calçada dos Nash e até a varanda. Quando abriu a porta e as levou para dentro, Kate podia sentir o cheiro: o cheiro de uma cena de crime onde muito sangue havia sido derramado. Havia algo químico nisso, não apenas o cheiro acobreado de sangue, mas de movimentos recentes e pessoas com luvas de borracha examinando a cena recentemente.

Palmetto acendeu cada luz quando entraram na casa — pelo vestíbulo, passando por um corredor e até a sala de estar. No brilho das luzes do teto, Kate viu a primeira mancha de sangue no chão de madeira. E depois outra, e outra.

Palmetto levou-as para frente do sofá, apontando para as manchas de sangue como um homem simplesmente confirmando o fato de que a água está de fato molhada.

—Os corpos estavam aqui, um no sofá e outro no chão. Parece que a mãe foi morta primeiro, provavelmente devido ao corte no pescoço, embora um pareça ter acertado bem perto do coração, mas pelas costas. A teoria é de que houve uma luta com o pai. Havia hematomas em seus antebraços, um pouco de sangue saindo de sua boca e a mesa de centro estava torta.

—Alguma ideia inicial do tempo que passou entre os assassinatos e a filha descobrindo-os? Perguntou Kate.

—Não mais do que um dia, respondeu Palmetto. E foi provavelmente mais de doze ou dezesseis horas. Tenho certeza de que o legista terá algo um pouco mais concreto ainda hoje.

—Mais alguma coisa digna de anotação? Perguntou DeMarco.

—Sim, na verdade. É uma prova... Apenas uma única peça. Ele enfiou a mão no bolso interno de sua jaqueta e tirou um pequeno saquinho. Consegui permissão, então não fiquem assustadas. Eu imaginei que vocês gostariam de levá-lo e analisar. É a única evidência que encontramos, mas é bem desalentador.

Ele ofereceu o saquinho de plástico transparente para Kate. Ela pegou e olhou o conteúdo dentro. Pelo que poderia dizer, era um simples pedaço de pano, cerca de um centímetro e meio. Era grosso, de cor azul, e tinha uma textura fofa. Todo o lado direito estava manchado de sangue.

—Onde foi encontrado isso? Kate perguntou.

—Enfiado na boca da mãe. Foi empurrado lá no fundo, quase abaixo de sua garganta.

Kate ergueu-o para a luz. Alguma ideia de onde veio? Ela perguntou.

—Nenhuma. Parece ser apenas um recado aleatório.

Mas Kate não tinha tanta certeza disso. De fato, a intuição de avó começou a avançar. Este não era um pedaço aleatório de tecido. Não... Era macio, era azul claro e parecia bastante fofo.

Isso fazia parte de um cobertor. Talvez o cobertor de uma criança.

—Você tem alguma outra evidência surpresa para nós? DeMarco perguntou.

—Não, isso é tudo, disse Palmetto, já voltando para a porta. Se vocês, senhoras, precisarem de alguma ajuda a partir de agora, sintam-se à vontade para nos telefonar na DP.

Kate e DeMarco compartilharam um olhar irritado pelas costas dele. Sem ter que dizer nada, cada uma sabia que o termo *senhoras* tinha irritado ambas.

—Bem, isso foi breve, disse DeMarco quando Palmetto lhes deu um aceno evasivo da porta da frente.

—E bom também, disse Kate. Dessa forma, podemos começar a examinar o caso com nossos próprios olhos, sem a influência do que os outros descobriram.

—Você acha que precisamos falar com a filha em seguida?

—Provavelmente. Aí então nós vamos olhar a primeira cena do crime e ver se podemos encontrar alguma coisa lá. Espero que encontremos alguém que seja um pouco mais sociável do que nosso amigo Palmetto.

Elas saíram da casa, desligando as luzes enquanto iam. Enquanto se dirigiam para fora, com o sol finalmente aparecendo na borda do mundo, Kate cuidadosamente colocou o que ela pensava

ser um pedaço de cobertor de criança em seu bolso e não pôde deixar de pensar em sua neta dormindo sob um cobertor similar.

Andar em direção ao sol não reprimiu o frio que se apoderou dela.

CAPÍTULO QUATRO

O café da manhã foi no Panera Bread drive-thru em Roanoke. Foi lá, enquanto esperava na pequena fila matinal, que DeMarco fez várias ligações para marcar uma reunião com Olivia Nash, filha do casal recentemente assassinado. Estava atualmente com sua tia em Roanoke e estava, pelas próprias palavras de sua tia, em um estado de desastre absoluto.

Depois de receber o endereço e a aprovação da tia, foram para a casa dela logo depois das sete horas. Ser cedo não era um problema, porque, de acordo com a tia, Olivia se recusou a dormir desde que encontrara seus pais.

Quando Kate e DeMarco chegaram à casa, a tia estava sentada na varanda. Cami Nash se levantou quando Kate saiu do carro, mas não fez nenhum movimento para encontrá-las. Estava com uma xícara de café na mão e o olhar cansado em seu rosto fez Kate pensar que certamente não era a primeira que ela tomava nesta manhã.

—Cami Nash? Kate perguntou.

—Sim, sou eu, ela disse.

—Em primeiro lugar, por favor, aceite meus sentimentos por sua perda, disse Kate. Você e seu irmão eram próximos?

—Muito próximos, sim. Mas agora, tenho que olhar para, além disso. Eu não posso... chorar agora, porque Olivia precisa de alguém. Não é a mesma pessoa com quem falei no telefone na semana passada. Algo nela está quebrado. Eu não posso nem imaginar... Como deve ter sido encontrá-los assim e...

Parou e bebeu muito rapidamente um pouco de seu café, tentando se distrair do ataque de lágrimas que pareciam estar se aproximando em passo acelerado.

—Ela vai ficar bem em se falar com a gente? DeMarco perguntou.

—Talvez por um tempo. Eu disse a ela que vocês estavam vindo e parecia entender o que eu queria dizer. É por isso que eu estou encontrando vocês aqui antes de entrarem. Eu sinto que preciso dizer a você que ela é uma jovem normal e completa. No estado em que está agora, no entanto, eu não queria que vocês pensassem que ela tem algum tipo de problema mental ou algo assim.

—Obrigada, disse Kate. Ela tinha visto pessoas absolutamente devastadas pela dor antes e nunca foi uma visão bonita. Não podia deixar de pensar em quanta experiência DeMarco tinha com aquele tipo de situação.

Cami as levou para a casa. Era tão silenciosa quanto um túmulo, o único som vindo era do zumbido do ar-condicionado. Kate notou que Cami andava devagar, certificando-se de não fazer muito barulho. Kate seguiu o exemplo, imaginando se Cami estava esperando que o silêncio ajudasse Olivia a finalmente cair no sono ou se ela estivesse simplesmente tentando não alarmar a frágil jovem de alguma forma.

Elas entraram na sala de estar, onde uma jovem estava meio sentada, meio deitada no sofá. Seu rosto estava vermelho, os olhos ligeiramente inchados por causa do choro recente. Parecia não ter dormido por uma semana, em vez de apenas um dia. Quando ela viu Kate e DeMarco entrarem, sentou-se um pouco.

—Oi, senhorita Nash, disse Kate. Obrigada por concordar em se encontrar conosco. Sentimos muito pela sua perda.

—É Olivia, por favor. Sua voz estava rouca e cansada, quase tão desgastada quanto seus olhos pareciam estar.

—Vamos fazer isso o mais rápido possível, disse Katie sei que você tinha acabado de chegar da faculdade. Você sabe se seus pais planejaram receber mais alguém naquele dia?

—Se sim, eu não sabia sobre isso.

—Por favor, me perdoe por perguntar, mas você sabe se algum dos seus pais tinha algum ressentimento de longa data com alguém? Pessoas que eles poderiam ter considerado inimigos?

Olivia sacudiu a cabeça com firmeza. O pai foi casado uma vez antes... Antes de conhecer a mamãe. Mas mesmo com sua ex-esposa, estava tudo bem.

Olivia começou a chorar sem fazer barulho. Uma série de lágrimas escorreu de seus olhos e não se incomodou em tentar limpá-la.

—Eu quero lhe mostrar uma coisa, disse Katie não sei se tem algum significado para você ou não. Caso tenha, pode ser bastante emocional. Você estaria disposta a dar uma olhada e nos avisar se parecer familiar para você?

Olivia pareceu alarmada, talvez até um pouco assustada. Kate realmente não a culpava e quase não queria mostrar a ela o pedaço de tecido que Palmetto havia lhes dado — o pedaço que Kate tinha certeza de que fazia parte de um cobertor ou colcha. Um pouco relutante, ela tirou do bolso.

Ela soube imediatamente que Olivia não o reconheceu. Havia uma sensação imediata de alívio e confusão no rosto da jovem enquanto olhava para a sacola de plástico e o que ela continha dentro.

Olivia balançou a cabeça, mas manteve os olhos fixos no saco plástico transparente. Não. Eu não reconheço. Por quê?

—Não podemos revelar isso agora, disse Kate. Sinceramente, não havia qualquer coisa de ilegal em revelar isso para o parente mais próximo..., mas Kate não via motivo para traumatizar Olivia Nash ainda mais.

—Você tem alguma ideia de quem fez isso? Olivia perguntou. Parecia perdida, como se não reconhecesse onde estava... talvez nem ela mesma. Kate não conseguia se lembrar da última vez em que viu alguém tão claramente desligado de tudo ao seu redor.

—Não agora, disse ela. Mas vamos mantê-la informada. E, por favor — disse ela, olhando para Olivia e depois para Cami — entre em contato se puder lembrar de algo que possa ajudar.

Com essa observação, DeMarco retirou um cartão de visita do bolso interno de sua jaqueta e entregou-o a Cami.

Talvez tenha sido os anos que Passou na aposentadoria ou por se sentir culpada por ter abandonado seu posto de avó na noite anterior, mas Kate se sentiu mal quando saiu do quarto, deixando Olivia Nash em muito sofrimento. Quando ela e DeMarco saíram para a varanda, ela pôde ouvir a jovem soltar um gemido baixo de angústia.

Kate e DeMarco compartilharam um olhar inquieto enquanto se dirigiam para o carro. De dentro do bolso interno, Kate podia sentir a presença daquele pedaço de tecido e de repente pareceu muito pesado.

CAPÍTULO CINCO

Quando Kate saiu da pequena cidade de Whip Springs e se dirigiu para Roanoke, DeMarco usou seu iPad para puxar os arquivos do primeiro assassinato. Era quase uma cópia exata da cena do crime de Nash; um casal havia sido assassinado em casa de uma forma particularmente horrível. Os resultados preliminares não revelaram suspeitos prováveis e não havia testemunhas.

—Os arquivos dizem algo sobre qualquer coisa deixada nas gargantas ou bocas de uma das vítimas? Kate perguntou.

DeMarco examinou os relatórios e sacudiu a cabeça. Pelo que vejo, não. Eu acho que talvez — não, espere, aqui está. No relatório do legista. O tecido não tinha sido descoberto até ontem — um dia e meio depois que os corpos foram achados. Mas sim... O relatório diz que havia um pequeno pedaço de tecido alojado na garganta da mãe.

—Há uma descrição?

—Não. Vou ligar para o médico legista e ver se consigo uma foto.

DeMarco não perdeu tempo, fazendo a ligação imediatamente. Enquanto estava ao telefone, Kate tentou pensar em qualquer coisa que pudesse ligar dois casais aparentemente aleatórios, dado o que havia sido encontrado nas gargantas das mulheres. Embora Kate ainda não tivesse visto o pedaço de tecido que havia sido retirado da garganta da primeira vítima do sexo feminino, estava esperando que combinasse com o que havia sido encontrado na garganta da Sra. Nash.

A ligação de DeMarco terminou três minutos depois. Segundos depois de terminar a ligação, ela recebeu um sms. Olhou para o telefone e disse: —Nós temos um ponto em comum.

Aproximando-se de um semáforo à medida que avançavam pela cidade de Roanoke, Kate olhou para o telefone enquanto DeMarco mostrava-o para ela. Como Kate esperava, o tecido era macio e azul— uma correspondência exata para com aquele encontrado na garganta da mãe de Nash.

—Temos registros bastante extensos para ambos os casais, certo? Kate perguntou.

—Sim, suponho, disse ela. Com base nos registros e arquivos de casos que temos, pode ter alguma coisa faltando, mas acho que temos o suficiente para continuar. Fez uma pausa quando o aplicativo de GPS no iPad apitou. Vire à esquerda neste semáforo, disse DeMarco. A casa fica a oitocentos metros abaixo na próxima rua.

As engrenagens mentais de Kate estavam trabalhando rapidamente quando se aproximaram da primeira cena do crime.

Dois casais casados, massacrados de maneira brutal. Partes ou restos de algum tipo de cobertor velho encontrado nas gargantas das esposas...

Havia muitas maneiras de seguir as pistas que lhes haviam sido dadas. Mas antes que Kate pudesse se concentrar em uma única, DeMarco falou algo.

—Bem ali, disse ela, apontando para uma pequena casa de tijolos à direita.

Kate parou ao lado do meio-fio. A casa estava localizada em uma rua lateral estreita, do tipo que ligava duas estradas principais. Era uma rua tranquila, com algumas outras pequenas casas ocupando o espaço. A rua tinha um ar quase histórico, as calçadas desgastadas e rachadas, as casas em estado semelhante.

Letras brancas desbotadas na caixa de correio diziam LANGLEY. Kate também viu um L decorativo pendurado na porta da frente, feito de madeira envelhecida. Ele se destacava contra o amarelo brilhante da fita de isolamento da cena do crime que pendia das grades da varanda.

Enquanto Kate e DeMarco se dirigiam para a varanda da frente, DeMarco meio leu meio recitou a informação que tinha nos relatórios sobre a família Langley.

—Scott e Bethany Langley— Scott, cinquenta e nove anos de idade, Bethany sessenta e um. Scott foi encontrado morto na cozinha e Bethany estava na lavanderia. Eles foram encontrados por um garoto de quinze anos que estava fazendo aulas particulares de violão com Scott. Estima-se que eles tenham sido mortos apenas algumas horas antes de os corpos serem descobertos.

Quando elas entraram na residência de Langley, Kate ficou na porta por um momento, observando a disposição do lugar. Era uma

casa pequena, mas bem conservada. A porta da frente abria para um vestibulo muito pequeno, que depois se tornava sala de estar. De lá, um pequeno balcão de bar separava a cozinha da sala de estar. Um corredor ficava à direita, levando ao resto da casa.

A planta da casa por si só dizia a Kate que o marido provavelmente havia sido assassinado primeiro. Mas da porta da frente, havia praticamente uma visão clara da cozinha. Scott Langley teria que estar bastante ocupado para não notar alguém entrando pela porta da frente.

Talvez o assassino tenha chegado de outra maneira, pensou Kate.

Entraram na cozinha, onde manchas de sangue ainda se destacavam proeminentemente no piso laminado. Uma frigideira e uma lata de spray estavam à beira do fogão.

Estava prestes a cozinhar alguma coisa, Kate pensou. *Então, talvez eles tenham sido mortos na hora do jantar.*

DeMarco partiu para o corredor e Kate a seguiu. Havia uma pequena sala imediatamente à esquerda, a porta se abrindo para revelar uma lavanderia lotada de coisas. Aqui, o derramamento de sangue tinha sido muito pior. Havia manchas de sangue na máquina de lavar, na secadora, nas paredes, no chão e em uma pilha de roupas limpas dobradas em um cesto.

Com os corpos já removidos, parecia haver muito pouco que a residência de Langley pudesse lhes oferecer. Mas Kate tinha mais uma coisa que queria checar. Ela voltou para a sala de estar e olhou para as fotos nas paredes e para a parte superior daquele lugar. Viu os Langley sorrindo e felizes. Em uma foto, ela viu um casal mais velho com os Langley posando ao final de um píer na praia.

—Nós temos uma descrição da vida familiar dos Langley? Kate perguntou.

DeMarco, ainda segurando o iPad na mão direita, rolou as informações e começou a ler os detalhes que tinham. Em cada detalhe Kate descobria aos poucos que o palpite que ela guardou por alguns minutos era provavelmente verdadeiro.

—Eles foram casados por vinte e cinco anos. Bethany Langley tinha uma irmã que morreu em um acidente de carro há doze anos e nenhum deles tem pais vivos. O pai de Scott Langley faleceu

recentemente, há apenas seis meses, de uma forma agressiva de câncer de próstata.

—Alguma menção de crianças?

—Não. Sem filhos. DeMarco fez uma pausa e pareceu entender o que Kate estava especulando. Você está pensando sobre o tecido, certo? Que parece uma espécie de cobertor de criança.

—Sim, é isso que eu estava pensando. Mas se os Langley não tinham filhos, eu não acho que haveria uma conexão óbvia.

—Eu não sei se já vi uma conexão *óbvia* com alguma coisa, disse DeMarco com uma risadinha trêmula.

—Isso é verdade, Kate disse, mas ela sentiu como se tivesse que existir uma aqui. Mesmo com as vítimas aparentemente aleatórias, havia algumas coisas que elas tinham em comum.

Ambos os casais estavam em meados para o final dos cinquenta e poucos e no início dos sessenta anos. Ambos eram casados. A esposa de cada casal tinha um pedaço do que parece ser um cobertor enfiado na garganta.

Então sim... Havia semelhanças, mas elas não levavam a nenhum vínculo real. Ainda não, de qualquer maneira.

—Agente DeMarco, você acha que poderia fazer uma ligação ou duas para ter certeza de que conseguiríamos um espaço no escritório do departamento de polícia local?

—Feito, disse ela. Tenho certeza que Duran lidou com tudo isso antes mesmo de chegarmos aqui.

Ele acha que me conhece tão bem, pensou Kate, um pouco irritada. Mas então, por outro lado, parecia que *realmente* a conhecia muito bem.

Kate olhou ao redor da casa novamente, para as fotos, para as manchas de sangue. Ela teria que se aprofundar nos detalhes de cada casal se quisesse chegar a algum lugar com isso. E ela precisaria obter algum tipo de resultado forense sobre os pedaços de tecido. Dadas as semelhanças entre as duas cenas, ela supôs que uma boa e velha pesquisa básica, mais do que qualquer coisa, revelaria algumas pistas e indícios.

Elas voltaram para o carro, Kate novamente lembrou-se de que elas tinham começado ridiculamente cedo. Quando ela viu que era pouco depois das dez da manhã, ficou um pouco revigorada. Elas

ainda tinham a maior parte do dia pela frente. Talvez, se ela tivesse sorte e o caso se revelasse do jeito que ela pressentia, ela estaria de volta a Richmond no final de semana para ver Michelle mais uma vez— isto é, se Melissa permitisse.

Veja, alguma parte mais sábia dela falou quando ela voltou ao volante do carro. Mesmo no meio de múltiplos assassinatos sangrentos, você está pensando em sua neta— na sua família. Isso não te diz algo?

Ela supôs que sim. Mas mesmo quando estava colocando o pé no *último aposento* de sua vida, ainda era muito difícil admitir que houvesse algo além do seu trabalho. Era especialmente difícil quando estava em busca de um assassino e sabia que a qualquer momento, ele poderia matar novamente.

CAPÍTULO SEIS

Uma pequena sala de conferências nos fundos da polícia de Roanoke havia sido reservada para Kate e DeMarco. Assim que chegaram à delegacia, uma pequena mulher corpulenta na recepção conduziu-as pelo edifício até a sala. Assim que se sentaram e começaram a montar uma estação de trabalho improvisada, ouviu-se uma batida na porta.

—Entre, disse Kate.

Quando a porta se abriu, elas viram um rosto familiar, Palmetto, do DP estadual, o homem um tanto rabugento que as encontrou na frente da residência de Nash, bem mais cedo naquele mesmo dia.

—Eu vi vocês voltando enquanto eu estava assinando toda a minha documentação, disse Palmetto. Estou saindo, dirigindo de volta para Chesterfield em algumas horas. Eu pensei em verificar se havia algo mais em que eu pudesse ajudar.

—Não, não há, disse Kate. Por acaso você sabia que também havia um fragmento desse mesmo tecido na garganta de Bethany Langley?

—Não até cerca de meia hora atrás. Aparentemente, uma de vocês ligou para o laboratório para pedir que mandassem uma foto.

—Sim, disse DeMarco. E parece ser equivalente ao que você nos deu.

Ao falar do pedaço de tecido, Kate colocou o saco de plástico que Palmetto lhe dera na mesa. Até agora, é a única evidência sólida que temos que liga os assassinatos de uma maneira concreta.

—E a medicina forense não encontrou praticamente nada sobre isso, disse Palmetto. Além do DNA da Sra. Nash.

—O relatório forense que estou vendo do tecido dos Langley também não forneceu nada de novo, disse DeMarco.

—Ainda vale a pena uma visita ao laboratório forense, disse Kate.

—Boa sorte com isso, disse Palmetto. Quando falei com eles sobre o pedaço dos Nash, eles não tinham a menor ideia.

—Você estava envolvido na cena na casa de Langley? Perguntou Kate.

—Não. Eu vim logo depois que aconteceu. Eu vi os corpos e chequei o lugar, mas não havia coisa alguma. Quando você conversar com a perícia, pergunte a eles sobre o cabelo perdido encontrado na roupa limpa. Não parecia pertencer a Sra. Langley, então eles vão fazer algumas análises.

—Antes de ir, disse Kate, você quer apresentar alguma teoria?

—Eu não tenho uma, disse Palmetto secamente. Na pesquisa que fiz, não parece haver absolutamente nenhuma ligação entre os Nash e os Langley. O tecido nas gargantas, no entanto... Algo tão pessoal e explícito assim para o assassino tem que ligá-los de alguma forma, certo?

—É o que penso, disse Kate.

Palmetto deu um tapa brincalhão na porta e Kate o viu sorrir pela primeira vez. Eu tenho certeza que você vai descobrir. Eu já ouvi falar de você, sabe? Muitos de nós no DP do estado ouviram.

—Tenho certeza, disse ela com um sorriso.

—Principalmente boas coisas. Então, você saiu da aposentadoria para pegar alguém há alguns meses, certo?

—Pode-se dizer que sim.

Palmetto, vendo que Kate não iria apenas sentar lá e aproveitar os elogios, deu-lhe um encolher de ombros. Ligue para os garotos do estado se você precisar de algo, Agente Wise.

—Farei isso, disse Kate quando Palmetto partiu.

Quando Palmetto fechou a porta atrás dele, DeMarco balançou a cabeça de brincadeira. Você já se cansou de ouvir as pessoas falando das suas façanhas?

—Sim, na verdade, disse Kate, mas não de uma maneira rude. Embora fosse animador lembrar-se de tudo o que ela fizera ao longo de toda a sua carreira, sabia que sempre esteve fazendo seu trabalho. Talvez ela tenha feito seu trabalho com um pouco mais de paixão do que os outros, mas era exatamente isso — um trabalho bem feito... Um trabalho que não conseguia deixar para trás.

Em alguns minutos e com a ajuda do administrador de sistemas da estação, Kate e DeMarco tiveram acesso ao banco de dados da estação. Elas trabalharam juntas, analisando o passado dos Nash e dos Langley. Nenhuma das famílias tinha registros de qualquer tipo. De fato, ambas as famílias tinham registros que dificultavam a ideia

de que alguém tivesse ressentimentos contra elas. Quanto aos Langley, eles serviram como pais adotivos por alguns anos, então tiveram que passar por verificações rigorosas várias vezes ao longo de suas vidas. Os Nash estavam fortemente envolvidos em sua igreja e tinham participado de várias viagens missionárias nos últimos vinte anos, principalmente para o Nepal e Honduras.

Kate desistiu depois de um tempo e começou a andar de um lado para o outro. Ela usou o quadro branco da sala de conferência para fazer anotações, na esperança de que ver tudo escrito em um lugar a ajudasse a se concentrar. Mas não havia coisa alguma. Nenhum link, nenhuma pista, nenhum curso claro de onde ir.

—Você também, hein? DeMarco disse. Nada?

—Nada até agora. Acho que talvez a gente só deva seguir com o que *temos* ao invés de tentar encontrar algo novo. Acho que precisamos reavaliar os tecidos. Já que os testes forenses não deram em nada, talvez o próprio tecido possa nos levar para algum lugar.

—Estou acompanhando o raciocínio, disse DeMarco.

—Certo, disse Kate. Eu não tenho certeza disso. Mas eu espero que nós saibamos quando virmos alguma pista.

Kate sentiu as primeiras dores de fadiga quando ela e DeMarco dirigiram da delegacia para o laboratório forense. Era um lembrete gritante de que não dormira em cerca de vinte e sete horas e que seu dia de trabalho havia começado insanamente cedo. Vinte anos atrás, isso não a incomodaria. Mas com os *cinquenta e seis* encarando-a bem de perto, as coisas eram diferentes agora.

O deslocamento até o laboratório demorou apenas cinco minutos, localizado bem perto de uma pequena rede que consistia no DP, no tribunal e em uma prisão. Depois de mostrar suas identidades, elas foram escoltadas pela recepção do laboratório de ciências forenses e entraram na área central do laboratório. Foram convidadas a se sentarem em um pequeno saguão por um momento, enquanto o técnico responsável pelas amostras de tecido era convocado.

—Você acha que há alguma chance de que o tecido seja apenas algum tipo de cartão de visita do assassino? DeMarco perguntou.

—Pode ser. Pode não ter nada a ver com o porquê do caso. Poderia significar algo para o assassino. De qualquer forma, agora parece que o tecido — de algum tipo de cobertor, tenho certeza — é a nossa única conexão real com ele.

Isso fez com que Kate se lembrasse de um caso horripilante do qual fez parte no início dos anos noventa. Um homem matou cinco pessoas — todas ex-namoradas. Antes de matá-las, sufocando-as, ele forçou cada uma a engolir um preservativo. No final, ele não tinha nenhuma razão real para fazê-lo além de seu ódio pelo uso de preservativos durante o sexo. Kate não pôde deixar de se perguntar se esses fragmentos de tecido acabariam sendo tão insignificantes para o caso.

Sua espera foi curta; um homem alto e mais velho saiu correndo de uma porta em frente a elas. Vocês são do FBI? Ele perguntou.

—Somos, disse Kate, mostrando sua identidade. DeMarco fez o mesmo e o homem estudou cada uma cuidadosamente.

—Prazer em conhecê-las, Agentes, disse ele. Eu sou Will Reed, e eu fiz os testes nos tecidos dos assassinatos recentes. Suponho que seja por isso que vocês estejam aqui? Agente DeMarco, acredito que você é aquela para quem enviei a foto mais cedo?

—Isso mesmo, disse DeMarco. Nós estávamos esperando que você pudesse lançar mais alguma luz sobre o caso.

—Bem, eu ficaria mais do que feliz em ajudar com o que vocês precisam, mas se é sobre esses dois pedaços de tecido, eu temo que não haja coisa alguma que eu possa oferecer. Parece que o assassino não só fez grandes esforços para enfiar o tecido na boca das vítimas, como também foi bastante cuidadoso em não deixar vestígios de si mesmo nos locais.

—Sim, nós entendemos isso, disse Kate. Mas sem nenhum resultado concreto para continuarmos, eu queria saber se há algo que você poderia dizer sobre o tecido em si.

—Ah, disse Reed. Com isso eu *posso* ajudar.

—Eu sou da opinião de que ambos os pedaços vieram do mesmo material, disse Kate. Muito provavelmente um cobertor.

—Eu acho que é uma aposta segura, disse Reed. Não tinha muita certeza até ver o segundo. Eles se encaixam muito bem— cor, textura e assim por diante.

—Existe alguma maneira de saber a *idade* do cobertor? Perguntou Kate.

—Receio que não. O que eu posso dizer, no entanto, é do que o cobertor é feito. E ficou na minha cabeça porque, até onde eu sei, é uma combinação estranha de tecido para um cobertor tradicional, quando pensamos em um. A maior parte do cobertor é feita de lã, o que, é claro, não é de se estranhar. Mas o material secundário usado no tecido é algodão de bambu.

—É tão diferente assim do algodão comum? Kate perguntou.

—Não tenho certeza, disse ele. Mas nós vemos muitas roupas e materiais relacionados a tecidos que passam por aqui. E eu posso contar em uma mão o número de vezes que entrei em contato com algo com vestígios perceptíveis de algodão de bambu. Não é um material muito raro, mas não é tão difundido quanto o algodão básico.

—Em outras palavras, DeMarco disse, não seria muito difícil localizar empresas que o usam como material primário?

—Isso eu *não* sei, disse Reed. Mas você pode estar interessada em saber que algodão de bambu *está* presente em muitos cobertores mais fofos. É um tecido *respirável*, pelo que vi. Você provavelmente está procurando por algo mais sofisticado. De fato, há um armazém fora da cidade que fabrica o tipo de coisa que estou falando. Cobertores caros, lençóis caros, colchas caras, esse tipo de coisa.

—Você sabe o nome do lugar? DeMarco perguntou.

—Fios Biltmore. Eles são uma empresa pequena que quase faliu quando todos começaram a comprar tudo on-line.

—Mais alguma coisa que você pode nos dizer? Kate perguntou.

—Sim, mas é meio horrível. Com a mulher de Nash, acredito que o tecido tenha sido empurrado tão abaixo que ela quase vomitou, mesmo que perto da morte. Havia ácido estomacal no tecido.

Kate pensou na quantidade de força e esforço que levaria para alguém fazer isso... Sobre o quanto da sua mão precisaria entrar na boca da vítima.

—Obrigada pelo seu tempo, Sr. Reed, disse Kate.

—De nada. Só espero que eu não veja um terceiro pedaço desse cobertor tão cedo.

CAPÍTULO SETE

Estranhamente, o caminho até o Armazém Biltmore Threads levou Kate e DeMarco pelo mesmo trecho de estrada que haviam percorrido em Whip Springs às quatro horas da manhã. A fábrica e o armazém ficavam em uma estrada de duas pistas que serpenteava da rodovia principal. Estavam escondidos junto com o trecho de grama amarelada que servia como decoração, nos mesmos bosques que haviam escondido a casa de Nash da estrada principal.

Pela aparência do estacionamento, Biltmore Threads não estava indo tão mal quanto Will Reed havia sugerido. O lugar parecia empregar pelo menos cinquenta pessoas, e isso baseado apenas nessa hora do dia. Com uma fábrica como essa, Kate supôs que houvesse trabalho por turnos ocorrendo, o que significaria que outras cinquenta ou mais pessoas provavelmente viriam mais tarde para o turno da noite.

Elas entraram, chegando em um saguão sujo. Uma mulher sentada atrás de um balcão olhou para elas com uma expressão peculiar. Era evidente que eles não recebiam muitos visitantes.

—Posso ajudá-las? Ela perguntou.

DeMarco passou pela rodada de apresentações e depois que mostraram seus documentos de identificação, a mulher do balcão as liberou por uma porta na outra extremidade do saguão. Aquela mesma mulher as encontrou lá e depois as conduziu por um pequeno corredor. No final do corredor, ela abriu um conjunto de portas duplas que levavam ao piso de produção da Biltmore Threads. Vários conjuntos de teares e outros equipamentos que Kate nunca tinha visto estavam vibrando com vida. Do outro lado do grande piso de trabalho, uma empilhadeira compacta carregava uma pilha de roupas empilhadas para o armazém.

Depois de guiá-las cuidadosamente ao redor no canto do chão de fábrica, a mulher parou em outra porta e as levou para dentro. Aqui, havia um corredor fino adornado com cinco salas. A mulher as trouxe até a primeira e bateu na porta.

—Sim? A voz de um homem explodiu de dentro.

—Temos visitantes, a mulher avisou antes de abrir a porta. Duas senhoras do FBI.

Houve alguns segundos de pausa e depois a porta foi aberta do outro lado. Um homem de cabelos escuros usando óculos pesados as cumprimentou. Ele as olhou de cima a baixo, não por nervosismo, mas pura curiosidade.

—FBI? Ele perguntou. O que posso fazer por vocês?

—Podemos ter um minuto do seu tempo? Kate perguntou.

—Claro, ele disse, ficando de lado e permitindo que elas entrassem em seu escritório.

Havia apenas um lugar para se sentar no escritório, além do que estava atrás da mesa. Nem Kate nem DeMarco aceitaram. O homem de cabelos escuros também não se sentou, preferindo ficar de pé com elas.

—Eu suponho que você seja o supervisor? Kate perguntou.

—Sou o gerente regional e o supervisor do turno do dia, sim, disse ele. Ele estendeu a mão rapidamente, como se estivesse envergonhado por ter esquecido de cumprimentá-las.

Kate apertou a mão oferecida e depois mostrou sua identidade. Então enfiou a mão no bolso e retirou o pedaço de tecido da cena de Nash.

—Este é um pedaço de tecido de uma cena de crime recente, disse ela. E acreditamos que poderia ser fundamental para pegar um assassino. O laboratório forense encontrou algodão de bambu, e eu entendo que a Biltmore Threads usa algodão de bambu com bastante regularidade.

—Usamos, disse Garraty. Ele pegou o saco e então hesitou antes de perguntar: Você se importa?

Kate sacudiu a cabeça e entregou a ele. Garraty olhou de perto e assentiu. Não posso dar garantias, mas sim, parece que há algodão de bambu nele. Você sabe de onde veio o tecido?

—Estou assumindo que seja de um cobertor, disse Kate.

—Parece que sim, disse Garraty. E embora eu não tenha cem por cento de certeza, acho que pode ter sido projetado e fabricado aqui.

—Aqui mesmo na Biltmore Threads? Kate perguntou.

—Possivelmente.

Garraty devolveu a sacola plástica a Kate e depois se dirigiu a um velho armário de arquivo surrado no canto de trás do pequeno escritório. Ele abriu a gaveta de baixo e depois de mexer no seu conteúdo por um tempo, pegou dois livros diferentes. Ambos eram bastante grandes e, quando ele começou a folhear um, Kate viu que ambos eram catálogos de estoque.

—A cor e o design que você pode observar parecem familiares, explicou Garraty enquanto folheava as páginas. Se foi feito aqui, estará em um desses livros.

Era um pensamento emocionante, mas Kate não tinha certeza do que isso significaria. Se o cobertor em questão foi feito em Biltmore Threads, realmente abriria muitas possibilidades? Havia muitas perguntas a fazer antes de chegar a tal conclusão.

—Bem aqui, disse Garraty. Ele virou o livro na direção delas e apontou para um dos vários cobertores listados em uma página já quase no final do livro. Parece que isso tem algo a ver para vocês?

Kate e DeMarco estudaram a página. Kate olhou para frente e para trás, para ter certeza de que não estava vendo uma similaridade falsa. Mas depois de alguns segundos, DeMarco respondeu por ela.

—O tecido que temos está desbotado, mas é o mesmo. Com aquela pequena estampa xadrez branca desbotada.

—Bem, está desbotado porque é um produto mais antigo, disse Garraty. Ele apontou para uma linha da descrição do item. Aqui, diz que começou a ser produzido em 1991 e foi eliminado do nosso ciclo de produção em 2004.

—Então você fez esse mesmo cobertor por treze anos? DeMarco perguntou.

—Sim. Foi um item muito popular, e foi por isso que consegui reconhecê-lo tão rapidamente.

—Em outras palavras, a última vez que você teria tirado um desses do seu depósito foi em 2004, disse Kate. Significa que esta amostra deve ter entre quinze e trinta anos de idade.

—Correto.

Bem, mesmo que pudesse haver uma pista devido ao cobertor, pensou Kate, aquele espaço de trinta anos torna tudo muito difícil.

—Sr. Garraty, há quanto tempo você está neste cargo aqui?

—Vinte e seis anos, disse Garraty. Minha aposentadoria está chegando no próximo ano.

—Enquanto você esteve aqui, a Biltmore Threads contratou Scott ou Bethany Langley, ou Toni ou Derrick Nash?

Garraty pensou por um momento e depois deu de ombros. Os nomes não me parecem familiares, mas olhando para um período de mais de dez anos, eu analisaria os registros do RH. Há muitos funcionários que entram e saem daqui.

—Em quanto tempo você pode descobrir isso para gente com certeza? DeMarco perguntou.

—Dentro de uma hora.

—Isso seria ótimo, disse Kate. E, se você não se importa, apenas mais uma pergunta. Você já teve algum funcionário causando problemas para você ou para a fábrica no mês passado? Algum encrenqueiro ou apenas alguém que você e outros administradores precisavam ficar de olho?

—Engraçado você perguntar, disse Garraty. Eu tive que despedir um cara há apenas duas semanas. Estava aparecendo para trabalhar chapado e nós tínhamos certeza que estava roubando material. Quando o confrontei, ele ficou violento e eu tive que ligar para a segurança. E como só temos um guarda de segurança, a polícia se envolveu e ele acabou sendo preso. Mas ele saiu no dia seguinte.

—Roubar material? DeMarco disse, uma ponta de excitação em sua voz.

—Sim..., mas não aquele, disse ele, apontando para a sacola plástica. Não temos esse tecido no armazém há anos. Não, ele saiu e nos disse mais tarde, quando ele se acalmou, que estava roubando coisas para alguns projetos que sua namorada estava criando. Ela tem uma loja Betsy ou algo assim.

—Podemos pegar o nome dele? Kate perguntou.

—Travis Rogers. Ele tem cerca de trinta anos. Tem ficha criminal, eu acho. Alguns crimes violentos leves. Mas nós tendemos a dar às pessoas uma segunda chance na Biltmore Threads, sabe?

—Ele é um local? DeMarco perguntou.

—Sim, em Whip Springs. Eu posso te dar o endereço dele.

—Novamente, isso seria ótimo, disse Kate.

Garraty as conduziu para fora de seu escritório e voltou pelo mesmo caminho que a recepcionista as havia guiado, só que do lado contrário. Quando voltaram ao saguão, Garraty falou com a recepcionista enquanto Kate e DeMarco se juntaram nas portas do saguão.

—O cobertor foi fabricado aqui, disse Demarco. Você acha que é apenas uma coincidência assustadora?

—Poderia ser. Eu estou inclinada a pensar assim, dado que o cobertor não é produzido em muito tempo. Isso me *faz* pensar, no entanto...

—Pensar o quê?

—Não importa de onde veio o cobertor, sabemos que tem que ser velho... ter pelo menos de quinze a trinta anos. E se esse é o caso, isso me faz pensar que alguém se apegou a isso. Por que usar algo tão velho a menos que tenha algum tipo de simbolismo ou significado para você?

Ela deixou a pergunta se prolongar enquanto Garraty voltava até elas. Ele entregou a Kate um pedaço de papel com um endereço anotado.

—Eu fui além e fiz com que ela olhasse para ver se algum desses nomes que você me deu estava no sistema como ex-funcionários, disse Garraty. Não temos nada a esse respeito.

—Tudo bem, disse Kate. Só precisava ser verificado. Obrigada pela ajuda.

—Fico feliz em ajudá-las, disse Garraty, ainda parecendo que toda a visita o havia desequilibrado.

Kate e DeMarco voltaram para fora. Enquanto se dirigiam para o carro, Kate olhou além do gramado morto em frente à fábrica e ao armazém. A extensão de árvores a deixava nervosa de um jeito que não conseguia explicar. Florestas densas sempre a fizeram se sentir assim; elas ofereciam muitos lugares para se esconder. Ela deu à floresta um olhar cético enquanto voltava ao volante.

—O GPS diz que este Travis Rogers vive a menos de meia hora de distância, do outro lado de Roanoke.

—Então vamos visitá-lo, disse Kate.

Talvez fosse porque o dia tinha começado tão cedo ou talvez fosse porque ela podia sentir-se cada vez mais cansada a cada

minuto, mas estava começando a ter um bom pressentimento sobre este caso — um pressentimento de que talvez terminasse muito mais cedo do que o esperado.

Saiu do estacionamento de Biltmore Threads, desesperadamente esperando ter razão.

CAPÍTULO OITO

Travis Rogers vivia em uma casa não muito longe do denso trânsito de um complexo comercial. Dado que estava se aproximando da hora do almoço, o trânsito estava muito ruim quando Kate se aproximou do local. Passar pela Starbucks e um Dunkin' Donuts também a fez perceber que, falta de profissionalismo ou não, ela teria que parar para tomar um café depois que questionassem Travis Rogers ou ela poderia muito bem adormecer no trabalho.

Ela seguiu em frente e estacionou na frente da casa cerca de quarenta minutos depois de deixar Biltmore Threads. Ela e DeMarco correram para a porta da frente, nenhuma das duas tinha muita esperança de que um homem na casa dos trinta estaria em casa no meio do dia— especialmente não um que provavelmente estaria procurando um emprego.

Então ambas ficaram surpresas quando a porta foi atendida por um homem robusto e bonito. Parecia um pouco desganhada a sua barba, mas bem arrumado. Parecia um pouco cansado, talvez, como se tivesse acabado de sair da cama.

—Você é Travis Rogers? DeMarco perguntou.

—Eu sou. Quem pergunta?

DeMarco assumiu a liderança desta vez, mostrando seu distintivo e dando um passo em direção à porta para que ele soubesse que elas não seriam recusadas.

—FBI? Por que diabos?

—Seu nome surgiu de passagem em relação a um caso em que estamos trabalhando, Kate disse. Se você nos der apenas cinco minutos do seu tempo, podemos seguir nosso caminho.

Claramente confuso e um pouco alarmado, Travis deu um passo para o lado e abriu a porta. Quando o fez, Kate viu que sua mão direita estava engessada desde o alto do pulso até as juntas dos dedos.

Seria muito difícil matar alguém da maneira na qual os Nash e Langley foram mortos se você tivesse um gesso na mão direita, Kate disse a si mesma.

A porta da frente se abriu na sala de estar, que estava bem limpa. Um laptop estava na mesinha de centro. Ela viu um perfil do LinkedIn na tela; aparentemente, Travis estava de fato fazendo alguma busca de emprego.

—Eu vou assumir que isso é sobre o que aconteceu na Biltmore Threads, certo? Travis disse quando se sentou no sofá. Embora eu não saiba por que o FBI se envolveria em algo tão pequeno.

—Posso perguntar por que você ficou violento com o Sr. Garraty? Kate perguntou.

—Foram apenas meses e meses de frustração, sabe? Eu pedi um aumento por cerca de meio ano. Eu estava lá há quase cinco anos e só tinha conseguido dois pequenos incrementos, então eu pensei que já estava passando da hora. Garraty basicamente me disse que ele poderia passar a minha reclamação adiante, mas se eu continuasse importunando-os, a coisa ficaria ruim. Nós trocamos algumas palavras e, francamente, eu perdi minha compostura. Joguei longe uma pequena placa com seu nome que estava em cima da mesa nele. Comecei a correr pela sala para pegá-lo, mas pensei melhor.

—E as suas transgressões passadas?

—Uma briga de bar quando eu tinha dezenove anos e depois me defendi quando um idiota perdeu a calma em um ataque de raiva quando acidentalmente bati no carro dele. Não quero ser um espertinho, mas fiquem à vontade para dar uma olhada em tudo. Olha... essa coisa toda com Garraty e Biltmore Threads... é embaraçoso. Então, se você precisar de alguma coisa de mim, me avise. Eu gostaria de deixar isso para trás o mais rápido possível.

—Bem, e sobre o material que você estava roubando? DeMarco perguntou.

—Eu só fiz isso duas vezes, e isso foi depois que comecei a ficar puto por não ser pago de forma justa. Eu não tenho orgulho disso. Mas eu estive no tribunal e vou pagar as multas.

—Garraty disse que você roubou os materiais para a sua namorada.

—Sim. Jess dirige esta pequena loja, Etsy. Ela faz essas bolsinhas de mão personalizadas e bolsas de ombro. Ela faz mais grana do que eu fazia... então sim, eu peguei um material para ela.

Kate estava quase certa de que Travis era inocente. Ele tinha feito algumas escolhas idiotas, com certeza, e ele tinha uma sorte infeliz quando se tratava de brigas físicas, mas ele com certeza não era um assassino.

—O que aconteceu com a sua mão? DeMarco perguntou.

Travis revirou os olhos e olhou para o chão. Só mais uma decisão genial da minha parte. Eu estava tão chateado quando os policiais foram chamados em Biltmore Threads que eu soquei a parede do lado de fora do prédio. É uma parede de tijolos e doeu para caramba. Eu quebrei três dedos e fiz uma pequena fratura na base da minha mão.

—Você tem alguma prova de quando você fez isso? DeMarco perguntou.

—Sim. Na verdade, a primeira fatura do raio X veio hoje. Ele se levantou e foi até a borda do balcão na cozinha anexa. Ele pegou uma correspondência e trouxe de volta para eles. Kate e DeMarco examinaram e viram que a consulta inicial para o raio X havia sido três semanas atrás — pelo menos duas semanas inteiras antes de os Langley terem sido assassinados.

—Correndo o risco de parecer intrometido, posso perguntar do que se trata? Travis perguntou.

Kate tinha mais uma coisa a fazer. Ela quase decidiu contra isso porque estava certa de que Travis Rogers era inocente. Ela pegou o saco de provas com o pedaço de cobertor dentro dela e mostrou para ele.

—Isso parece familiar para você? Ela perguntou.

Sua reação inicial lhe disse o que ela precisava saber. Não havia alarme, culpa ou medo. Ele apenas olhou de perto e encolheu os ombros. Acho que não. É algo da Biltmore Threads?

—É, disse Kate, embolsando o saco novamente. Obrigada pelo seu tempo, Sr. Rogers.

Quando elas voltaram para o carro, a sensação que Kate experimentou saindo da Biltmore Threads começou a se desfazer. O tecido de manta vindo de Biltmore parecia um presságio, um sinal de que elas estavam no caminho certo. Mas agora, voltando a não ter pistas, sentia-se um pouco perdida.

—Você acha que devemos tentar falar com os vizinhos das vítimas agora? DeMarco perguntou quando estavam de volta no carro.

—Essa é a melhor ideia em que posso pensar, disse Kate. É claro que os Nash não tinham vizinhos próximos — ninguém que pudesse ver alguém entrando e saindo de casa.

—Então os Langley, disse DeMarco.

—Certo, Kate concordou. Mas primeiro... eu tenho que tomar um café. Todo esse sono regular que vem com a aposentadoria me arruinou.

Com o café na mão, Kate saiu do carro ao lado da residência dos Langley. Olhou para a casa ao lado e percebeu que elas podem ter acertado o pote de ouro. Embora odiasse ceder a estereótipos — especialmente em sua linha de trabalho — havia um que ela costumava achar que se provava verdadeiro: quanto mais velha a mulher, mais propensa a fofocar. E havia apenas uma dessas mulheres na varanda ao lado da casa dos Langley. Estava enchendo cuidadosamente um alimentador de pássaros com algum tipo de líquido. Um alimentador de beija-flores, se Kate estivesse vendo corretamente.

Kate e DeMarco se aproximaram lentamente, não querendo parecer ameaçadoras ou apressadas. A mulher deu-lhes um sorriso incerto quando terminou com o alimentador de pássaros. Ele balançou suavemente quando ela o soltou, o líquido vermelho que ela acabara de colocar dentro parecia quase um Kool-Aid.

—Beija-flores? Kate perguntou.

—Isso mesmo, disse a velha senhora. Estava chegando aos setenta... talvez oitenta. Era difícil dizer devido ao sorriso radiante em seu rosto. Eles vêm e me veem pelo menos duas vezes por dia, desde que eu mantenha o alimentador cheio. Agora... posso ajudar vocês, moças?

—Sim, senhora. Eu sou Agente Wise, e esta é a Agente DeMarco, Kate disse, mostrando sua identidade. Fomos designadas

para o caso envolvendo os Langley e esperávamos que você pudesse conversar um pouco com a gente.

A mulher olhou por cima do ombro de Kate, em direção à casa dos Langley. O sorriso radiante em seu rosto desaparecera agora. Também não havia nenhuma carranca... apenas um olhar resignado. Um olhar do tipo *o que aconteceu com esse mundo?*

—Prazer em conhecê-las Agentes, disse a mulher. Ela se agachou em uma cadeira de gramado que ficava contra os trilhos da varanda e olhou para elas. Sou Callie Spencer, a propósito. Moro aqui nesta casa há cerca de vinte e cinco anos.

—Então, você esteve por aqui o tempo todo em que os Langley moraram aqui?

—Sim, de fato. Scott e Bethany chegaram no início dos anos noventa, eu diria.

—Você os chamaria de amigáveis? Perguntou DeMarco. Sociáveis?

—Acho que sim. Quero dizer, eles não eram rudes ou grosseiros. Eram um casal legal, mas um pouco reservado. Especialmente nos últimos anos.

—Alguma ideia do porquê? Kate perguntou.

Callie franziu a testa e concordou. Bethany meio que ficou diferente depois que sua irmã morreu naquele acidente de carro. Há dez anos ou mais, eu acho.

—Você pode elucidar o que você quer dizer com *reservado*? DeMarco perguntou.

—Bem, você sabe... *reservado* pode não ser a melhor palavra. Se nos cruzássemos na calçada, conversaríamos por um tempo. Mas eles nunca vieram me visitar. Nunca realmente deram qualquer informação a respeito deles. Scott me pegava tentando cortar a grama de vez em quando e insistia em terminar o trabalho para mim. Então, não, não eram reclusos, mas também não eram muito extrovertidos.

—Você sabe se eles tinham algum visitante regular? Kate perguntou.

—Nenhum que eu saiba. Eu acredito que Scott tinha um amigo ou dois do trabalho vindo de vez em quando durante a temporada

de futebol. E houve um período de tempo, você sabe, quando Davey estava morando com eles.

—Davey? Kate perguntou.

—Sim. Bem, eu o chamava de Davey. Seu nome verdadeiro é David. Ele é o sobrinho deles — o filho da irmã de Bethany. Quando ela morreu, ele veio e ficou com eles. Ele tinha apenas dez anos de idade. Ficava com os Langley por um tempo e depois iria embora por meses a fio. Descobri depois de Scott que, naqueles tempos, ele ficava com o tio do lado do pai no Texas.

Kate e DeMarco compartilharam um olhar. Isso não era necessariamente uma pista, mas eram novas informações que poderiam levá-las a vários lugares diferentes. Por acaso você sabe por quanto tempo Davey ainda morou com eles?

—Ah, acho que ele saiu de casa há dois ou três anos. Já era hora também. Eu sentia pena dele, sabe? Passou de um lado para o outro entre as famílias. Mas os Langley eram bons para ele, eu acho. Eram pessoas doces. Eles eram pais adotivos. Você sabia disso?

—Sim, senhora, disse Kate, recordando as informações que haviam encontrado ao escavar o Departamento de Polícia de Roanoke.

—Quando foi a última vez que eles criaram alguém? Perguntou DeMarco.

—Ah, eu não posso dizer com certeza. Pelo menos há alguns anos, eu acho. Uma vez eles ficaram com uma menina por alguns meses. Um doce! Ela vinha até aqui e jogávamos damas na varanda.

—E quanto a Davey? Kate perguntou. Você teve muito contato com ele?

—Não muito. Eles estavam preparando Davey para os estudos quando meu marido faleceu. Todos vieram para cá — Davey inclusive — e deram suas condolências. Mas, você sabe, sendo vizinho é muito fácil ver coisas sobre pessoas, sabe? E com Davey, ele sempre foi muito quieto. Ele tinha esse tipo de característica ensimesmada nele. Eu sei que quando ele ficou mais velho, ele se tornou muito difícil de lidar. Desafiador, eu acho.

—Você sabe para onde ele foi depois de deixar os cuidados dos Langley? DeMarco perguntou.

—Ah, ele ainda está por perto. Ele acabou indo para a faculdade comunitária, mas acabou desistindo. Eu não sei o porquê... notas, ou apenas sem compromisso, talvez. Não tenho certeza de onde ele mora, mas sei onde ele trabalha. Ele está trabalhando na Gingos Pizza há pelo menos alguns meses.

—Você tem certeza disso? Kate perguntou.

—Eu sei que estava trabalhando lá, cerca de seis meses atrás, porque ele entregou uma pizza pra mim. Eu costumo achar estúpido pedir pizzas, porque você tem que dar uma gorjeta, mas eu estava doente, então... Ela percebeu que estava divagando neste ponto. Sorriu, revirou os olhos para si mesma e continuou. De qualquer forma, e depois minha amiga Janell, com quem tomo chá duas vezes por semana, disse que o viu trabalhando na Gingos não faz muito tempo. Talvez cerca de duas ou três semanas.

—Obrigada, disse Kate.

—Espere, espere. Você não acha que Davey teve algo a ver com seus assassinatos, não é?

—Provavelmente não, disse Kate. Mas ele seria uma ótima fonte de informações sobre a família. E agora, todas as informações são críticas.

Callie pareceu aliviada com isso, dando-lhes um aceno de cabeça. Ao fazê-lo, um beija-flor flutuou perto do alimentador. As três mulheres assistiram por um momento, o sorriso retornando ao rosto de Callie.

—Espero que você possa descobrir quem fez isso, disse Callie. Há rumores de que uma família em Whip Springs também foi morta. Marido e mulher. É verdade?

—Não podemos comentar sobre isso, disse Kate, odiando seu tom. Sabia que, para alguém como Callie Spencer, aquele comentário evasivo soaria como um grande e gordo sim.

—Bem, boa sorte, Agentes, disse Callie quando Kate e DeMarco começaram a descer as escadas.

DeMarco ficou atrás do volante desta vez. Quando Kate abriu a porta do passageiro, ela olhou de volta para Callie Spencer em sua varanda. Estava olhando fixamente para o beija-flor — que agora

estava acompanhado por mais dois. Foi então que Kate percebeu que Callie não estava muito interessada nos pássaros, já que estava decidida a não olhar na direção da casa dos Langley. Encontrando algo triste e consolador nisto, Kate entrou no carro e pegou as instruções para chegar a Gingos Pizza.

CAPÍTULO NOVE

Chegaram a Gingos no exato momento em que a *hora do rush* do almoço aparentemente havia diminuído. Lá dentro, o estômago de Kate respondeu imediatamente ao delicioso cheiro das pizzas e calzones. Ela mal conseguia se lembrar de tomar café da manhã, já que boa parte do começo do dia parecia ter sido nada além de uma bagunça.

—Com fome? DeMarco perguntou.

—Você leu minha mente.

Elas se aproximaram do pequeno estande enfeitado com uma placa dizendo: Por Favor, Esperem Para Conduzirmos aos Seus Lugares. Uma menina adolescente cumprimentou-as com um sorriso. Mesa para dois? Perguntou ela.

—Sim e, se você não se importa, gostaríamos de falar com um rapaz que trabalha aqui. Davey está aqui hoje?

—Não, hoje não, disse a anfitriã.

—Que tal o gerente? DeMarco perguntou. Ele está aqui?

—Sim. Você precisa falar com ele?

—Sim, por favor, disse Kate. Olhou ao redor do lugar e viu que estava praticamente morto. Ela se perguntou se isso era um reflexo da comida, mas seu estômago estava com muita fome para realmente se importar. Então, ela acrescentou:

—Enquanto comemos, se você não se importa.

A anfitriã as conduziu a uma mesa na parte de trás do restaurante, pegou seus pedidos de bebida e voltou para a área da cozinha. Depois de olhar o cardápio e decidir que ambas estavam morrendo de fome, Kate e DeMarco optaram por uma pizza grande. Elas brigaram pelos sabores por um momento — DeMarco fazia parte dos excêntricos que achavam que o abacaxi pertencia ao mundo das pizzas — e isso trouxe um sorriso ao rosto de Kate. Esse foi apenas o segundo caso em que elas trabalharam juntas e tinham uma química natural que a maioria dos parceiros demorava a construir.

Eu realmente preciso conhecê-la melhor, Kate pensou.

A anfitriã voltou três minutos depois com suas bebidas. Um homem de meia-idade estava com ela. Seu pequeno crachá preso

ao peito de sua camisa dizia Teddy. A anfitriã anotou o pedido, deixando-as com Teddy. Ele olhou para as duas com um olhar nervoso no rosto, talvez supondo que elas quisessem reclamar do serviço ou do funcionário que haviam mencionado pelo nome para a anfitriã.

—Eu sou Teddy King, o homem disse em um tom suave. Era o tipo de tom que alguém que estava acostumado a pedir desculpas tendia a se adaptar. Disseram-me que vocês precisavam falar com o gerente?

—Sim, disse Kate. Novamente deu uma olhada ao redor do lugar. Se houvesse mais clientes (atualmente havia apenas três pessoas, todas sentadas juntas no lado oposto do restaurante), não falaria sobre o caso em uma mesa em um ambiente aberto. Mas no momento este lugar era tão privado e tranquilo como qualquer outro lugar. Ela tirou sua identidade e colocou-a na mesa, não querendo dar aos outros três clientes a oportunidade de vê-la se por acaso olhassem nessa direção.

—Eu sou Agente Wise do FBI, e esta é a minha parceira, a Agente DeMarco. Estamos trabalhando em um caso que nos levou a um de seus funcionários, um jovem chamado Davey.

—Este seria Davey Armstrong, disse Teddy. Kate pensou ter captado uma ponta de irritação em sua voz.

—Parece que você não está muito surpreso que as autoridades possam estar procurando por ele, apontou Kate.

Teddy se sentou na cadeira na beira da mesa e encolheu os ombros. Bem, digo, eu não o pintaria como um criminoso ou algo assim, mas ele é exatamente o tipo que sempre faz você se sentir no limite. Ele é um empregado decente quando quer ser, eu acho. Um pouco preguiçoso, às vezes. Eu quase o demiti em duas ocasiões diferentes, mas... eu não sei. Eu fico tocado com uma história triste.

—Qual é a versão da história triste dele que você ouviu? Kate perguntou.

—Bem, eu conheci a mãe dele. Fui para o ensino médio com ela. E quando ele entrou procurando um emprego cerca de um ano atrás, eu fiz a conexão imediatamente. Eu mantive contato conversando com ele depois que sua mãe morreu. Ele foi rebatido

de membro da família para membro da família, nunca tendo realmente uma casa. Eu falei com ele uma vez sobre sua mãe, só para informá-lo que eu a conhecia e achava que ela era uma mulher incrível. Isso o deixou triste, mas ele pareceu gostar de ouvir. Mas mesmo assim, quando tentava me conectar com ele, senti que poderia ter sido um erro contratá-lo.

—Um erro? DeMarco perguntou. Por que isso?

—Bem, ele não é muito responsável. Ele tem vinte e seis anos e não está motivado. E ele não é muito bom com as pessoas. Depois que percebi isso, fiz questão de colocá-lo como motorista de entrega — mantê-lo fora da loja e longe dos clientes pagantes, sabe? Além disso, às vezes, ele simplesmente tem essa aparência — me perdoe por dizer isso — assusta demais as pessoas. Eu tenho garçones reclamando sobre isso. E você sabe, ele parece preferir... estar no carro, dirigindo e entregando comida.

—Se eu fosse lhe der alguns curtos períodos de tempo, você seria capaz de me dizer se Davey estava fazendo entregas durante esses horários?

—Sim. Apenas deixem-me ir pegar o cronograma.

Teddy se levantou, deixando Kate e DeMarco pensando sobre o que acabavam de ouvir. Kate tentou imaginar um desbotado rapaz de 26 anos de idade, que lidou com a mão pesada da vida trabalhando em um lugar como aquele. Mesmo fazendo entregas por aí, supôs que poderia entender como alguém como Davey Armstrong poderia ter um ar pesado.

Teddy retornou com o cronograma e voltou a se sentar. Ele também trouxe a pizza consigo. Kate ficou impressionada. Levou menos de dez minutos — o que, em sua experiência, tinha que ser algum tipo de recorde. Talvez fosse o crachá e a identidade do FBI. Vinha com certas vantagens e, aparentemente, pegar pizza rapidamente era uma delas.

—A primeira data seria ontem, entre o almoço e às seis da tarde, disse Kate. A outra não é certa, mas provavelmente teria sido quatro ou cinco dias atrás. Então, digamos segunda ou terça-feira.

Teddy examinou a programação e apontou para uma coluna com o nome de Davey no topo. Estava de folga na segunda-feira, mas trabalhou sete horas, das duas às nove da noite de terça-feira. E

então sim, estava trabalhando ontem das cinco da tarde até o fechamento.

—Por acaso você percebeu alguma coisa em qualquer um desses dias? Kate perguntou.

—Bem, como eu disse... ele sempre parece um pouco diferente. Mas não... eu não notei nada fora do comum. Apesar...—

Ele parou aqui, como se um pensamento tivesse acabado de surgir na sua mente.

—O que? Kate perguntou.

—Estava atrasado para voltar de uma dessas entregas na terça-feira. Eu não reclamei muito com ele, porque não estávamos tão ocupados. Ele alegou que ele bateu e bateu na porta da pessoa, mas ela demorou até aparecer. Disse que era por isso que estava atrasado.

—O quão atrasado estamos falando? Perguntou DeMarco.

—A corrida até lá e o retorno deveria levar apenas meia hora, mas ele ficou fora por pouco mais de uma hora.

—Podemos ver os endereços onde ele entregou pizzas durante essa corrida?

—Certo. Vou ter que olhar nos recibos e pedidos, no entanto. Pode demorar alguns minutos.

—Sem pressa, disse Kate. Quando você conseguir as informações, basta nos ligar. Ela deslizou um cartão de visita para ele e depois acrescentou: Por acaso você já o ouviu falar mal sobre a família Langley?

—De modo nenhum. Gostava bastante deles. Por que... há algo errado?

Kate não queria contar a esse homem a notícia dos Langley. Ficou realmente surpresa por ele ainda não ter ouvido. Isso fez Kate se perguntar se Davey estava sabendo sobre o destino da família que o criou por um tempo.

—Scott e Bethany foram mortos há três dias.

—Ah meu Deus, disse Teddy. Bem, eu não acho que Davey tenha alguma ideia. Há três dias?

—Parece que sim, disse DeMarco.

—E você acha que Davey teve algo a ver com isso?

—É muito cedo para fazer tal especulação, disse Kate. Por acaso você faz ideia de onde ele mora?

—Sim. Eu tive que dar-lhe algumas caronas para casa quando seu carro estava no conserto. E tenho certeza que você o pegaria lá agora. Ele pode não parecer muito comprometido com o trabalho, mas com certeza está comprometido com Fortnite.

Kate ouvira falar de Fortnite; ela tinha certeza de que era um jogo on-line recente que era insanamente popular entre os adolescentes. Não queria dizer nada, porque não tinha muita certeza.

Ah, a velhice ataca novamente, ela pensou.

—Você se importaria de nos dar o endereço? Kate perguntou.

—Eu não sei o endereço exato, mas posso dar as instruções. Você não vai se perder. Ele ouve música tão malditamente alta que seus vizinhos fizeram reclamações do barulho que ele faz.

—Isso seria ótimo, disse Kate.

E enquanto Teddy lhes dava as direções para o apartamento de Davey, a mente de Kate vagou um pouco. Como Davey não sabia sobre as mortes das pessoas que ajudaram a criá-lo? Parecia peculiar para ela. Mas ainda mais peculiar do que isso era a ideia de que talvez ele *de fato* soubesse e decidisse guardar para si mesmo, resolvendo não contar a Teddy ou a qualquer pessoa com quem trabalhasse.

E por que ele faria isso? Kate só conseguia pensar em uma coisa: porque estava escondendo um pouco de culpa.

CAPÍTULO DEZ

Um simples telefonema para a polícia foi o suficiente para Kate descobrir que Davey Armstrong não havia sido informado das mortes dos Langley. Ele não estava listado como um membro da família em nenhum dos relatórios, a única ligação era um formulário médico de oito anos atrás, onde Bethany Langley tinha sido listada como seu contato de emergência.

Isso fez com que a visita repentina fosse ainda mais crucial. Elas não só o questionariam sobre o seu paradeiro durante o período dos assassinatos como teriam uma ideia do seu estado mental, mas elas aparentemente iriam informá-lo sobre a morte de seus tios.

As instruções de Teddy foram bem detalhadas, então facilmente encontraram o conjunto de apartamentos. Não era realmente um conjunto, pois era uma estrutura grande parecendo uma casa, com cinco apartamentos separados. Ficava em um pequeno complexo com três outras estruturas. Quando Kate e DeMarco saíram do carro, elas ouviram uma das características de Teddy, que foi muito bem descrita: o som estrondoso da música transformava-se em um barulho detestável. Era uma espécie de metal pesado pelo que Kate poderia dizer, guitarras rangendo e uma baterias soando como metralhadoras.

Vinha do apartamento 3B, como Teddy dissera. As Agentes se aproximaram da porta e Kate não perdeu tempo tentando ser educada. Ela bateu com força na porta, certificando-se de que ela podia para sobrepôr o rugido da música. Uma voz demoníaca e gutural juntava-se às guitarras e baterias agora.

Depois de alguns minutos, a música parou. Passos apressados podiam ser ouvidos vindo em direção à porta. Abriu-se rapidamente, o suficiente para um homem de aparência agitada olhar pela porta para elas.

—Sim? Ele perguntou, claramente parecendo que estava sendo terrivelmente incomodado.

—Você é David Armstrong? Kate perguntou.

—Sim. E você é?

Kate e DeMarco mostraram seus IDs quase em perfeita sincronia. Davey estudou-as com grande atenção, sua expressão indo do

espanto ao medo. Ele olhou desconfiado para elas, mas ainda mostrava uma ponta de irritação.

—Sou a Agente Wise, e esta é minha parceira, a Agente DeMarco. Chegou ao nosso conhecimento que você é sobrinho de Scott e Bethany Langley.

—Eu sou, disse ele. Então ele espiou por cima do ombro. Kate podia ver um computador atrás dele, viu a tela do menu de um jogo.

—Por que o FBI está interessado em mim *ou* nos Langley?

—Podemos entrar? Kate perguntou.

—Isso é mesmo necessário? Davey perguntou.

—Isso tornaria as coisas muito mais fáceis e nós largaremos do seu pé mais rápido, disse Kate.

—OK.

Davey deu um passo para o lado e permitiu que entrassem. Quando passaram pela porta, DeMarco perdeu pouco tempo. Quando foi a última vez que você falou com eles? Ela perguntou.

—Eu não sei, disse Davey. Ele sentou-se atrás da mesa do computador e verificou algo na tela. Estava jogando Fortnite, como Teddy havia sugerido.

—Talvez um mês ou mais. Tia Bethany ligou para dizer oi. Apenas para saber se estava bem.

Kate olhou para DeMarco e deu um olhar que ela esperava comunicar: “não se preocupe, estou no controle”

—Sr. Armstrong, lamento ser a única a lhe dizer isso, mas Bethany e Scott estão mortos. Eles foram mortos em casa há quatro ou cinco dias.

Algo semelhante a um choque surgiu no rosto de Davey, mas não ficou lá por muito tempo. Olhou para o chão por um momento e foi então que Kate teve certeza de que iria cair em lágrimas. Mas ele não fez nada disso. Olhou de volta para as Agentes, olhando para uma e para outra.

—Vocês já sabem quem fez isso? Davey perguntou. Vocês o pegaram?

—Não, disse Demarco. É por isso que estamos aqui. Esperávamos que você pudesse esclarecer o porquê de alguém querer matá-los.

—Ah, ele disse, distraidamente. Pelo menos parecia não importar tanto com o jogo atrás dele, mas ele também não parecia tão chateado quanto Kate esperava. Parecia distante, quase como se estivesse pensando em outra coisa completamente diferente. — Bem, eu não sei. Eles eram bons, sabe? Boas pessoas. Eu não consigo pensar em ninguém que queira matá-los...

—Davey, você está bem? Kate perguntou.

Ele olhou para ela e quando o fez, ela viu o medo em seus olhos. Estava assustado e claramente desconfortável. Kate sabia que a mente humana passava por vários estágios enquanto tentava aceitar uma perda monumental, mas isso parecia fora do comum.

—E você tem certeza de que não falou com eles recentemente? Kate perguntou.

—Eu te disse, há semanas, ele disse, apontando para ela. Olha... eu preciso ir. Eu preciso sair e...

Ele se levantou e foi para a porta. Ele se moveu de tal maneira que, por uma fração de segundo, Kate achou que ele ia atacá-la — talvez puxando uma arma. Mas ele apenas foi direto para a porta da frente, fazendo tudo que podia para não olhar para elas.

DeMarco surpreendeu Kate pondo-se de pé e movendo-se como um felino. Ela chegou até a porta antes de Davey, bloqueando seu caminho.

—Davey, sabemos que esta é uma notícia miserável para digerir, mas nós realmente precisamos que você fique aqui conosco por um pouco mais de tempo. Apenas mais algumas perguntas e nós podemos —

Davey soltou um grito de revirar as entranhas que era meio irado e meio desesperado. Ele jogou o ombro em DeMarco, jogando-a de volta com força contra o batente da porta. Assim que a cabeça dela bateu na porta, Davey passou por ela. Kate notou que ele não a havia fechado quando elas entraram, indicando que tinha planejado correr lá para fora.

Kate ficou de pé e correu atrás dele. DeMarco parecia um pouco tonta, apoiando-se contra a parede para se certificar de que não cairia. Ela deu dois passos largos atrás dele, foi quando ele bateu a porta na cara dela pelo lado de fora. Ela bloqueou a porta com o

antebraço e a empurrou. Saiu para a varanda assim que Davey desceu o pequeno lance de escadas.

Kate soube imediatamente que não seria capaz de alcançá-lo, então decidiu não correr. Em vez de correr atrás dele, deu um grande passo até a beira da varanda e se lançou para frente. Soube imediatamente que havia superestimado a distância; em vez de pegá-lo na parte de trás dos joelhos, ela acabaria batendo na parte superior das costas dele.

Ela se preparou para o impacto e sentiu uma pontada de dor em seu pescoço quando colidiram. Seu peso todo bateu nele por trás. Ele caiu tão rápido, que quando caiu, suas pernas quase subiram por cima da cabeça em um meio mortal. Kate conseguiu travar o braço direito em volta do pescoço dele quando os dois caíram, aplicando um estrangulamento quando atingiram o chão, o ar saindo de seus pulmões e a dor dissonante que a atravessou a lembraram que estava bem perto dos cinquenta anos de idade.

Ainda assim, a adrenalina foi suficiente para ajudá-la a rolar por cima dele, plantar um joelho nas suas costas e puxar os braços dele para trás. Era uma especialista no assunto e ficou aliviada quando ouviu DeMarco se aproximando por trás. Com a ajuda dela, puxaram Davey Armstrong pelos pés. Kate tentou disfarçar uma careta quando viu que ele tinha esfolado o lado do rosto com a queda. A culpa era dela, já que poderia ter sido um pouco mais gentil.

—Por que você correu? DeMarco perguntou.

Davey não disse nada. Elas o levaram para o carro, Kate correu à frente. Ela abriu o porta-malas, procurando por um kit de primeiros socorros. Ela encontrou um, tirou o pacote de lenços antibacterianos e o abriu. Antes de colocar Davey na parte de trás do carro, ela limpou o sangue do desagradável arranhão em seu rosto. Ele estremeceu com a pontada mais não disse nada.

—Você sabe por que estamos levando você com a gente, David? DeMarco perguntou.

—Porque eles estão mortos, disse ele. E eu acho que você pensou que eu fiz isso.

Quando ele entrou no banco de trás, Kate e DeMarco compartilharam um olhar desconfortável por cima do teto do carro.

Você está bem? DeMarco perguntou em voz baixa.

Kate concordou, embora fosse difícil dizer se estava ferida de alguma forma. A adrenalina ainda estava correndo através dela. Naquele momento, ela se sentia mais do que bem. Ela se sentia ótima.

—E você? Kate perguntou.

—Minha cabeça dói. Ele me deu uma boa pancada. Mas eu estou bem.

—Eu deveria dirigir, então, disse Kate. Vou ligar para a estação e avisá-los que estamos chegando com... com o que? Acredita que ele seja um suspeito?

—Parece que sim, Kate disse ao tomar o lugar atrás do volante. Ela recordou o medo que viu em seus olhos e a velocidade e fúria absoluta em sua fuga e grito. Não fazia sentido para ela que ele fosse o assassino, mas, novamente, por que ele permanecia em silêncio? Por que ele correu?

Com os últimos resíduos de adrenalina percorrendo-a, Kate ponderou essas questões. Na parte de trás do carro, Davey Armstrong permaneceu quieto, como se estivesse guardando algum segredo sombrio.

CAPÍTULO ONZE

Kate estava tomando outra xícara de café e aguardando sua vez de falar com Davey Armstrong. Estava sentada com DeMarco na sala de conferências que servia como escritório temporário, assistindo a filmagens em uma televisão montada na parede enquanto o chefe de polícia sentava-se do outro lado da mesa de Davey em um cubículo adjacente. Não havia sala de interrogatório formal no Departamento de Polícia da Cidade de Roanoke, de modo que Davey estava em uma cela informal.

Pelo que Kate percebia, Davey ainda não estava falando nada. Olhou para a figura silenciosa dele na tela, tentando compreender o que se passava em sua cabeça.

—Você acha que ele se enquadra na situação? DeMarco perguntou.

—Ele tem histórico para sugerir que pode haver algum tipo de tensão entre ele e os Langley, mas não. Aqueles assassinatos foram terríveis. Se ele os matasse, acho que estaria mais interessado em falar. Contando-nos o porquê. Deixando-nos saber como.

—E se ele ficar quieto, para ver o quanto sabemos? Perguntou DeMarco. E se ele matou mais pessoas e quer saber se já descobrimos os corpos? Os Nash, por exemplo.

Era uma boa suspeita e valia a pena dar continuidade a isso. Na tela, o chefe começou a se levantar, aparentemente cansado de tentar convencer Davey a falar. Quando ele começou a se dirigir para a porta e já estava parcialmente fora da tela, o celular de Kate tocou. Era um número desconhecido, com um código de área de Roanoke.

—Olá, ela disse.

Havia a voz de um homem do outro lado. Ele falou com ela por cerca de trinta segundos antes de Kate dizer: “Tudo bem. Muito obrigada.”

Ela encerrou a ligação e foi imediatamente para a porta da sala de conferências. Vamos, ela disse a DeMarco. Nós o pegamos. Davey Armstrong é o nosso assassino.

Kate se sentou em frente a Davey, na mesma cadeira em que o chefe de polícia havia se sentado momentos atrás. Olhou para Davey através das barras da cela de retenção. DeMarco sentou-se ao lado dela, imersa em pensamentos sobre a revelação que Kate acabara de lhe contar.

—Vou lhe dar uma última chance de dizer alguma coisa, disse Kate. Acabei de receber um telefonema que não conta toda a história, mas conta o suficiente. O suficiente para prendê-lo formalmente por assassinato. Então, você tem cinco segundos para descobrir se tem algo a dizer.

Kate deu a ele os cinco segundos. Ela notou DeMarco silenciosamente contando o tempo nos dedos enquanto os segundos passavam.

—Tudo bem, disse Kate. Hoje cedo, conversamos com Teddy King, seu gerente na Gingos. Ele nos disse que na tarde de terça-feira, você estava muito atrasado voltando de uma de suas entregas. Ele acabou de me ligar a alguns instantes com os nomes e endereços que você visitou naquela corrida. Um deles era a casa de Scott e Bethany Langley. E isso simplesmente coincide com a janela de tempo em que eles foram mortos. Então... Agora você tem alguma coisa a dizer?

Ele olhou para elas com toda a integridade de um animal preso. Foi pego e sabia disso. Deu de ombros preguiçosamente e, pela primeira vez desde que soube que sua tia e seu tio haviam morrido, derramou uma lágrima.

—Eu menti antes. Eu na verdade não falo com eles a meses, ele disse. Talvez a última vez foi um ano atrás. Eles não estavam felizes comigo. Não me expulsaram de casa, mas pediram que eu fosse embora. Então me matriculei na faculdade, consegui um emprego e um lugar pra morar. Eles tentaram manter contato, mas eu dei um gelo.

—Por que eles pediram para você ir embora? Perguntou DeMarco.

—Isso foi há quase dez anos, disse Davey. Eu comecei a usar drogas. Apenas um pouco de coca de vez em quando. Eu não era

viciado. Não, então...

Ele parou aqui, sentindo que não estava pronto para encarar uma verdade que estava tentando emergir.

—Houve algum tipo de discussão quando você parou para entregar as pizzas? Perguntou Kate.

—Não. Eu nem bati na porta. Deixei as pizzas na varanda, buzinei e saí.

Kate não acreditou nele. Nem um pouco. Estava falando rápido demais, como alguém dizendo a primeira coisa que apareceu em sua cabeça.

—Quando você entrega pizzas, os clientes têm que assinar alguma coisa? Kate perguntou.

—Não. Não, a menos que paguem com cheque.

Ela podia ver a incerteza em seus olhos enquanto ele tentava calcular seu próximo movimento. Ela podia praticamente ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto ele tentava antecipar todos os fins desta conversa — como não ser pego em uma mentira, como responder a cada pergunta de uma maneira que não o prendesse.

—Como os Langley pagaram? Perguntou Demarco. Se você simplesmente abandonou as pizzas e correu, eles tinham que ter pagado antecipadamente, certo?

—Sim. Eu acho que eles fizeram isso. No Gingos, você pode encomendar on-line. Nós começamos alguns meses atrás. Acho que eles pagaram assim, porque o pedido não dizia nada sobre a cobrança do pagamento.

Kate considerou tudo isso e tomou a decisão de deixá-lo descansar por enquanto. Quer Davey percebesse ou não, ele acabara de lhes dar informações mais do que suficientes. Baseado em tudo o que ele tinha acabado de dizer, haveria mais do que o suficiente para pegá-lo em uma mentira descarada ou liberá-lo.

Quanto a Kate, estava totalmente a espera de uma mentira.

—Obrigada, Sr. Armstrong, disse ela. Precisamos verificar algumas coisas, mas se você estiver dizendo a verdade, poderá sair dentro de algumas horas.

—Verificar o quê? Ele perguntou. Por que diabos eu sou um suspeito nisso tudo?

Kate sorriu, incapaz de esconder. Porque eu faço isso a tempo suficiente para saber quando estou sendo enganada.

E com isso, saiu da sala. Ela esperava que Davey falasse alguma verdade enquanto saía, mas ele permaneceu em silêncio. Depois de alguns segundos, DeMarco seguiu atrás dela, deixando Davey sozinho na cela.

—Você viu seus antebraços?

DeMarco fez a pergunta quase sem entusiasmo. Estava olhando diretamente para a parede, como se estivesse olhando para um diagrama que tinha todas as respostas para o caso.

—Não, disse Katie deveria ter olhado para eles?

DeMarco deu de ombros. Eu quase deixei passar esse detalhe. Mas havia marcas de injeção. Fracas, mas estavam lá. Se eu não tivesse um histórico com isso — um parente, não eu, então — nem teria visto isso.

—Heroína? Kate perguntou.

—Sim, com certeza, disse DeMarco.

—Então, talvez ele queira esconder fatos a respeito disso? Kate sugeriu. Talvez ele estivesse atrasado com essas entregas porque estava usando drogas. Talvez a ideia de ter que ver os Langley o estressasse.

—Pode ser. Alguns usuários têm tanta vergonha de seu hábito que podem mantê-lo em segredo a qualquer custo. Mas ainda assim... Eu não acho que isso justifique atacar uma Agente do FBI em um esforço para escapar.

—Concordo, disse Kate, olhando para o monitor de TV na parede. Davey ainda estava sentado lá, ligeiramente debruçado para frente e olhando para o chão.

Kate queria mais uma sessão com ele, queria perguntar-lhe sobre o uso de drogas e se isso havia alguma conexão com os Langley. Com base no que sabia sobre os Langley, duvidava que houvesse uma conexão. Mas qualquer chance de convencê-lo a falar sobre sua tia e seu tio cavaría um buraco mais profundo ou apenas daria a elas motivo para libertá-lo.

Antes que pudesse começar a formular uma linha de questionamentos, seu celular tocou. Quando viu que era Duran, ela se encolheu. Sabia que o homem era como um mágico em obter detalhes de uma maneira rápida e oportuna. Ela se perguntou se ele havia descoberto de alguma forma o seu tratamento meio rude para Davey Armstrong.

—É Duran, disse ela à DeMarco. Então respondeu:

—Wise falando.

—Onde estamos no caso? Duran perguntou.

—Temos um homem sob custódia agora, disse Kate. Acabei de interrogá-lo.

—Você acha que é o cara?

—Eu não sei ainda. Ele é culpado de alguma coisa. Uso de drogas, provavelmente. Mas não tenho certeza se terei o suficiente para relacionar os assassinatos a ele.

—Envie-me quaisquer anotações que você tenha, assim como o relatório de prisão. Eu tenho uma pendência de pesquisa aqui em Washington na qual eu poderia usar sua ajuda. Um dos seus casos antigos, que alguns Agentes acham que pode ajudar a acabar com uma série de sequestros e uma suspeita rede de pedofilia na área de Baltimore. Você se lembra de Frank Costello?

—Lembro, disse ela com um calafrio.

Costello sequestrou e matou sete crianças em 1998, levando-as em uma área que se estendia entre Washington, DC e Louisville, Kentucky. Era um dos casos que ela recordava como sua maior conquista, mas ao mesmo tempo, um fracasso no fim. Quando Costello foi contratado, ele alegou ter sequestrado mais três crianças e que não havia trabalhado sozinho. Ele nunca cedeu os locais das outras três crianças ou da pessoa com quem ele afirmava estar trabalhando. Essa informação foi com ele para o túmulo, quando se matou mordendo um dos seus pulsos na cela, três dias depois de ser pego.

—Eu gostaria que você conhecesse esse time. Muito do que eles conseguiram espelha os movimentos e os comportamentos de Costello. Não podemos deixar de nos perguntar se esta última série de sequestros é o trabalho do homem com quem Costello estava trabalhando.

—Sim, eu posso ir para lá.

—Bom. Pensei em só usar o Skype, mas esse pessoal podia aproveitar você lá cara a cara. Uma ótima oportunidade de aprendizado. Então... Desculpe, Wise. Eu sinto que talvez eu tenha sobrecarregado você. Se há mais nesse caso em Roanoke, você acha que DeMarco poderia lidar com isso sozinha?

—Sim, acho que sim.

—Bom. Mande-me as informações e volte para a cidade. Se você pudesse estar aqui amanhã, seria o ideal. Tudo bem para você?

Kate olhou para Davey Armstrong no monitor. Se ele era o assassino, ela e DeMarco tinham cercado o caso muito mais rápido do que ela esperava. Se ele não era, Kate não achava que ele faria muito para ajudá-las a localizar o *verdadeiro* assassino. Mas ela também não achava que estava em qualquer posição para dizer a Duran que não. Se queria este pequeno acordo que eles tinham organizado entre elas e o bureau, ela precisava resistir a qualquer impulso de retroceder.

—Devo conseguir, disse ela. Vejo você amanhã.

Com isso, Duran encerrou a ligação. Kate colocou o telefone no bolso quando um pensamento lhe ocorreu. A história de deixar as pizzas na varanda parecia fraca demais. Deveria haver alguma maneira de descobrir facilmente se era verdade ou não. Talvez uma ligação para o Teddy King. Certamente um cliente que encontrasse suas pizzas na varanda ligaria para reclamar, certo?

—Você disse vejo você *amanhã*? DeMarco perguntou.

—Sim. Ele me quer de volta a DC. Há alguns Agentes que aparentemente encontraram laços com um dos meus casos frios sobre uma rede de pedofilia. Eu disse a ele que achava que você estaria bem aqui.

—Eu agradeço, disse ela, sua expressão reforçando o que ela quis dizer.

—Agente DeMarco, você se importaria de pegar o relatório da polícia e garantir que uma cópia seja enviada ao diretor Duran o mais rápido possível? Mas primeiro talvez devêssemos organizar a sua situação com o carro e a hospedagem.

DeMarco concordou. Parecia um pouco animada com a perspectiva de ser deixada sozinha neste caso, mas ao mesmo

tempo, Kate pensou ter visto um pouco de decepção.

—Você está bem? Kate perguntou.

—Sim. Eu dirigia casos sozinha o tempo todo quando estava trabalhando em crimes violentos. E mesmo que Davey Armstrong não seja nosso cara, tem que haver uma pista escondida nele ou em uma de suas histórias em algum lugar.

—Talvez, Kate disse, mas ela realmente não achava que este acabaria sendo o caso.

CAPÍTULO DOZE

—Sabe, Kate disse enquanto dirigia com DeMarco para o Holiday Inn mais próximo, você não precisa de mim para terminar isso. Você é capaz de fazer isso sozinha.

—Eu sei, disse ela. Mas, sendo honesta, simplesmente não gosto do jeito como o diretor Duran acha que consegue arrancar e puxar você pra lá e pra cá. Você ficou o quê... um mês sem receber uma ligação? E agora ele manda você pra cá para checar esses assassinatos e depois espera que você mude tudo e abandone o caso repentinamente?

—Ah, eu também frustração, disse Kate. Mas há um acordo de trabalho realmente bizarro em relação à minha volta da aposentadoria. Até que algo mais concreto seja estabelecido, eu não posso me rebelar.

—Eu imagino que seja um pouco mais fácil estar de volta em Washington, certo? DeMarco perguntou. Quero dizer, com sua neta.

—Sim. Disse Kate, sentindo uma pontada no coração quando se lembrou de como terminara a noite de ontem.

Difícil pensar em ontem se ainda não dormi, pensou Kate.

—E você? Kate perguntou. Algum motivo para você não querer estar perto de DC?

—Não, não realmente. Eu sempre gostei de viajar, então o trabalho me serve. Minha mãe mora em Bethesda, mas fora isso não há familiares por lá. Nenhum interesse amoroso também.

—Sim, você mencionou isso no caminho até aqui, disse Kate. E tenho que admitir... Sinto que preciso me desculpar. Eu realmente não me aprofundei em conhecer você. Eu não sabia que você era gay.

DeMarco deu de ombros. Eu não sou do tipo que deixa isso me definir, sabe? Não é o meu *cartão de visita*, não dou sinais ou faço qualquer coisa do tipo. Você e eu... nós nunca tivemos uma conversa em que esse assunto surgiu de uma maneira natural.

—Eu sei, disse Kate. E acho que isso pode ter acontecido porque as conversas sempre foram sobre mim, sobre como foi sair da aposentadoria. Meio egoísta da minha parte.

—Não se preocupe, disse DeMarco. Eu não posso nem imaginar como é ficar nesse trabalho quando se tem netos. E você fez isso *bem* por tanto tempo.

Kate não disse nada, embora quisesse explicar a DeMarco que sua dedicação ao trabalho fora uma enorme pressão para sua família. Ela também guardou todos os pensamentos sobre seu marido, Michael, certamente não querendo dizer a ela que, mesmo depois de Michael ter sido morto, o trabalho tinha ficado em primeiro lugar. Simplesmente tinha sido algo do qual ela nunca foi capaz de se libertar.

—Você disse que sua mãe mora em Bethesda, disse Kate. Vocês são próximas?

—Acho que sim. Nós nunca fomos muito unidas. Mas sou tudo o que ela tem, por mais triste que pareça, então suponho que somos próximas o suficiente.

DeMarco olhou inexpressivamente para fora do para-brisa enquanto conversava brevemente sobre a mãe. Ela falou rapidamente e em um tom monótono também. Para Kate, era uma maneira não verbal e educada de dizer *eu realmente preferiria não falar sobre isso*.

Quando o letreiro do Holiday Inn apareceu, Kate sentiu uma sensação de culpa pela primeira vez. Estava abandonando DeMarco? Claro, ela só estava seguindo as ordens de Duran, mas ainda assim... vieram aqui juntas para tentar resolver esses assassinatos e lá estava ela, pouco mais de doze horas depois, prestes a voltar sem ela.

—Por favor, não hesite em me ligar com qualquer nova informação. Se isso começar a piorar, imagino que Duran vai me enviar de volta para ajudar.

—Vou manter isso em mente, mas acho que vou ficar bem, disse DeMarco.

—Quer que eu ligue antes para uma locadora de carros? Perguntou Kate.

—Não, eu delegarei isso à polícia. Talvez eu consiga que Palmetto faça isso.

Kate riu enquanto entrava no estacionamento do Holiday.

—Realmente espero que você tenha encerrado o caso no momento em que eu voltar para casa, disse ela com um sorriso.

—Não conseguimos resolver todos os casos como Kate Wise, disse DeMarco. Mas obrigada pelo voto de confiança.

Kate estacionou em frente ao local de hospedagem. Esteve aqui antes, presa no limbo sem saber exatamente onde ela iria ficar ou como ela iria chegar do Ponto A ao Ponto B. Ela se lembrou daquela parte de sua carreira com carinho, particularmente de um caso em Utah onde ficou presa por dois dias, porque seu carro alugado quebrou e ocorreu alguma falta de comunicação entre a agência e o aeroporto. Sentia falta daqueles dias e invejava DeMarco um pouco.

—Seja cautelosa e fique alerta, disse Kate.

—Diz a mulher de cinquenta e cinco anos que se jogou de uma varanda e deu uma *voadora* no Davey Armstrong três horas atrás, disse DeMarco.

Com um sorriso e um aceno de cabeça, DeMarco saiu do carro. Ela deu um último aceno enquanto se dirigia através das portas do saguão e depois desapareceu lá dentro.

Kate verificou a hora e viu que, de alguma forma, eram apenas 4:47 da tarde. Não estava mais verdadeiramente cansada, tendo sido revigorada pelo café e encontrando seu segundo fôlego depois de perseguir Davey Armstrong. Se dirigisse direto sem parar, ela achava que poderia voltar para casa por volta das oito e meia. Podia dormir a noite inteira e acordar por volta das sete da manhã para ligar para Duran para ver como ela poderia ajudar no trabalho de pesquisa.

Embora detestasse deixar um caso ainda não oficialmente encerrado, também não podia negar que era muito bom sentir-se desejada — sentir-se *necessária* em um trabalho que outrora a definiu tão fortemente.

Ainda assim, essa promessa de vida normal brilhava com força. Foi o que fez com que ela pegasse o telefone e mandasse uma mensagem rápida para Melissa antes de sair do estacionamento. Pensou sobre o que dizer por alguns segundos e, depois de algumas tentativas e erros, finalmente decidiu algo simples e direto: **Desculpe-me pela noite passada. Podemos nos encontrar na segunda-feira?**

Honestamente, não estava esperando uma resposta, mas achava que tinha que pelo menos tentar. E quando ela voltou para a rua na direção de DC, tentou imaginar como se explicar para Melissa. Que diabos deveria dizer? *Desculpe, querida..., mas aquele trabalho que tirou tanto da sua infância e a fez ficar longe de mim já está começando a fazer o mesmo com a minha neta também.*

Era extremamente infeliz e partia seu coração, mas Deus a livre, temia que isso acabasse sendo verdade.

CAPÍTULO TREZE

Kate conseguiu evitar o impacto da exaustão até chegar à saída que a levaria a Richmond. Lá, ela soltou um bocejo tão longo e profundo que praticamente já podia sentir sua cama debaixo de si. Estimou seu tempo quase perfeitamente, finalmente descendo vagorosamente as ruas de Carytown em direção a sua casa às 8:40.

Ainda assim, apesar de estar em algum lugar além do cansaço, não conseguia parar de pensar em DeMarco. Kate sempre teve o hábito de não querer parar de trabalhar em um caso até que uma prisão final, oficial e irrevogável tivesse sido feita. Naturalmente, ela sentia como se tivesse deixado o caso dos casais assassinados muito antes de ter sido verdadeiramente encerrado; sabia que isso iria importuná-la até o caso ser fechado. E embora ela confiasse em DeMarco para fazer o trabalho, Kate Wise nunca gostou de se sentir como se tivesse desistido de alguma coisa.

Encontrou uma vaga de estacionamento perto de sua casa e sentiu como se estivesse sonâmbula enquanto caminhava de seu carro até a varanda da frente. Estava tão cansada que subiu os degraus antes de ver o homem em sua varanda. Estava sentado em uma de suas pequenas cadeiras de Adirondack, sorrindo timidamente para ela.

Era Allen. E apesar do sorriso fino, Kate poderia dizer que estava magoado.

Merda, ela pensou. Nós deveríamos sair para jantar hoje à noite. E eu esqueci completamente.

Ela caminhou até ele e se sentou na cadeira ao seu lado. Eles se sentaram assim em na varanda algumas vezes antes. Geralmente havia um copo de vinho na mão dela e uma cerveja na dele. Mas agora não havia. Agora, sabia que tinha deixado a bola cair e precisava pedir desculpas.

—Allen, eu sinto muito, disse ela. Recebi uma ligação ontem à noite da agência. Eles me mandaram para Roanoke nessa pressa toda... e eu simplesmente esqueci.

—Tudo bem, disse ele. Allen olhou para o relógio e acrescentou: eu ia esperar até nove e depois voltar para casa. Achei que tinha algo a ver com sua filha, neta ou trabalho.

—Por que você não ligou para me lembrar? Ela perguntou.
Não que isso importasse, pensou Kate. Tudo o que teria conseguido era me fazer sentir culpada ao tentar encontrar um assassino.

Allen deu de ombros. Porque eu sabia que não era o meu papel. Eu sei que você tem uma vida. Uma vida muito ocupada. Eu não digo isso à para ser digno de dó, mas sei que não estou na lista de prioridades. E estou bem com isso. É o tipo de relacionamento que preciso em minha vida agora.

—Isso não é justo com você, disse Kate. Há quanto tempo você está esperando aqui?

—Duas horas. Mas está legal. Foi uma boa pausa. Eu li algumas notícias no meu celular, também consegui jogar Sudoku no meu aplicativo. Correndo o risco de parecer brega, eu gosto da sua varanda. Ela me deixa feliz. Deixa-me mais feliz quando você está comigo, mas fico com o que for possível.

Kate estendeu a mão e pegou a mão dele. Você já jantou?

—Não.

—Entre. Podemos preparar algo juntos.

Ele deu um aperto na mão dela e riu. Kate, eu não tenho certeza de onde você esteve e o que você tem feito, mas você parece exausta. Entre e durma um pouco. Podemos fazer isso em outro momento.

—Não. Olha... sim, estou de pé sem dormir pelo último dia e meio ou mais. Mas eu quero te ver. Então, por que você não descobre o que quer comer e dá um jeito nisso? Eu tomo um banho bem rápido e nós podemos sair e pegar a comida.

—Ou poderíamos pedi-la por telefone, disse ele. Se você não se importar comigo por aqui, é claro.

—Isso soa como um plano, disse ela.

Ela mordeu o lábio quando quase se viu convidando-o para o chuveiro com ela depois que ele pediu a comida. O pensamento excitou-a, mas nenhum homem a tinha visto nua desde que Michael morreu, quase seis anos atrás. Tinha sido um longo período e enquanto queria desesperadamente algum tipo de intimidade física novamente, não tinha certeza se poderia ser tão direta e convidativa sobre isso.

—Vá tomar banho, disse ele com mais do que uma pitada de sugestividade em seus olhos. Eu vou pegar nossa comida quando você sair. Será mais rápido do que esperar que seja entregue.

—Obrigada pela compreensão, disse Kate. Ela se inclinou e o beijou devagar. Eles haviam se beijado muitas vezes — frequentemente, na verdade — mas nunca houve um que a tivesse deixado tonta. Este beijo fez isso, mas pode ter sido porque fechar os olhos a fez lembrar do quão cansada estava.

—Você está bem, Kate? Você parece mais do que cansada. Você parece... eu não sei. Incomodada?

Um milhão de coisas passaram pela mente de Kate naquele momento: uma imagem de Michelle em sua cama olhando para ela com olhos esperançosos e expectantes; Davey Armstrong sentado em uma cela em Roanoke; as manchas de sangue no chão da sala de estar dos Nash; o olhar odioso e magoado no rosto de Melissa enquanto ela se afastava com Michelle no banco do carro.

—Eu vou ficar bem, disse Kate. Eu acho que o chuveiro vai me ajudar.

Com isso, voltou para dentro. Ela se sentiu querendo chorar, algo que raramente fazia. Talvez um banho a acordasse um pouco, mas, na medida em que todas as outras coisas nadassem em sua cabeça, nenhum banho quente ou demorado seria capaz de lavar tudo.

Allen estava colocando a mesa quando saiu do quarto. Tomar banho, vestir-se e dar uma arrumada em seu cabelo molhado demorou pouco menos de meia hora. Nesse tempo, Allen aparentemente decidiu caminhar três quarteirões rua abaixo até a *delicatessen* italiana. Ele sabia o que ela gostava lá — um tradicional prato com almôndega — e ele a serviu quando ela entrou.

O chuveiro ajudou um pouco. Mas sabia que o cansaço bateria em breve. Não era um encontro, mas estava feliz em ver Allen, especialmente depois da maneira como as últimas vinte e quatro horas de sua vida tinham se passado.

—Eu sei que queríamos muito esse jantar, disse Allen, colocando o sanduíche de pastrami no prato. Mas estava ficando tarde e eu não queria que você ficasse acordada até mais tarde.

—Não, é perfeito, disse ela. Ela começou a comer imediatamente, não tendo nada substancial desde a pizza no Gingos. E isso já fazia muito tempo.

Eles comeram em silêncio por cerca de três minutos antes de Allen falar. Quando ele falou, Kate poderia dizer que estava muito hesitante em fazer aquela pergunta. Ela o respeitava por ir lá, por fazer as perguntas difíceis para ter certeza de que estava bem.

—Você quer falar sobre isso? Ele perguntou. Seja o que for que a tenha feito viajar para longe... Eu posso ouvi-la, sabe?

—Eu sei, disse ela. Mas o caso ainda não está fechado, então não devo dar nenhuma informação pertinente. Você entende isso, não é?

—Absolutamente. Então, se era um tipo de trabalho tão árduo, o que trouxe você de volta tão cedo?

Fez o melhor que pôde para explicar a situação, deixando-o saber que ela era necessária para algum tipo de papel de pesquisa para ajudar a encerrar um caso local de alta relevância. Quando fez isso, começou a entender o quão auto obcecada deve parecer para ele. Deixando sua neta e acabando com a noite da sua filha... largando tudo imediatamente para que pudesse recapturar um sentimento de propósito.

Deus, eu sempre fui assim? Ela se perguntou enquanto terminava sua explicação e a mesa caiu em silêncio novamente.

Com o jantar comido e a conversa parada, Allen se levantou e limpou os pratos e as embalagens. Já para cama. Você precisa de um serviço de despertador pela manhã? Parece que você vai ter um sono bem pesado.

Aquela mesma faísca que sentiu quando quase lhe pediu para entrar no chuveiro com ela reacendeu. Desta vez, não a ignorou. Talvez se não estivesse tão cansada, teria colocado mais um bloqueio mental contra ela.

—Sim, um toque de despertar seria bom, disse ela. Ela se levantou e foi até ele enquanto ele colocava os pratos na pia. Então,

por volta das sete da manhã, eu preciso que você vire e me sacuda um pouco.

Ele não se incomodou em fingir de bobo. Apenas deu a ela um olhar curioso e sorriu. Tem certeza?

—Tenho, disse ela. Para pontuar isso, ela deu um passo à frente e colocou as mãos na cintura dele. Ela puxou-o e beijou-o suavemente, mas com uma profunda paixão que não sentia há muito tempo.

Ele respondeu em intensidade e de alguma forma, ela acabou com as costas pressionadas contra a pia. Ela teve que parar o beijo apenas para recuperar o fôlego.

Com o rosto ainda diretamente na frente dela, seus lábios não mais do que uma polegada de distância, ele olhou em seus olhos. Esta vai ser a última vez que eu vou lhe perguntar, disse ele. Estou tentando ser educado, mas ainda assim sou um homem. Você tem certeza?

Ela gentilmente empurrou-o para longe e caminhou até a janela da cozinha. Ela fechou as persianas e então se virou para encará-lo. Feito isso, ela alcançou o botão de cima de sua blusa e conseguiu desabotoá-lo. O segundo também. Quando ela começou a desabotoar o terceiro, ela olhou para ele com o que ela esperava que fosse um olhar sedutor.

—Isso seria mais rápido se você desse uma mãozinha. Allen, como se viu, ficou feliz em obedecer. Ele caminhou rapidamente até ela e no turbilhão de outro daqueles beijos, ajudou-a a terminar a tarefa.

Antes de Michael, Kate só tinha dormido com dois homens. Isso fez de Allen o quarto. E quando ela acordou às três da manhã, tentou se lembrar se alguma vez chegara ao clímax tão forte quanto na noite anterior. Ela o alcançou duas vezes e a segunda tinha sido tão intensa que a assustou um pouco. Pensando nisso no escuro, sorriu para si mesma. Ela se virou e olhou para Allen, dormindo tão tranquilamente quanto ela esperava.

Mas o dormir foi complicado. Primeiro, seus nervos continuaram em chamas quando ela e Allen terminaram. Não durou muito e ambos tinham caído na cama bastante cansados. Mas seu corpo permanecera agitado até quase onze horas e depois ela acordou logo após as três com as imagens dos corpos dos Langley em sua mente. Ela os viu da mesma maneira que vira no papel de retrato brilhante dentro dos arquivos do caso. Ensanguentados, massacrados... e para quê?

Então, por razões que não estavam claras, ela começou a ruminar o caso que havia atacado sua memória quando saía de uma loja de Carytown dois dias atrás. Algo sobre esse caso não a deixou em paz. No final, uma menina foi salva e um homem que estava matando pessoas ativamente em uma velocidade alarmante havia sido levado à justiça.

Só que esse não era realmente o caso, pensou na escuridão com Allen ao lado dela. Seu diretor na época havia insistido que eles tinham o culpado, embora algumas das evidências fossem questionáveis na melhor das hipóteses. Eles deram o caso como terminado e, em seguida, depois que a menina foi devolvida em segurança para casa, mais duas crianças foram encontradas assassinadas um mês depois em outro estado. Eles acabaram encontrando o *verdadeiro* assassino, mas Kate nunca se perdoou por ignorar seus instintos — por não argumentar com seu ex-diretor quando sentiu que o homem que eles haviam capturado não era o assassino.

O mais silenciosamente que pôde, saiu da cama e entrou na cozinha. Ela pegou um copo de água e se sentou em sua poltrona, pensando sobre o caso — pensando em DeMarco e sobre um homem que agora estava começando a pensar que não era culpado.

—Você está bem?

Ela se virou e viu Allen parado na porta do quarto. Ele havia colocado suas boxers de volta, mas o resto de seu corpo estava nu. Parecia muito bem para um cara de cinquenta e quatro anos, ainda que só por pouco tempo, saltou para longe das coisas sombrias em que estivera pensando e voltou para as atividades de cerca de cinco horas atrás.

—Sim. Eu simplesmente não consegui dormir.

—Isso é ruim? Tipo, posso fazer uma piada sobre você voltar para a cama e não dormirmos?

Ela sorriu e se aproximou dele. Faça qualquer piada que você quiser, disse ela. Desde que você esteja pronto para dar conta dela.

E antes que ele pudesse fazer outro comentário, estava beijando-o e levando-o de volta para sua cama.

CAPÍTULO QUATORZE

Dez quilômetros de distância de onde um homem chamado David “Davey” Armstrong estava dormindo em uma cama estreita em uma cela, outro homem acordou rapidamente. Ele olhou para os números digitais do seu despertador e viu que eram 5:05. Ele tinha um alarme interno que o despertava nessa hora desde que ele era criança — desde os dez anos de idade.

Como uma máquina automatizada, ele saiu da cama, deu seis passos até o tapete diante de sua cama (seis passos que contava em voz baixa todas as manhãs) e fez uma posição de flexão. Ele se movimentou intensamente por cem flexões e, em seguida, foi imediatamente para o chuveiro. Esfregou-se e lavou o cabelo preto curto com os mesmos trejeitos de máquina com os quais ele tinha saído da cama e se exercitado.

Cinco minutos depois, estava se enxugando enquanto voltava para o quarto. Vestiu-se rapidamente para o dia, uma camiseta preta e um jeans desbotado e entrou na cozinha. Viu que eram 5:27 e franziu a testa. Estava com dois minutos de folga. Ele vivia seus dias em um cronograma muito rigoroso e até dois minutos de folga poderia melhorar ou quebrar seu humor.

E esta manhã, estava de bom humor. Ele se sentia bem — melhor do que antes. Talvez por isso ele estivesse na cozinha dois minutos antes. Afinal, esteve com uma agenda muito ocupada na última semana.

Ele se sentou à mesa da cozinha com uma tigela de cereal e percorreu o Facebook em seu iPhone. Como de costume, não viu nada de interessante. Trump disse algo idiota novamente. Alguma pessoa racista disse algo racista. As pessoas estavam postando pequenos vídeos de gatos e crianças fofas e mulheres em trajes de banho que mostravam tudo.

Ele sorriu com sarcasmo para tudo enquanto comia seu cereal. Focou seus pensamentos para o final do dia — não para quando ele deveria ir para o trabalho, mas para uma tarefa que ele havia estabelecido para si além de seu trabalho monótono. Trabalhava em uma pequena fábrica de plásticos do outro lado da cidade, apertando botões, cortando arame e repetindo aquilo um trilhão de

vezes. Detestava o emprego, mas dava a ele tempo suficiente para pensar. Isso lhe deu a oportunidade de pensar em seu passado e descobrir onde tudo deu terrivelmente errado.

Claro que, além de seu pai matando sua mãe, ele não achou mais nada. E ele era tão jovem quando isso aconteceu... talvez houvesse algo mais quando ficou mais velho.

Ele passou parte do seu tempo no trabalho tentando pensar na primeira vez que a escuridão entrou em sua mente — quando teve esses pensamentos violentos e sangrentos. Mas nada de concreto chegou a ele.

Mas não gostava de perambular por aí com muita frequência. Isso fazia com que sentisse que havia algo errado com ele. Então, ele voltou seus pensamentos para todas as coisas maravilhosas que vinha fazendo em seu tempo livre ultimamente. Isso sempre o deixava com o humor muito melhor. Ele imaginou que se conseguisse continuar e acabar com isso dentro de alguns dias, poderia ser capaz de se tornar uma pessoa melhor. Ele poderia, finalmente, ser capaz de deixar o passado para trás.

Terminado o seu cereal, ele colocou a tigela na pia e voltou para o seu quarto. Ele tinha mais quinze minutos antes de precisar estar no trabalho. Geralmente lia quando tinha tempo livre, mas estava muito ocupado e distraído para ler ultimamente. Em vez de puxar um de seus livros da pilha ao lado da cama, enfiou a mão embaixo da cama e tirou a caixa de sapatos.

Até recentemente, a tampa da caixa de sapatos havia sido revestida com uma camada de poeira fina. Mas ele havia limpado a poeira duas semanas atrás e começou a se concentrar no que havia dentro. Na verdade, as coisas que estavam dentro da caixa de sapatos estavam consumindo seus pensamentos ultimamente.

Ele tirou a tampa da caixa com cuidado e sorriu para o que viu lá dentro.

Ele pegou o bicho de pelúcia, um coelhinho cinzento com uma orelha caída e a outra em pé. Ele sorria estupidamente para ele com seus pequenos olhos de vidro. E mesmo que agora fosse um adulto, aquele sorriso bobo o fazia se sentir seguro — como se houvesse alguém ou algo nesse mundo fodido que realmente se importasse com ele.

Colocou o coelho em sua cama e olhou de volta para a caixa. Havia mais uma coisa lá, que tirou com o mesmo carinho que mostrara ao coelho.

Ele segurou o cobertor de um jeito que era infantil, como se ele pudesse deitar em sua cama com ele e se aconchegar em sua aparência esfarrapada.

Ao invés disso, ele o segurou pela borda desgastada e começou a rasgá-lo. Cedeu facilmente, assim como havia feito nas outras duas vezes em que ele arrancara uma tira dele.

Ele olhou para o novo fragmento do cobertor e sorriu. Estava fazendo isso agora, para fazer um serviço pela manhã. Ele poderia ligar para o trabalho, dizer que estava doente e apenas fazer o serviço agora. Mas não... ele gostava de ter o dia todo para esperar, para aumentar a excitação.

Ele colocou a caixa de volta debaixo da cama com o conteúdo. Todos, exceto aquele pedaço de tecido que ele colocou no centro de sua cama. Ele olhou ansiosamente para ele por um momento antes de sair da sala para começar o dia.

CAPÍTULO QUINZE

Era muito bizarro acordar com alguém do outro lado da cama. Kate tirou um momento para apreciar a sensação quando saiu da cama silenciosamente. Ela pegou um par de peças íntimas e seu roupão e saiu do quarto enquanto Allen ainda dormia. Isso a fez se sentir um pouco imatura, mas não conseguia entender o quão feliz estava. Não tinha um homem dormindo na sua cama desde que Michael morreu. Havia algo de libertador nisso — algo que a fazia lembrar que era certo viver um pouco egoisticamente de vez em quando.

Entrou na cozinha e começou a preparar um bule de café. Então quebrou alguns ovos e começou a fazer omeletes. Enquanto o café fervia e os ovos cozinhavam, ela impulsivamente foi até o balcão da cozinha e abriu o iPad, puxando os arquivos do gabinete de Roanoke. Como de costume, sabia que não conseguiria parar de pensar no caso até que estivesse oficialmente cem por cento acabado.

Procurou por qualquer detalhe que pudesse ter perdido, mas não havia qualquer um. Sabia que, à medida que os médicos legistas terminassem seus trabalhos e a perícia estivesse com tudo submetido, haveria mais para continuar. Mas, por enquanto, achava que ela e DeMarco haviam feito praticamente tudo o que podiam. Ainda assim, isso não ajudou em nada para eliminar o fato de que não conseguia superar a sensação de que estavam deixando passar alguma coisa — algo que estava bem na frente de seus rostos.

Kate fechou os arquivos e depois abriu o e-mail. Ela tinha vários deles, todos relacionados com a assistência de pesquisa que havia marcado mais tarde naquele dia. Parecia muito detalhada e, se os Agentes que ela supervisionava trabalhassem bem juntos, poderiam ter seu caso atual terminado muito rapidamente. Também viu que estava sendo convidada para estar em Washington às três da tarde. Ela leu o resumo do caso que havia sido preparado para ela, lendo-o duas vezes e memorizando-o. Realmente parecia um caso que estava longe de ser fechado por uma teoria ou pista.

Ela ouviu passos atrás dela. Antes que pudesse se virar, sentiu as mãos de Allen em seus ombros, massageando-a gentilmente. Ele a beijou na nuca, enviando um arrepio delicioso através dela.

—Bom dia, ele disse.

—Bom dia para você também, disse ela. Ela clicou no iPad para ficar em espera enquanto se virava para ele.

—Você desligou o iPad imediatamente, disse ele. Informação sensível?

—Mais ou menos, ela disse. Você está com fome?

Ele olhou para onde ela havia colocado seus pratos. Ela tinha queimado um pouco as omeletes porque estava distraída com os arquivos do caso, mas não achava que Allen era do tipo que reclamaria de tal coisa.

—Com certeza, disse ele.

Caminhou até a banquetta ao lado do balcão, vestindo as mesmas roupas que usava na noite anterior. Ele tinha um olhar no rosto que refletia os sentimentos de Kate. Estava começando a pensar que Allen, muito raramente, se encontrava nesse tipo de situação também.

—Você está voltando para isso tudo por que sente falta ou por que a aposentadoria não é para você? Perguntou Allen, apontando para o iPad.

—Eu me pergunto isso quase todos os dias, disse ela. É principalmente porque sinto falta disso. É tudo que sei fazer.

—Depois de ontem à noite, eu insisto em discordar, disse ele com um pequeno sorriso malicioso.

Ela se virou um pouco quando suas bochechas coraram. De qualquer forma, eu preciso estar em Washington às três horas da tarde. Provavelmente será uma viagem bem rápida se você quiser fazer alguns planos para amanhã.

—Sim, soa legal para mim, disse ele, mexendo em seu café da manhã.

—Desculpe novamente por ter feito você esperar tanto tempo ontem à noite.

—Ah, tudo bem, disse ele. Mesmo. Parte de mim está um pouco encantada pelo que você faz. Eu gostaria que você não me dissesse

nada diferente, mas eu imagino que você chute portas e jogue meliantes no chão. É tipo, sexy.

Não conseguiu conter o sorriso quando pensou sobre o enfrentamento com Davey Armstrong no chão ontem. Sim, claro, disse ela. É assim para mim quase todos os dias. Muita corrida e luta.

—Então, ele disse, engolindo o último pedaço de omelete, — se você precisa estar em Washington as três, eu acho que você tem que se mexer, hein?

—Sim, eu provavelmente deveria me arrumar.

—Eu serei uma visita terrível se eu perguntar se posso usar o seu chuveiro antes de sair? Allen perguntou.

—De jeito nenhum, disse ela. Só um momento e talvez eu me junte a você.

Agora era a vez dele de esconder um pouco de rubor em suas bochechas. Ele colocou o prato na pia e tomou um último gole de café antes de sair da cozinha. Deu um pequeno beijo no canto da boca dela e voltou para o quarto.

Kate pretendia se juntar a ele, mas sua mente instantaneamente voltou ao caso. Ela continuava vendo aqueles pedaços de tecido, partes de um cobertor que haviam sido enfiadas na boca das vítimas. Olhou para o relógio na pia da cozinha, viu que eram 8:37 e decidiu ligar para DeMarco.

Ela atendeu no segundo toque e pareceu satisfeita por Kate ter ligado. Muita solidão aqui em Roanoke, disse DeMarco.

—Nada novo?

—Nada. Eu até cheguei a verificar os registros do ensino médio dos Nash e dos Langley, na esperança de encontrar algum tipo de conexão. Também solicitei todos os formulários e documentação do condado que dizem respeito a qualquer coisa relacionada ao processo de adoção dos Langley. Eu vou conseguir isso hoje, mas com base no que o Departamento de Serviços Sociais pensa, os Langley são perfeitos. Nenhum registro criminal ou bandeiras vermelhas de qualquer tipo. Então, eu não estou esperando encontrar surpresas sobre eles.

—E os Nash nunca foram pais adotivos, certo?

—Não que saibamos. Não há nada que aponte para isso de qualquer maneira. Isso seria uma conexão bastante relevante, não seria?

—Sim, mas se não há, não há. Ela suspirou e acrescentou: e o Davey Armstrong? Todos por aí ainda parecem pensar que é ele?

—Sim, e há pelo menos *alguma* evidência para apoiar isso. Não é tão forte quanto eu gostaria, mas é o suficiente para detê-lo por um tempo. Por exemplo, há um registro policial de quando Davey tinha dezessete anos. Ele se trancou no banheiro dos Langley com uma arma e estava ameaçando se matar. Há também algumas mensagens feias do G-chat que foram encontradas ontem à noite em seu computador. Estava conversando com um amigo dele da faculdade comunitária sobre suas experiências com os Langley. Ele fala sobre algumas fantasias sexuais muito doentias com a Bethany Langley. Mencionou estupro algumas vezes.

—Você acha que pode enviá-las para mim? Kate perguntou.

—Sim, se você quiser.

—Algo mais?

—Não, isso é tudo. Eu falei com o amigo da faculdade sobre essas mensagens e ele jura que não acha que Davey teria coragem de matar alguém. Ele disse que Davey parecia um pouco vago às vezes. Para dizer a verdade, posso ver Duran me ligando para que eu vá de volta para Washington amanhã, se nada mais acontecer nesse período.

—Bem, mantenha-me informada, disse Kate. Fale-me se você precisar de alguma coisa.

Elas terminaram a ligação e Kate instantaneamente tentou pensar em Davey Armstrong como um adolescente, morando na casa dos Langley e tendo fantasias sexuais sobre sua tia. A adição desse item tornou a coisa toda um pouco diferente. Talvez houvesse algo que Davey não estivesse dizendo a eles. Talvez estivesse envergonhado não só pelo uso de drogas, mas também pela maneira como ele se sentia sobre sua tia.

Essa ideia a deixou desconfortável. E embora tivesse dito a Allen que poderia se juntar a ele no chuveiro, qualquer pensamento sobre atividade sexual foi apagado de sua mente com essa nova atualização sobre Davey Armstrong. Em vez de se juntar a Allen, ela

permaneceu no balcão, examinando os arquivos mais uma vez e tomando seu café.

Que diabos estou deixando fugir? Perguntou a si mesma, certa de que havia algo ali em frente a ela que de algum modo a iludiu até agora.

Allen não comentou sobre Kate decidir não se juntar a ele no chuveiro. Parecia entender que sua mente normalmente não estava em uma única direção, mas em todos os lugares. Kate imaginou que se eles eventualmente tivessem um relacionamento mais longo mais tarde, isso poderia ser algo que eles teriam que enfrentar. Mas, por enquanto, ela simplesmente apreciava o fato de ele ser compreensivo.

Ela começou a fazer as malas quando ele saiu do banheiro. Estava de calças e estava secando o cabelo.

—Tudo bem com você? Ele perguntou.

—Sobre o quê? Ela perguntou.

Ele deu de ombros enquanto colocava a camisa. Bem, a noite passada foi incrível, não me entenda mal. Mas agora, esse *ir e vir* e sua vida ocupada. Eu não sei. Sinto que talvez eu tenha usado você ou algo assim. Talvez eu tenha me aproveitado da sua agenda e ocupações. Estou sendo idiota?

—Não, ela disse, seu coração se aquecendo por causa dele. Isso é incrivelmente sensível. Não, você não me usou. E eu também não fiz isso por culpa de tê-lo feito esperar. Então, não se incomode por isso.

—É bom saber, disse ele. Você se importa se eu ficar por aqui até você sair?

—De jeito nenhum.

Dentro de alguns minutos, estava na cozinha lavando os pratos do café da manhã.

Ele se serviu de outra xícara de café e sentou-se com ela no quarto enquanto ela fazia as malas. Eles tiveram uma conversa bastante agradável sobre coisas superficiais: a previsão do tempo da semana, os restaurantes que eles gostariam de conhecer, os

filmes que poderiam ver juntos no cinema nas próximas semanas. No que dizia respeito à Kate, era bom ter conversas tão inocentes e comuns.

Estava de malas prontas e saindo pela porta às 9:30. Isso a colocaria em DC pelo menos duas horas antes do horário da reunião, mas estava tudo bem para ela. Ela imaginou que poderia tentar conversar com Duran para discutir o caso em Roanoke.

Allen levou uma bolsa para ela e a colocou no porta-malas do carro. Então estendeu a mão e pegou a mão dela.

—Eu gosto disso, disse ele. *Disso*, claro, sem definição. O que quer que esteja acontecendo entre nós... eu gosto.

—Eu também, disse ela. Vou ligar para você quando estiver a caminho de casa.

—Não precisa. Eu prometo que não vou ficar triste esperando na sua varanda até você voltar.

—Mas eu quero, disse ela. Ela quase expressou o raciocínio por trás disso, mas deixou que permanecesse em sua cabeça. *Eu gosto da ideia de que alguém está esperando por mim, de que alguém está ansioso para me ver novamente.*

Com esse pensamento em mente, ela também percebeu que Melissa ainda tinha que responder sua mensagem. Isso a machucava, mas não conseguia se concentrar nisso agora.

Então quando? Ela se perguntou quando Allen abriu a porta do carro para ela. *Se você quer que esse relacionamento funcione, você precisa enfrentá-lo mais cedo ou mais tarde.*

Ela entrou no carro com um suspiro pesado, tentando aliviar a tempestade em sua cabeça.

—Você está bem? Allen perguntou.

—Sim. Apenas muita coisa na minha cabeça, minha mente. Trabalho... Melissa... eu realmente sou apenas uma grande bagunça. Você vai descobrir muito em breve, eu acho.

Ele sorriu para ela, inclinou-se para o carro e beijou-a. O beijo a aqueceu levemente e fez com que tremesse em todos os pontos certos de seu corpo. Quando ele se afastou, meu Deus, estava tonta.

—Tenha cuidado lá fora, disse Allen.

—Vou tentar. Vejo você em breve.

Ele fechou a porta e deu-lhe um pequeno aceno quando ela ligou o carro. Quando saiu, olhou para trás e o viu ainda olhando da calçada. Sorriu ao vê-lo e, pela primeira vez em muito tempo, imaginou se talvez houvesse alguma coisa na vida além do que havia conseguido no trabalho. Claro, havia Melissa e Michelle, mas também havia essa coisa inominável entre ela e Allen. Não amor, ainda não, mas algum tipo de impacto que se parecia com o de se sentir desejada.

Isso, em conjunto com saber que ela iria assistir a pequena Michelle crescer, a fez sentir uma alegria intensa que a pegou desprevenida. Era algo que não sentia há muito tempo — algo além de seu trabalho que a fez ansiar pelo futuro.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Kate tinha que admitir... era bom estar de volta em meio ao caos e os negócios de DC. No momento em que seus olhos pousaram no edifício J. Edgar Hoover, sentiu uma sensação de bem-estar que raramente sentia em casa depois de sua aposentadoria. Ela havia passado tanto tempo lá, havia gravado um nome e um legado para si mesma naquele prédio. Ele trazia de volta mais que lembranças; trazia de volta um sentimento de propósito e realização que ela vinha lutando para encontrar em casa, em Richmond.

Ela teve alguns obstáculos no trânsito, por isso não chegou tão cedo quanto esperava. Portanto, estacionou na mesma garagem em que havia estacionado por quase trinta anos de sua vida (é claro que fora atualizada — muitas coisas modificadas e acrescentadas naquelas três décadas) e foi direto para o prédio. Nunca estava completamente vazio, mas estava quase desocupado como sempre estava aos domingos. Passou por apenas cinco pessoas a caminho do segundo andar, onde uma das maiores salas de conferência havia sido reservada para a reunião.

Quando entrou na sala vinte minutos mais cedo, ficou satisfeita ao ver que alguns membros da unidade investigativa já estavam lá. Um projetor tinha sido montado e a cafeteira *Keurig* na mesa de trás estava ronronando enquanto enchia uma xícara de café. Ela notou imediatamente que vários dos membros da equipe pareciam cansados, uma indicação de que eles haviam colocado incontáveis horas extras neste caso. Conhecia bem aquela imagem; isso significava que o caso estava prestes a ser solucionado ou que estavam lançando uma última tentativa *Hail Mary* para encerrá-lo.

—Agente Wise, disse uma mulher alta e esguia na frente da sala. Muito obrigada por concordar em se encontrar com a gente.

Em vez de ter informações sobre essa mulher, Duran realmente não lhe dera muita escolha, Kate simplesmente disse:

—Sim. E apertou a mão da mulher quando esta foi estendida.

Os outros seis Agentes e assistentes na sala também se encaminharam até ela, apresentando-se e agradecendo. No meio do caminho, Duran entrou na sala. Parecia que estava com pressa, como de costume, mas também parecia satisfeito que todos

estavam presentes e a postos dez minutos antes do início da reunião.

Ele deu um aceno rápido ao redor e, em seguida, fez sinal para Kate avançar. Posso te ver lá fora por um momento? Ele perguntou.

Ela o seguiu até o corredor, tomando nota de que ele fechou a porta atrás deles.

—Essa equipe é composta de Agentes que têm menos de cinco anos de experiência cada um, explicou Duran a ela. Mas todos eles tiveram resultados tremendos na academia e, acredito, têm o potencial de serem grandes Agentes com grandes legados, talvez tão estelares quanto os seus. Eu lhe digo tudo isso para que você possa entender como eles estão motivados. Eles estão extremamente perto de pegar esse cara e, como expliquei anteriormente, muito do que eles conseguiram espelha o caso de Frank Costello. Você se lembra bem dos detalhes para ajudá-los?

—Eu me lembro dos detalhes do caso Costello um pouco vividamente demais.

—Bom. Ajude-os, mas não os rebaixe. Você está aqui como apoio, não como professora. Mas, ao mesmo tempo, se você conseguisse levá-los até onde você acha que o caminho precisa levar...

Ela concordou.

—Compreendo.

Quando eles voltaram para a sala de conferências, a equipe de sete pessoas estava sentada ao redor da mesa. Cinco deles estavam com dispositivos — laptops, telefones ou tablets. Dois preferiam a abordagem da velha guarda e estavam prontos com caneta e papel.

—Então, ela disse enquanto pegava um dos três lugares livres na mesa. Eu li o resumo do caso e acompanhei o trabalho incrível que vocês fizeram. Mas quem gostaria de me dizer como vocês chegaram aqui? O quão perto vocês estão de trazer esse cara?

Um homem de aparência elegante que parecia estar em seus vinte e tantos anos tomou a frente. Ele nem sequer deixou os outros pensarem para responderem a pergunta dela. Kate tentou decidir se ele era um bajulador ou apenas extremamente dedicado.

—Quatro sequestros nas últimas três semanas, disse este homem. Um em Bethesda, Maryland, dois fora de Fredericksburg, Virgínia, e os outros dois em Louisville, Kentucky. Não houve corpos nem cartas do sequestrador. Sem exigências. O que, honestamente, é quase tão ruim quanto encontrar um corpo.

Kate não concordou com isso, mas ela entendeu o ponto de vista dele. Se não houvesse exigências para a libertação das crianças, não havia como saber o que elas estavam passando.

Quando o homem de aparência elegante parou, a mulher alta que se apresentou a Kate falou. Obviamente, a área de interesse espelha os mesmos locais de Frank Costello... não é igual, mas parecida demais para se ignorar. Além disso, como Frank Costello, não há preferência de meninos ou meninas. Até agora, dois de cada foram sequestrados.

—Passe comigo por cada cena de rapto em potencial, disse Kate. Uma mulher falou. Parecia nervosa e cansada.

—Dois foram tirados de parques infantis, enquanto as mães estavam lá com eles. Uma delas admite que estava vendo o seu Facebook enquanto seu filho estava nas barras do parquinho. Ela supõe que gastou cerca de quinze a vinte segundos até olhar para cima. A terceira parece ter sido tomada depois de se afastar um pouco do pai em um Walmart em Louisville. A quarta estava caminhando para a casa de sua avó, a apenas seis casas abaixo na da rua de sua própria casa. Fez isso dezenas de vezes, de acordo com a mãe.

—Nem uma única testemunha, disse o homem elegante. De alguma forma, nós nem mesmos temos esse filho da puta saindo do Walmart nas câmeras de segurança.

—Como isso é possível? Kate perguntou.

—Gramado e jardim, disse um dos Agentes. Há apenas uma câmera de segurança no departamento de gramado e jardim daquele Walmart em particular. Fica voltado para dentro a partir da área ao ar livre da seção de flores. Se alguém conhecesse bem o layout da loja, saberia como fazer uma saída pelo gramado e pelo jardim sem ser visto.

O cérebro de Kate já estava em alta velocidade, tentando juntar as peças. Vocês verificaram funcionários anteriores com

conhecimento dos sistemas de câmeras?

—Entrevistamos onze, disse a mulher alta. Dois foram questionados uma segunda vez. No final, tudo se resumiu a nada.

Kate deu um tempo, saindo de seu assento e andando para a frente da sala. Se a presunção é que esse homem esteja conectado a Frank Costello, não são necessariamente os locais que importam — embora seja muito estranho as câmeras de segurança não terem registrado ele. Temos que pensar como Frank Costello pensou. Todos vocês viram as imagens de seus interrogatórios?

—Várias vezes, disse um homem de aparência particularmente cansada na parte de trás da mesa.

—Nós olhamos os perfis das crianças, das famílias, até mesmo dos malditos avós, disse um homem robusto do outro lado da mesa. Mas não parece haver nada.

—A coisa que acabou tropeçando em Frank Costello não foi nada disso, disse Kate. Você está procurando no lugar errado se acha que vai pegar esse cara esperando que ele esteja usando as mesmas metodologias que Costello. Em vez disso, você tem que olhar para onde Costello se perdia. E como os arquivos mostram, a coisa que o levou até nós no final das contas foi o menor dos detalhes — uma coisa pequena que conectava cada uma das famílias não em genética, ou rotinas diárias, mas em algo tão trivial que nunca era nem olhado. Até que um dia aquilo me deu um *tapa na cara*.

—Você quer dizer o YMCA, disse a Agente alta.

—Ei, isso mesmo, disse o Agente elegante. Ele agora parecia muito satisfeito por estar ali. Ele também estava olhando para Kate com o mesmo tipo de reverência que os Agentes mais jovens tinham quando estavam preenchendo o último de seus dias como Agentes de plantão. Você descobriu no final que os pais dessas crianças tinham filiação ao YMCA. Costello também era membro. Mas isso não é muito notável, porque muitas pessoas são sócias do YMCA.

—Exatamente, disse Kate. Parou por um momento quando percebeu que todos os olhos da sala estavam sobre ela — até o par de olhos na cabeça de Duran. Estava sorrindo com aprovação para ela enquanto acenava para ela continuar. Costello usou o YMCA

como sua área de caça. Ele examinou os ginásios — por cerca de sete meses, de acordo com sua história. Até jogou algumas partidas de frescobol com o pai de uma de suas vítimas.

—Por isso, precisamos procurar links fora dos aspectos básicos da família, disse outro Agente. Mas eu nem sei se há algum. Se assim fosse, teríamos tropeçado nele.

—Talvez você tenha, disse Kate. Talvez estivesse bem ali na sua frente o tempo todo, mas parecia tão bobo e comum que você passou por cima. Frank Costello não reajustou sua vida quando começou a sequestrar crianças. Ele nunca parou de ir para o YMCA e nunca desistiu do emprego — nunca teve nenhum dia de doença extra ou algo assim. E se sabemos disso sobre ele, também sabemos que estava trabalhando com outra pessoa...

—Então eles provavelmente estão fazendo as mesmas coisas, disse o Agente elegante.

—Mas por que esperar quase vinte anos para começar de novo? Perguntou o Agente irritado, digitando algo em seu laptop sem olhar para cima.

—Talvez tenha demorado tanto para ele conseguir coragem. Sugeriu Duran. Ele nunca fez isso por conta própria antes.

—É praticamente um exemplo clássico de um homem que foi deixado para trás por um parceiro nesse tipo de coisa, disse Kate. Quando Costello foi preso e suas pequenas aventuras chegaram ao fim, qualquer parceiro que tivesse se viu perdido. Uma mentalidade do tipo *e agora?* Mas algo como sequestrar e matar crianças... isso simplesmente não vai embora. Então, sim... talvez fosse apenas uma questão de ter coragem de voltar a fazer isso. É provável que seja. Mas temos que pensar sobre o tipo de coisa que ele poderia estar nutrindo ou mesmo colocando em prática durante esse tempo. Se ele é como Costello, provavelmente está tentando não se destacar. Ele não está interrompendo sua vida cotidiana. E isso é uma vantagem para vocês, porque isso significa que ele deve deixar uma *pegada* bem grande. Nós só precisamos saber por onde começar a procurar.

—Sim, e é aí que estamos nos perdendo, disse a Agente feminina alta. Quando você tem um cara que se movimenta como

um fantasma é difícil identificá-lo. Nós verificamos câmeras de segurança, câmeras de trânsito...

—Nós até tivemos uma equipe de Agentes verificando imagens de câmeras de segurança de todos os postos de gasolina em um raio de trinta quilômetros de cada local de rapto para *qualquer coisa* que pudéssemos encontrar, disse o Agente irritado. E *nada*.

—Você verificou os locais de sequestro de Costello? Kate perguntou.

—Não adianta, disse o Agente de aparência elegante. Dos dois locais são seguros, um é uma rua que agora foi basicamente destruída e transformada em uma comunidade de alto nível. O outro era um pequeno playground que se deteriorou.

—Mas sabe, disse a Agente pensativa, você mencionou coisas normais. Sobre investigar coisas que são tão óbvias que você as ignora até baterem na sua cara...

Então, começou a folhear rapidamente as páginas de um arquivo de caso na frente dela. Sem olhar para cima, ela disse:

—Lockridge, você tem os achados do parquinho onde a terceira vítima foi tirada?

—Sim, disse o Agente de aparência elegante. Ele clicou em seu laptop por alguns segundos e acrescentou: o que você está procurando?

—O cesto de lixo do canto do playground. Tinha sido esvaziado recentemente, e o homem da manutenção acreditava que qualquer coisa naquela lata não poderia ter sido jogada ali há mais do que cinco ou seis horas. Você tem a lista do que estava lá?

—Duas latas de Coca-Cola, um panfleto de uma empresa local, uma sacola vazia de amendoins com sabor *ranch*, um copo com canudinho rachado com uma foto.

A Agente puxou uma folha de papel de sua pilha e bateu-a na mesa com tanta força que alguns dos outros amontoados ao redor da mesa pularam. Bem aqui, disse ela, animada. A quarta vítima, supostamente levada enquanto caminhava para a casa da avó. Lembra-se do que a forense disse que encontrou na rua?

—Putá merda, disse um Agente.

—Espere, não vamos supor, disse Lockridge.

—Castanhas de algum tipo, provavelmente pré-embaladas, disse a mulher. Não caju, mas algo semelhante.

Kate já esteve em locais onde um momento *a-ha* havia sido alcançado. A sensação de eletricidade no ar nunca envelhece. Ela sentiu aquilo percorrendo a sala de conferências naquele momento, enquanto a equipe de Agentes compartilhava olhares de reconhecimento ou olhavam para as telas de seus laptops com as informações que haviam acumulado.

Sentindo que ela tinha mais ou menos começado a rolar uma pequena bola de neve por uma colina íngreme, Kate continuou.

—Então, vocês começam por aí. Voltem para os postos de gasolina e lojas de conveniência. Alguns deles provavelmente conseguirão extrair registros de transações de até um mês. Alinhar cada compra dessas castanhas ao material de segurança. Isso vai te dar um punhado de suspeitos. Depois disso...

—Eles podem atravessar a ponte quando chegarem lá, disse Duran. Por enquanto, Agente Wise, se você não se importasse em dar a eles um perfil criminal rápido sobre Frank Costello.

—Claro, disse ela. Ela voltou à sua memória quase impecável e viu as informações do arquivo do caso. Foi um que ficou marcado, tinha sido fundamental para sua carreira.

No entanto, mesmo quando começou a detalhar a problemática da infância que Frank Costello enfrentara, a mente de Kate voltou para Roanoke. Ela começou a focar novamente nos assassinatos que estavam ocorrendo lá. Ela havia dito alguma coisa momentos atrás que agora estava colocando algo em chamas em sua mente.

Talvez estivesse bem ali na sua frente o tempo todo, mas parecia tão bobo e comum que você passou por cima. Esse pensamento rodou na sua mente pela próxima meia hora, quando ela contou na sala tudo o que sabia sobre como Frank Costello havia realizado seus raptos e assassinatos. Combinado com o avanço que ela havia ajudado momentos atrás, não tinha dúvidas de que essa equipe altamente capacitada teria alguém sob custódia dentro de quarenta e oito horas.

Quando ela encerrou a reunião, os Agentes se levantaram da mesa rapidamente, ansiosos para voltar ao trabalho. No entanto, enquanto todos os outros desapareciam, a mulher alta recuou. Ela

se aproximou de Kate com uma expressão de apreensão, enquanto pendurava a mochila no ombro.

—Agente Wise, disse ela. Eu tive que aproveitar o momento para me apresentar. Meu nome é Rebecca Minor. Eu admiro o seu trabalho desde que entrei pela primeira vez na academia. Você é a única razão pela qual eu queria seguir uma carreira como Agente de campo ao invés de ser uma técnica de laboratório, que é o que eu originalmente seria.

—Obrigada, disse Kate, sem saber como receber esse elogio.

—Eu tenho que admitir... tenho muitos dos seus arquivos de casos arquivados impressos e em um fichário em casa. Eu os usei como guias de estudo enquanto estava na academia.

—Bem, parece que eles ajudaram. Você está fazendo um trabalho fantástico pelo que eu vejo. Você terá esse cara mais cedo do que você pensa. Vocês estão no caminho certo, sabe. Apenas deixe isso...

O telefone dela tocou no bolso, interrompendo-a. Deu um olhar de desculpa para a Agente quando ela verificou a tela do celular. Quando viu que a ligação vinha de DeMarco, sorriu para Minor e se virou. Ela marchou rapidamente para o fundo da sala e atendeu a ligação.

—Oi, DeMarco. Como tá indo?

—Bem, poderia ser melhor. Ele fez de novo.

—O assassino?

—Sim...

Kate olhou para o outro lado da sala, onde Duran ainda estava de pé ao lado da porta. Ele a viu olhando e o olhar trocado entre eles comunicou tudo. Antes mesmo de terminar a ligação com DeMarco, Kate sabia que estava voltando para Roanoke.

CAPÍTULO DEZESSETE

Kate sentiu uma sensação de mal-estar espalhando-se por ela quando entrou na entrada da garagem da terceira cena criminal. Só pela visão da casa, ela poderia dizer que havia algo diferente — que o assassino tinha que ter sido incrivelmente motivado para atacar ali.

Primeiro de tudo, a casa era linda. Era uma casa enorme, construída em um estilo colonial modificado. A grama estava perfeitamente cortada e verde, beirando a varanda como algo saído de uma revista de jardinagem. Atrás da casa, podia ver a borda de uma lagoa. A casa estava situada em uma colina, como se quem vivesse lá dentro sentisse a necessidade de olhar para fora da cidade de Roanoke, que ficava a leste como um emaranhado de formas em contraposição às árvores.

Teria sido uma visão bonita, de fato, se não fosse pela presença dos dois carros da polícia e do sedan preto. O sedan, sabia, era o que DeMarco estava dirigindo. Kate estacionou atrás do sedan e caminhou em direção à casa. Quando ela subiu as escadas da varanda, um policial saiu pela porta da frente. Não ficou surpresa ao ver que era Palmetto. Parecia cansado, mas conseguiu sorrir quando a viu.

—Agente Wise, disse ele. Bom te ver de novo.

—Igualmente, disse ela. Você está de saída?

—Sim. Eu vou ver se posso ajudar a aliviar vocês da monotonia. Eu vou ver o que eu posso descobrir sobre a família e amigos dos recém-falecidos. Estou indo pegar alguns dos oficiais locais para me ajudar. Eu vou me encontrar com vocês mais tarde hoje.

—Obrigada por isso, Kate disse enquanto se dirigia para dentro da casa.

—De nada. Ele a olhou com um olhar estranho que a fez pensar que ele queria dizer algo mais. Mas ele simplesmente retornou ao seu carro e ligou o motor.

Kate entrou na casa e rapidamente descobriu que o interior era tão bonito quanto o exterior. A porta da frente levava a um saguão alto que mostrava toda a escada que levava ao andar de cima. Lá estava, olhando para ela por cima do corrimão, DeMarco de pé. Um

rastró de sangue seco subia as escadas até ela, parando em um formato disforme aos pés de DeMarco.

—Há quanto tempo você está em cena? Kate perguntou, subindo as escadas com cuidado. O sangue não estava em uma única trilha simples, mas salpicava aqui e ali. Quando chegou ao patamar no topo da escada, a poça ficou mais e mais escura.

—Há pouco mais de uma hora, eu acho.

—Qualquer coisa que valha a pena?

—Não que eu pudesse encontrar. Há uma enorme diferença aqui — tão diferente que, a princípio, pensei que esse assassinato não estivesse relacionado aos outros. O nome da vítima é Monica Knight. É uma advogada local bem conhecida. Ela também é solteira. Ela foi casada por menos de seis meses, mas seu marido teve um caso e a deixou. Isso foi há cerca de doze anos, pelo que me disseram.

—Então, não é um casal desta vez?

—Isso mesmo, disse DeMarco.

Kate chegou no alto e olhou para o corpo. Estava deitada de costas, olhando para o teto com os olhos arregalados. Ela havia sido esfaqueada várias vezes, com a maior parte das facadas sendo dadas em seu estômago. Uma ferida horrível gravada em seu pescoço e era de onde a maior parte do sangue parecia ter vindo.

—Então, o que faz com que se conecte com os outros assassinatos? Kate perguntou.

DeMarco segurou um saquinho de provas de plástico. Havia ainda outro pedaço do cobertor dentro dele. Foi difícil, disse ela. Foi empurrado pela sua garganta como os outros. A beirada do tecido estava saindo da ferida em sua garganta. Ele tinha sido empurrado tão fortemente que um dos dentes da frente estava solto.

—Alguma conexão com as outras vítimas?

—Nada aparente. É isso que Palmetto está verificando agora. Ele tentou entrar em contato com o ex-marido para avisá-lo de que poderia estar em perigo, mas até agora não houve uma só palavra.

Kate concordou e se agachou em uma posição de cócoras. Olhou atentamente para o rosto da vítima e franziu a testa. Monica Knight era muito bonita, ignorando-se todo o sangue. Era evidente que ela

cuidava bem do cabelo loiro e da pele. Mas Kate também notou que a beleza de Monica pode vir de outro fator.

—Espere. Sabemos quantos anos ela tem?

DeMarco examinou algumas anotações que havia tirado do celular e disse:

—Trinta e nove.

—Então, é pelo menos dez a quinze anos mais nova que as outras vítimas, destacou Kate. E solteira.

—Sim, isso também pareceu estranho para mim, disse DeMarco. O pedaço de tecido em sua garganta a amarra diretamente às outras vítimas, mas é aí que a conexão termina.

Então isso elimina o campo de pensamento de que o assassino só está mirando em casais, pensou Kate. Será interessante ver o que descobrimos sobre o ex-marido.

Ela deu uma olhada mais de perto na vítima. Com base na trilha de sangue que levava ao andar de cima, aparentemente houve algum tipo de luta ou perseguição. Embora parecesse estranho à primeira vista que Monica Knight tivesse escolhido tentar correr escada acima para escapar, Kate já havia visto cenários semelhantes várias vezes ao longo de sua carreira. Às vezes, a vítima tinha uma arma no andar de cima e optava por tentar chegar até ela para se defender. Outras vezes, o assassino bloqueava a porta e a vítima preferia subir as escadas para se trancar em um quarto ou banheiro — o que, no panorama dos acontecimentos — era um bom plano. Na era dos celulares, funcionava mais vezes do que falhava.

Olhando por cima do corpo, Kate contou pelo menos sete facadas no estômago, mas era difícil dizer. Elas estavam todas tão próximos umas das outras que essa parte começou a parecer nada mais do que uma bagunça de carne com o pano de sua blusa e sangue. A proximidade das feridas indicava movimentos rápidos, o assassino trabalhando como uma máquina. Mas aquele ao longo da garganta não era tão preciso como os outros. Havia rasgos na carne e corte. Aquele corte foi feito com extrema força, provavelmente devido a uma raiva perturbadora que aparentemente não estava por trás das facadas que tinham visto até agora.

Quando Kate olhou para o corpo de Monica Knight, o telefone de DeMarco tocou. Ela respondeu e falou de uma maneira rápida e eficiente. Kate ficou impressionada. DeMarco foi capaz de ir direto ao ponto sem parecer sem educação ou como se não se importasse com a pessoa do outro lado da linha. Kate sabia muito bem o quão difícil isso era fazer.

—Ei, você tem alguma coisa? DeMarco disse enquanto atendia o telefone. Seus olhos vagaram enquanto ouvia a pessoa do outro lado. E alguém realmente falou com ele? Sim? Ok... e ele ficaria bem se eu ligasse também? Ótimo. Obrigada.

Ela desligou sem se despedir e olhou para Kate. Era Palmetto, disse DeMarco. Alguém da força policial entrou em contato com o ex-marido de Knight. Ele está vivo e bem em Nashville, Tennessee. Quando lhe disseram que sua ex-esposa havia sido morta, ficou quieto, mas não pareceu se importar muito. Mas ele conseguiu responder satisfatoriamente a algumas perguntas.

—Talvez ainda entremos em contato com ele quando a poeira baixar. Eu não acho que seria necessário trazê-lo aqui, mas ainda assim...

—A menos que haja razão para acreditar que ele fez isso. E se mora em Nashville e está lá agora, isso basicamente o exclui. Monica Knight não está morta há mais de oito horas.

Lá embaixo, alguém bateu na porta.

—Agentes? Podemos entrar?

DeMarco acenou para Kate.

—Forenses. Mande-os manter as coisas empacotadas por um tempo quando soube com certeza que você estava a caminho.

Kate sorriu. DeMarco estava sozinha no caso há menos de um dia, mas já administrava as coisas como se fosse apenas seu desde o começo. Ela foi capaz de se adaptar e tinha a capacidade de fazer as pessoas a respeitarem desde o início; mais uma vez, Kate sabia o quanto isso poderia ser difícil para uma mulher jovem e atraente, como ela mesma vivenciou.

—Sim, acho que estamos bem, disse Kate ao homem na porta abaixo delas. Ela deu uma última olhada para o corpo, tirando uma foto mental.

Ela e DeMarco desceram as escadas quando mais dois membros da equipe forense entraram na casa. Todos passaram trocando acenos educados quando Kate e DeMarco saíram para a varanda.

—Quem descobriu o corpo? Kate perguntou.

—O namorado dela. Eles namoram há cerca de um ano. A versão dele bateu imediatamente. Estava em um avião, descendo em Raleigh, Carolina do Norte, no período em que se acredita que ela foi morta. Eu já havia verificado os registros de voo e tudo é legítimo.

—Ele nomeou alguém que poderia ter tido uma desavença com ela?

—Bem, ela era uma advogada. Então, realmente, não há escassez de pessoas que possam ter algo contra ela. Mas estava perdido. Não foi possível encontrar alguém que quisesse vê-la morta.

—Com quem Palmetto vai falar hoje? Kate perguntou.

—Dois de seus clientes mais recentes. Um foi erroneamente acusado de abuso, ou assim diz a história. Parece que vale a pena pelo menos olhar e, além disso, Palmetto diz que conhece muito bem o réu.

—Nós sabemos onde os pais dela moram?

—Em Charlottesville, que fica a cerca de uma hora e meia daqui. Eu os tenho na lista de pessoas com quem devo falar. Você acha que vale a pena uma visita?

—Eu acho. E tudo volta para o cobertor. Algo sobre incluir esses restos, empurrando-os pela garganta, parece pessoal de um jeito estranho. Acho que, se conseguirmos alguma pista sobre isso, será de pessoas que conheciam as vítimas intimamente. Mais do que apenas um namorado de um ano ou um ex-marido infiel.

E mais uma vez, algo que ela disse para a equipe reunida em DC para o caso de rapto de crianças se repetiu em sua cabeça: *Talvez estivesse bem ali na sua frente o tempo todo, mas parecia tão bobo e comum que você passou por cima.*

—Sim, isso parece bom, disse DeMarco. Eu sei que você acabou de sair da estrada e
mais uma vez, ela foi interrompida pelo telefone. Olhou para ele e disse: Palmetto de novo. Ela respondeu com o mesmo tom de voz,

embora mais caloroso. Algo mais?

Kate ouviu um lado da conversa por cerca de vinte segundos antes que DeMarco desligasse. Tem alguma coisa? Kate perguntou.

—Não. Mas acontece que não precisamos ir a Charlottesville. Seus pais estão vindo a Roanoke para ficar com o melhor amigo de Monica enquanto planejam o funeral. Eles estão pedindo para falar com quem estiver encarregado da investigação do assassinato de sua filha imediatamente.

—Suponho que seríamos nós, disse Kate. Olhou de volta para a casa de Monica Knight. Havia um olhar cético no rosto dela, como se ela achasse que a casa poderia estar escondendo algo delas.

Estou deixando alguma coisa escapar, Kate pensou, ficando cada vez mais frustrada. *Mas o que?*

Talvez falar com os pais de Knight a levasse a descobrir o que era. Ou talvez, apenas talvez, elas estivessem simplesmente lidando com um assassino astucioso o suficiente para não deixar vestígios. Claro, sabia que até mesmo o tipo de mentalidade que colocava um assassino em direção a uma cena de crime superobsessiva poderia ser uma pista por si só.

Talvez seja aí que eu precise olhar, pensou Kate. *Talvez...*

—Agente Wise? DeMarco perguntou. Você está bem?

—Sim. Apenas saindo da rota com meus pensamentos, ela disse. Ela dirigiu-se ao carro, sabendo que a casa não abriria mão de quaisquer segredos que pudesse ter. Em vez disso, teria que desenterrá-los sozinha... só que isso era algo no qual ela era muito boa.

CAPÍTULO DEZOITO

Enquanto os pais de Monica Knight se reuniam e cuidavam de todas as necessidades, quando chegaram em Roanoke, Kate estava sentada na sala de conferências que ela e DeMarco tinham recebido no Departamento de Polícia de Roanoke. Ela leu todos os arquivos disponíveis e o formulário que o DP tinha sobre os Langley e os Nash, enquanto cerca de uma dúzia de páginas estavam sendo impressas sobre Monica Knight.

Estava pensando no caso de Frank Costello — no YMCA, em particular. E isso a levou a pensar sobre esse parceiro não identificado que poderia muito bem-estar no trabalho, deixando pequenas pistas discretas para trás na forma de embalagens vazias de nozes e lanches derramados. *Qual foi o lanche derramado dela nesse caso? O que estava bem na frente dela, mas sem ser visto?*

DeMarco entrou na sala com os arquivos de Knight e entregou uma cópia a Kate. Elas examinaram os arquivos juntas, refletindo descobertas e ideias uma da outra.

—O histórico de sua faculdade mostra que ela foi à escola originalmente para estudar psicologia, disse DeMarco. Mais especificamente o desenvolvimento da primeira infância. Parece meio assustador quando você pensa no cobertor do qual estamos encontrando traços nas gargantas das vítimas.

—Isso parece sinistro, disse Kate. Mas o que você acha dos dois pedidos diferentes de ter impressões digitais tomadas voluntariamente, nos últimos cinco anos?

DeMarco folheou as páginas até chegar a essa informação. Isso parece estranho. Uma das solicitações está vinculada a um pedido de informações adicionais que ela também enviou ao Departamento de Serviços Sociais.

Kate se agarrou àquele pedaço de informação, sentindo que ali havia algo mais, algo que poderia amarrar tudo. Mas havia uma coisa faltando — algo que ela ainda não podia especificar.

Algo no arquivo Langley... algo parecido...

Ela começou a procurar o arquivo dos Langley quando houve uma batida na porta. Um dos policiais colocou a cabeça para dentro

com uma carranca no rosto. Os pais de Monica Knight estão aqui. Devo pedir a eles para entrarem?

—Sim, disse Kate. Dê-nos dois minutos, por favor.

O policial concordou e, no momento em que ele se foi, Kate rapidamente folheou o arquivo dos Langley. Não demorou muito para encontrar o que estava procurando.

—Há um pedido de impressão digital aqui para os Langley também, disse. Ela bateu em uma cópia das impressões digitais de Scott e Bethany Langley. Bem aqui. Eles precisavam ter impressões digitais quando estavam passando pelo processo para serem aprovados como pais adotivos.

—Talvez seja por isso que Monica Knight precisava ter impressões digitais coletadas, sugeriu DeMarco. Isso certamente se alinharia com os laços de uma solicitação de informações ao DSS.

Kate ponderou por um momento enquanto recolhia os arquivos à sua frente. A última coisa que ela queria era que um grupo de pais de luto viesse ver a vida de sua filha morta resumida em uma série de páginas. DeMarco seguiu o exemplo e enfiou toda a papelada na bolsa do laptop.

—Você já teve que falar ativamente com pais de luto antes? Kate perguntou.

—Algumas vezes, disse ela. Você nunca se acostuma com isso, no entanto. Quero dizer, quando eu estava trabalhando na Crimes Violentos, havia outros Agentes que faziam esse tipo de coisa. Agentes com talento para a psicologia do luto. Isso me faz pensar como os médicos conseguem fazer isso o tempo todo.

Houve outra batida na porta. Desta vez, quando abriu, o mesmo assistente de aparência triste levou um casal mais velho para a sala — os pais de Monica Knight. Kate achava que a mãe parecia um tanto jovem para a idade dela, mas o ato de chorar furiosamente pela morte inesperada de uma filha havia lhe custado muito. Olhou ao redor da sala descontroladamente, como se desconfiasse de tudo.

Quanto ao pai, ele era um cavalheiro alto que parecia estar sonâmbulo. A vermelhidão ao redor de seus olhos deixava claro que eles passaram a maior parte das últimas horas chorando por causa da filha. Mas Kate também podia ver determinação no rosto do pai;

estava determinado a ser o mais forte possível por causa da sua esposa.

—Estes são Dean e Gloria Knight, disse o policial. Com todo o respeito, Agentes, eles querem ajudar de qualquer maneira, mas também têm familiares locais que gostariam de ver o mais rápido possível.

—Vamos o mais rápido que pudermos, disse Kate. Obrigado, Agente.

O policial saiu, deixando a sala em silêncio. Kate percorrera esse caminho um milhão de vezes e aprendera a não insistir muito na perda recente. Muitas vezes era melhor ir direto ao assunto, não pensar nos assassinatos, mas começar a procurar soluções. Isso não só eliminava a chance de um dos pais desabar, mas também os fazia sentirem-se seguros de que teriam respostas em breve.

—Eu entendo a sua necessidade de voltar para sua família o mais rápido possível, disse Kate. Então, vamos direto ao assunto. Estamos procurando uma conexão entre o que aconteceu com sua filha e quatro outras pessoas na área nos últimos quatro dias. Até Monica, estávamos sob a suposição de que eram apenas casais. E não há ligações diretas entre as vítimas. Então, esperávamos que vocês pudessem nos fornecer alguma luz. Qualquer pessoa que possa estar chateada com Monica ou qualquer coisa que ela possa ter mencionado para vocês recentemente e que levantou um alerta.

—Ela nunca falou sobre os aspectos negativos de seu trabalho, disse Dean Knight. Mas nos perguntamos a mesma coisa. Com o emprego dela, haveria muitas pessoas que poderiam ter algo contra ela, certo?

—O DP local está investigando isso agora, disse DeMarco. E se nenhuma resposta imediata for encontrada, também receberemos recursos do FBI. Por enquanto, porém, estamos tentando nos concentrar em áreas que podem não ser tão óbvias — coisas que podem tornar sua filha parecida com as outras.

—Isso mesmo, disse Kate. Sabemos que ela se casou uma vez. E não teve filhos, correto?

—Isso mesmo, disse Gloria Knight. Na verdade, eu sempre acreditei que essa seja uma das razões pelas quais não teve um bom marido. Monica *sempre* quis ter filhos. Ela costumava brincar

sobre como ela queria começar a tentar engravidar já logo na sua lua de mel. Mas o marido dela nunca esteve na mesma frequência.

—Ela iria adotar, disse Dean. Mas acho que ela começou a se envolver demais com a carreira.

—Ela alguma vez *realmente* adotou? Kate perguntou, começando a sentir um fio se enovelando e se encaixando na narrativa.

—Não, disse Gloria. Ela adotou por um tempo. Apenas uma coisa de curto prazo aqui e ali.

—Há quanto tempo fez isso? Kate perguntou, pensando naqueles pedidos de impressões digitais e documentos da DSS.

—Cerca de três ou quatro anos, suponho, disse Gloria.

Kate sabia o que queria fazer a seguir, mas mediu o possível resultado por um momento. Ela e DeMarco trocaram um olhar, ambas conscientes de que talvez tivessem tropeçado em alguma coisa com a conexão dos pais adotivos. Os Langley, afinal de contas, haviam servido como pais adotivos também. Isso ainda deixava os Nash se desconectando de tudo, mas pelo menos parecia que elas estavam chegando a algum lugar.

—Eu gostaria de mostrar uma coisa, disse Kate. Ela pegou o pedaço de cobertor que estava segurando desde que conheceu Palmetto. Não o colocou sobre a mesa, mas segurou-o no caso de parecer familiar aos pais. Se eles respondessem intensamente, ela queria ser capaz de escondê-lo o mais rápido possível.

Mas ela podia dizer imediatamente que isso não significava nada para eles. Gloria Knight olhou para o pedaço de tecido com tanta força que Kate teve certeza de que estava tentando encontrar alguma conexão — qualquer coisa para encontrar respostas sobre a morte de sua filha. Mas depois de alguns segundos, ela balançou a cabeça.

—Não. Deveria?

—Não sabemos, disse DeMarco. Mas farrapos similares a isso foram encontrados em todas as cenas de crime. Até agora, parece ser a única conexão estável.

—Por enquanto, disse Kate, acredito que é realmente tudo o que precisamos. Vamos deixar vocês voltarem para sua família. Mas, por favor, se pensarem em alguma coisa, não importa o quão pequena ou insignificante ela possa parecer, entrem em contato conosco.

—Nós faremos isso, disse Dean, enquanto ele se levantou vagorosamente. Ele pegou Gloria pelo braço e eles caminharam lentamente juntos em direção à porta. Gloria deu um olhar esperançoso e disse:

—Por favor, descubram quem fez isso.

Ela atravessou a porta como uma mulher em um sonho. No momento em que as portas foram fechadas, DeMarco retirou os arquivos e documentos das três cenas de crime.

—Não há coisa alguma na história dos Nash a respeito de ato de adoção ou um formulário, disse ela.

—Bem, talvez seja outra coisa, alguma outra conexão, disse Kate. E o DSS? Algum acordo entre os Nash e o Departamento de Serviços Sociais?

—Acho que não, disse DeMarco. Mas eu posso conseguir alguém no DP para investigar isso.

—Essa pode ser a nossa melhor aposta para agora, disse Kate.

DeMarco olhou para ela com ceticismo e deu um sorriso torto. Você tem certeza sobre isso? Parece que você está viciada em outro pensamento.

Kate concordou, não negando. Ela ficou impressionada e um pouco desconfortável porque DeMarco já conhecia seus tiques e maneirismos muito bem.

—Estou escolhendo focar no dolorosamente óbvio, disse ela. Não conseguimos encontrar coisa alguma que conecte todas as vítimas até agora. Mas o próprio assassino está conectando-as para nós.

—Com os pedaços de cobertor, disse DeMarco.

—Exatamente. É como o cartão de visitas dele. E se é um cobertor para crianças, talvez seja uma relíquia da infância dele.

—Você acha que o assassino conhecia essas vítimas quando ele era criança?

—Possivelmente, disse Kate.

Ela trabalhou com casos suficientes decorrentes de traumas de infâncias de um assassino no passado para saber que não era especialista no campo. A boa notícia para Kate, no entanto, era que sua carreira a havia indicado na direção de tais especialistas. E parecia que estava apontando daquele jeito mais uma vez.

Só que, com um assassino ainda à solta e um par de pais de luto que acabara de deixar a sua presença há menos de dois minutos, parecia ser menos uma indicação e mais um empurrão urgente.

—Como é a internet neste prédio? Kate perguntou.

—Decente. Por quê?

—Abra o Skype no seu laptop, disse Kate. Eu preciso fazer uma ligação.

CAPÍTULO DEZENOVE

Kate não esperava que a Dra. Henrietta Yates respondesse imediatamente a sua ligação pelo Skype. Kate havia trabalhado em estreita colaboração com Yates mais de vinte vezes ao longo de sua carreira e sabia que ela era uma das psicólogas mais proeminentes no campo do desenvolvimento e comportamento da primeira infância. Se o cobertor tivesse mais significado do que Kate conseguiu decifrar, Yates poderia ajudá-la.

Kate fez uma ligação para o consultório da Dra. Yates e, depois de algumas trocas de ligações com a secretária, conseguiu agendar um cara-a-cara improvisado pelo laptop de DeMarco. No tempo que passou, ela tirou uma foto do fragmento irregular do cobertor e mandou um e-mail para Yates. DeMarco aproveitou a oportunidade para fazer um pedido urgente para o departamento de registros.

Quando o rosto de Yates apareceu na tela, estava rapidamente afastando o cabelo para o lado com uma mão e tomando uma xícara de chá com a outra. Era evidente que estava no meio de um dia atarefado, fazendo Kate se sentir culpada por interrompê-la.

—Agente Wise, disse a Dra. Yates. É ótimo revê-la. Faz o quê? Pelo menos dois anos, certo?

—Provavelmente mais, disse Kate.

—Eu ouvi boatos de que você havia se aposentado.

—Sim, isso não funcionou.

—Pois é, fiquei surpresa, disse Yates. A simples ideia de aposentadoria não parece fazer sentido quando penso em você.

—Dra. Yates, eu sei que você é uma mulher ocupada e sua recepcionista me disse que você teve que empurrar algumas coisas para ter essa ligação. Eu aprecio isso e vamos fazer isso o mais rápido possível.

—Não se preocupe, disse Yates, embora estivesse claro que havia pelo menos *algumas* preocupações. Era evidente que estava preocupada com seu próprio trabalho.

—O que posso fazer por você, Agente Wise?

—Enviei-lhe uma foto há alguns minutos, disse Kate. É um pedaço rasgado de um cobertor. Esse fragmento, assim como outros dois, foram encontrados recentemente em cenas de

assassinato. Até agora, é a única evidência que conecta as vítimas. E é propositalmente deixado para trás pelo assassino. Eu estava pensando que poderia ter algo a ver com a infância dele... talvez uma lembrança ou algo assim.

—Essa é uma suposição boa, disse Yates. Como você está os encontrando? Eles são cuidadosamente colocados de lado ou colocados nos corpos?

—Eles estão sendo empurrados pelas gargantas das vítimas. A forense parece pensar que é feito depois do assassinato.

—Bem, isso realmente *pinta* uma imagem melhor da cena. Você sabe tão bem quanto eu que qualquer coisa tão tangível que seja deixada para trás é deixada para trás por uma razão — se não para atraí-lo para mais perto de encontrá-lo, para apaziguar alguma parte nostálgica ou autocentrada de si. Se este cobertor é da sua infância, então eu presumo que as vítimas também estão, de alguma forma, ligadas à sua infância. Ou pelo menos o assassino pensaria assim. Outra coisa a considerar é a garganta em que o tecido foi colocado.

—Eu não entendo.

—Quero dizer, as vítimas eram do sexo masculino ou feminino?

—Isso é outra coisa interessante, disse Kate. Os primeiros assassinatos foram casais. Dois deles. A terceira cena foi uma mulher solteira. Nas duas cenas com os casais, o tecido estava...

—Na garganta das mulheres, certo? Yates perguntou.

—Sim, está certo, disse Kate, incapaz de retribuir um sorriso pela intuição de Yates.

—Agente Wise, aposto tudo o que tenho sobre o fato de que esses assassinatos sejam baseados em algum tipo de percepção delito cometido ao assassino. Ele provavelmente não foi alimentado quando criança ou talvez fosse e acabou crescendo com uma sensação distorcida do que nutrir e dar segurança significava para ele. E voltando para o cobertor... os assassinos muitas vezes deixam algo para trás que está ligado a um incidente ou tempo específico em sua vida que os afetou profundamente.

—Então a tendência para casais e colocar o tecido na garganta das mães... você acha que é um anseio por uma família?

—Talvez, disse Yates. Mas isso seria um assassino já imerso em um estado profundo de psicose. De qualquer jeito, separar as

mulheres de tal maneira me faz pensar que ele tem algum tipo de trauma em seu passado com uma figura materna. Os cobertores nas mãos de uma criança devem ser reconfortantes. E se você observar a interação entre mãe e pai, geralmente são as mães que são consideradas mais reconfortantes.

Os Langley e Monica Knight eram pais adotivos, pensou Kate. Aposto que se começarmos a olhar para as listas de crianças que eles criaram, veremos o nome do assassino nessas listas.

Como se Yates também tivesse percebido uma linha similar de pensamento, ela continuou. Agora, não posso ter certeza, mas parece que pode ser tecido de algum tipo de cobertor de criança. Você pode confirmar isso?

—Basicamente. Eu até falei com a empresa que provavelmente o fabricou.

Quando ela disse isso, alguém bateu na porta da sala de conferência. DeMarco atendeu e Yates respondeu. Kate observou quando um oficial entregou uma pequena pilha de papéis a DeMarco.

—O fato de os cobertores serem vistos como objetos de segurança até a adolescência diz muito, disse Yates. Este assassino está trazendo algo geralmente visto como algo para conforto em cenas de assassinato. E os assassinatos em si? Rápidos e precisos ou violentos?

—Violentos.

DeMarco estava examinando os papéis que acabavam de ser entregues a ela. Lentamente, uma excitação crescente começou a florescer em seu rosto.

Na tela do laptop, Yates estava balançando a cabeça. Sim, eu diria que isso está começando a parecer um assassino que está culpando os pais de algo traumático de sua infância. Talvez pais que ele não teve.

—Sim, achamos que pode haver um elemento de paternidade ou maternidade nisso, disse Kate. E com isso, doutora Yates, fico feliz em dizer que você pode voltar ao seu trabalho. Você deu ao que era uma pista complicada, algumas pernas muito fortes para se sustentar agora.

—Bom ouvir isso, disse Dr. Yates. Fico feliz em ajudar. E, devo acrescentar, é bom ver você trabalhando de novo. Simplesmente não conseguiu ficar longe, não é?

—Por aí, Kate disse com um sorriso. Obrigada novamente, doutora.

Com isso, Kate encerrou a ligação. Ela imediatamente olhou para DeMarco enquanto ainda olhava os papéis que o policial lhe dera.

—O que você tem? Kate perguntou.

—Apenas um pouco mais de informação sobre os Nash, disse ela. Ela deslizou uma folha para Kate e acrescentou: parece que os Nash também marcaram uma reunião para coletar impressões digitais em algum momento no passado. E parece que tem a ver com isso.

Ela deslizou outra folha para Kate. Kate olhou para ela e soube imediatamente para onde tudo estava caminhando. Ela viu uma cópia das impressões digitais dos Nash, tirada em 2007. Com as impressões estavam os formulários típicos solicitados para uma verificação de antecedentes. Dentro das informações de verificação de antecedentes, havia também uma solicitação de informações do Departamento de Serviços Sociais.

A segunda folha era mais recente; Kate ainda podia sentir o leve calor de ter acabado de sair de uma impressora. Havia uma mensagem rabiscada no topo, embaçada, era uma cópia recente que dizia: *Espero que seja isso o que você estava procurando!* *Ruby*. Abaixo dessa mensagem em letra cursiva, havia um formulário de inscrição muito simples para uma organização chamada *Family Friends and Services*. Foi preenchido por Toni Nash e assinado por Toni e Derrick Nash. As perguntas sobre a inscrição eram todas relacionadas à família ou à criança — todas as perguntas que apontavam para a conexão com o orfanato. *Quantas crianças você criou? Por que você está interessado em cuidar de crianças em situações de emergência? Você tem amplo espaço dentro de sua casa para cuidar de uma criança?*

Havia mais perguntas como essa, para todas foram dadas respostas apropriadas e bem pensadas por Toni Nash.

—Você já ouviu falar deste Family Friends and Services? Perguntou DeMarco.

—Não. É novo para mim. Soa muito como um orfanato. Mas o termo assistência social nunca é usado neste formulário.

—Então talvez a gente faça uma visita à nossa nova amiga Ruby, disse DeMarco, apontando para o nome no topo da página.

Elas se levantaram juntas, trabalhando como uma máquina bem lubrificada. Isso fez Kate pensar, ainda que brevemente, como poderia ter sido trabalhar com DeMarco se ela, Kate, fosse cerca de vinte anos mais jovem. Elas tinham uma conexão estabelecida que a maioria dos Agentes emparelhados só poderia esperar ter depois de anos trabalhando juntos.

Ao saírem da delegacia em direção aos escritórios da *Family Friends and Services*, Kate lembrou mais uma vez por que amava esse trabalho. Era mais do que apenas a emoção da caçada ou colocar as peças do quebra-cabeça juntas quando um caso começava a ficar em foco — era também o senso de parceria e camaradagem.

Isso tornava a descoberta de um avanço uma vantagem ainda mais emocionante. E isso também fez Kate se sentir mais confiante e segura enquanto o final do jogo aparecia lentamente.

CAPÍTULO VINTE

O escritório central *Family Friends and Services* era um espaço amplo e iluminado. Três das paredes estavam adornadas com telas de rostos sorridentes de crianças. Uma seção de parede estava coberta de um mapa da área de Roanoke e um grande quadro branco adornado com nomes e dados. Kate e DeMarco sentaram-se de um lado de uma grande mesa de conferências, enquanto uma ruiva de cinquenta e alguns anos estava sentada do lado oposto a elas com uma caneca de café. Esta era Ruby Hendricks, a Diretora de Operações da *Family Friends and Services*. Ela tinha olhos brilhantes e felizes, mas também Kate podia ver o nervosismo nos cantos da boca dela.

—Hendricks, obrigada por encontrar conosco em tão pouco tempo, disse Kate.

—Claro. Neste cargo na FFS, raramente estou fora do escritório. Com o que posso ajudá-las? É sobre os Nash?

—Você já ouviu falar sobre eles? DeMarco perguntou.

—Sim. Cami Nash me falou a respeito.

—Você conhecia bem os Nash? Perguntou Kate.

—Não a um nível muito pessoal, mas eu os conheço o suficiente para considerá-los como amigos, disse Ruby. Eu os vi aqui e algumas vezes eles também participaram da maior parte de nossos eventos de arrecadação de fundos.

—Bem, acontece que *realmente* estamos aqui para falar sobre os Nash, disse Kate. Descobrimos hoje que eles fazem parte da *Family Friends and Services*. Porém, nós realmente não fazemos ideia do que vocês fazem aqui.

—Ah, disse Ruby, feliz por estar respondendo a uma pergunta tão fácil. Bem, eu não sei se você está ciente disso ou não, mas a área da Virgínia Central tem um grande problema de pais adotivos. Simplesmente não há pessoas suficientes para proteger crianças que estão procurando por lares seguros. A razão é algo do tipo um lar adotivo em potencial a cada dezoito crianças. O que nós aqui na FFS fazemos é intervir como uma alternativa temporária. Na verdade, nós nos consideramos uma prevenção de um orfanato, na verdade.

—Isso é realmente um passo necessário? Kate perguntou.

—Ah sim. Não me entenda mal... não há nada de errado com um orfanato. Eu mesma sou uma mãe adotiva aprovada. Mas muitas pessoas abusam do sistema. E porque é estatal, os tempos de espera pela papelada e aprovações podem durar para sempre. Tentamos evitar tudo isso, e até o DSS está começando a perceber a necessidade de um serviço como o nosso. Eu posso te dar um exemplo, na verdade. Dois dias atrás, fomos contatados pelo DSS. Uma mãe deu à luz a um bebê e foi descoberto no hospital que o bebê que nasceu foi exposto a substâncias tóxicas. A mãe tinha usado drogas até o sexto mês de gravidez. Os serviços sociais levaram o bebê da mãe, mas a mãe não queria que seu filho se perdesse no sistema de assistência social. Em vez disso, ela nos incumbiu do bebê e a criança está agora aos cuidados de uma de nossas famílias *Family Friends and Services*. Economiza o dinheiro e a pressa de trabalhar em uma situação de emergência e dá à mãe tempo suficiente para se limpar e se recuperar. Quando ela *for* uma mãe apta, nós devolveremos o filho para ela, mas só depois que o DSS a considerá-la capaz.

—E isso tudo é legal? DeMarco perguntou.

—Claro. Na verdade, existem organizações como essa espalhadas pelo país, mas não recebemos muita publicidade. Os tribunais só consideram os casos uma verdadeira vitória em muitas situações, se as crianças ameaçadas são colocadas em um orfanato, porque *orfanato* é um termo bem conhecido. Mas o que fazemos é essencialmente o mesmo, só não recebemos um cheque mensal.

—É tudo voluntário? DeMarco perguntou.

—Correto. A maioria das nossas famílias está fortemente envolvida em igrejas ou outras organizações de cuidados infantis.

—As famílias precisam ser aprovadas para adoção? Kate perguntou.

—Não. E esse é outro público que atraímos. Muitos pais — ou ex-pais, por sinal — não querem ser pais adotivos, mas têm compaixão por crianças necessitadas.

—E presumo que os Nash estavam na sua lista de famílias participantes? Kate perguntou.

—Sim. Eles estavam conosco há cerca de dez anos, eu acho. Talvez mais. Eu posso puxar os registros para você, se vocês quiserem.

—Isso seria ótimo, disse Kate.

—Um momento, então, disse Ruby quando se levantou e se dirigiu para a porta.

Quando fechou a porta atrás dela, Kate disse:

—Então, isso explica por que os Nash não apareceram em nenhum banco de dados de pais adotivos.

—E embora não seja um orfanato em si, acho que o envolvimento na *Family Friends and Services* seria algo próximo o suficiente — próximo o suficiente para estabelecer uma conexão sólida entre as três famílias, de qualquer maneira.

—Então, agora o objetivo é ver se há alguma criança que essas três famílias receberam em comum, disse Kate. Havia uma única criança que as três famílias mantiveram em algum momento? E isso pode nos levar direto ao assassino.

Ambas as mulheres refletiram sobre isso por um momento. Foi um pensamento emocionante, mas parte de Kate achou que era um pouco fácil demais.

Ruby retornou dois minutos depois com uma pasta fina. O nome NASH estava digitado na lateral da pasta. Ela abriu o fichário e o virou de modo que ficasse de frente para Kate e DeMarco.

—Derrick e Toni Nash se tornaram parte da família da *Family Friends and Services* em 2007, disse Ruby. Eles abrigaram o primeiro filho no final daquele ano, no Natal, eu acredito. Nos últimos doze anos, eles abrigaram quatorze crianças, com idades entre seis meses e catorze anos.

—E para se tornar um membro da sua organização, eu suponho que eles tiveram que passar por verificação de antecedentes, DeMarco perguntou.

—Absolutamente. Honestamente, qualquer pessoa que esteja se candidatando a FFS tem que passar pelas mesmas coisas que alguém tentando se tornar um pai adotivo. A única diferença é que eu acredito que em um orfanato há aulas que você precisa assistir e ser aprovado.

—Você mantém uma lista dos nomes das crianças que cada família hospeda? Kate perguntou.

—Nós temos, disse Ruby, parecendo bastante desconfortável. Mas... bem, como Agentes do FBI, eu tenho certeza que você entende que não posso muito bem entregar esse tipo de informação para você. Eu adoraria... realmente, eu adoraria. Estou chocada com o que aconteceu com os Nash. Mas não podemos divulgar essa informação. O que eu posso fazer é direcioná-la para um dos trabalhadores do caso nos Serviços Sociais, que deve ser capaz de obter toda a lista.

Kate não se incomodou em empurrar o problema. Sabia que Ruby estava certa e, embora isso as retardasse um pouco, ela entendia as medidas de segurança de tal processo. Gostariam muito do número de funcionários que você acha que agiriam com mais urgência sobre isso.

—É claro, disse Ruby, percorrendo o telefone em busca de informações de contato.

—Além disso, Kate disse, com uma organização como essa, eu diria que você vê muitas crianças que passam por aqui lidando com variadas formas de trauma. Isso estaria correto?

—Sim, infelizmente.

—Existe um terapeuta local com quem você trabalha para ajudar com esse tipo de casos?

—Sim, de fato. Na verdade, ela está localizada na mesma rua.

—Nesse caso, obrigada pelo seu tempo, disse Kate.

Ruby concordou e pegou uma caneta na mesa. Ela anotou as informações do funcionário do DSS e entregou a DeMarco.

—E sou sincera quando falo, disse Ruby. Por favor, me digam se houver mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar. Os Nash estavam entre as melhores pessoas que conheci — legais, caridosos e gentis. Eles não mereciam isso.

Kate concordou, mantendo o comentário que surgiu em sua mente. *Isso pode ser verdade*, ela pensou. *Mas alguém achou que eles mereciam. E alguém com esse tipo de mentalidade distorcida pode ser muito mais perigoso do que poderíamos imaginar.*

Conhecendo o rígido processo que os sistemas judiciários estaduais implantaram para proteger a informação privada dos cidadãos, Kate sabia que uma ligação direta ao Departamento de Serviços Sociais não lhe ajudaria. Elas pediram para falar com seu supervisor e trabalharam com os detalhes. Então, em vez de ligar diretamente para o DSS, Kate ligou para Duran. Ela deu a ele as informações do contato do DSS de Ruby e informou-o sobre o que elas estavam procurando. Ele terminou a ligação com a promessa de que retornaria em quinze minutos com os nomes de todas as crianças que já haviam sido cuidadas pelos Nash, os Langley e Monica Knight.

Esse pequeno recado permitiu que Kate e DeMarco tivessem tempo suficiente para visitar o consultório do terapeuta da *Family Friends and Services*, do outro lado da rua. Ruby entregara a Kate um cartão de visita, de maneira que saíram da FFS com o nome de Danielle Ethridge e o endereço do escritório. O mesmo nome estava na porta de vidro do escritório em letras de vinil brancas.

Dentro, uma recepcionista estava sentada em uma mesa, digitando algo em um laptop. Era um espaço pequeno, provavelmente para algum tipo de sessão particular. O local era bem decorado e muito aconchegante, lembrando Kate dos escritórios da *Family Friends and Services*. A recepcionista olhou para cima e sorriu quando entraram.

—Olá, senhoras, ela disse um pouco animadamente. Posso ajudar?

Ao se aproximarem da mesa, Kate mostrou sua identidade, assim como DeMarco. Enquanto passavam pelas apresentações, o bom humor da mulher parecia evaporar. E quando elas explicaram que estavam lá para falar com a Dra. Ethridge sobre um caso bastante sensível ao tempo, parecia absolutamente assustada.

—Claro, é claro, disse a recepcionista. Infelizmente, a Dra. Ethridge está com um paciente agora. Mas posso dizer a ela que vocês estão aqui assim que a sessão terminar. Não deve ser longa. Talvez mais quinze minutos.

—Obrigada, disse Kate. Elas caminharam até uma pequena área de estar e quando se sentou, a impressão de inatividade fez com

que Kate se sentisse como se o caso estivesse realmente se encaixando. Ela havia adquirido algo parecido com um instinto baseado em suas emoções; quando estava paralisada em um caso, mas não estava indo a lugar algum, ela tendia a ficar ansiosa. Por outro lado, quando ela e DeMarco se sentaram na sala de espera, ela se sentiu em paz — como se elas estivessem perto o suficiente do fim dessa coisa e não precisassem se apressar.

Aos sete minutos de espera, cada uma recebeu um texto de Duran através de uma mensagem no grupo. **Enviando uma lista de nomes do DSS por e-mail dentro de 5 minutos.**

—Isso deve encerrá-lo, certo? DeMarco perguntou. Se pudermos encontrar um nome nessas listas que ficou com os Nash, os Langley e Monica Knight, esse será o tiro final, certo?

—Parece que sim, disse Kate. Por outro lado, também não poderia fazer nada além de ter uma pista. Honestamente, não se sentia assim, mas não queria demonstrar para DeMarco, uma Agente mais jovem e ainda moldável, que não tinha problema em descansar em seus louros e simplesmente assumir que as coisas estavam indo bem.

Kate ficou de olho no telefone e, quando recebeu a notificação de que tinha uma nova mensagem, abriu-a imediatamente. Estranhamente, ela sentiu uma onda de compaixão quando viu as listas. Só os Nash tinham seis crianças hospedadas através dos *Family Friends and Services*. Os Langley cuidaram de seis pessoas, enquanto Monica Knight abrigou quatro filhos adotivos. Foi reconfortante saber que havia pessoas no mundo que ainda cuidavam de crianças órfãs e problemáticas de tal maneira. Isso a fez pensar em Michelle e em como ela teria sorte de crescer em uma casa onde seria sempre amada.

Havia uma nota no final das listas. Nela se lia: *Não é uma lista completa. Algumas crianças tiveram seus nomes alterados. Alguns pais as removeram assim que retomaram o tratamento. Outras foram removidas de todas as listas a seu próprio pedido depois de completarem dezoito anos de idade.*

—Eu vejo dois em comum imediatamente, disse DeMarco, olhando para o próprio e-mail.

Kate também percebeu isso. E embora ela odiasse eliminar instantaneamente tantos outros nomes da lista, simplesmente fazia mais sentido ir com as crianças que todas as vítimas tinham em comum. Vendo esses dois nomes, ela começou a sentir um pouco de ansiedade deslizando em sua mente.

—Agentes?

Elas olharam para cima e viram uma mulher de meia-idade e de óculos se aproximando. Como a recepcionista, ela sorria amplamente. Ela usava um par de óculos que faziam seus olhos parecerem muito brilhantes.

Kate se levantou e apertou a mão da mulher. DeMarco seguiu o exemplo.

—Obrigada por se encontrar com a gente, disse Kate. Como eu disse para a sua recepcionista, é um assunto sensível ao tempo.

—Sim, e eu também recebi um texto do Ruby me dizendo que vocês estavam vindo. Então entrem, Agentes, e deixem-me ver se eu posso ajudar.

Kate e DeMarco sentaram-se no lado oposto a Dra. Ethridge enquanto ela lentamente se abaixava na cadeira atrás de sua mesa. Vocês se importam se eu perguntar se este assunto é sobre os Langley e os Nash? Ela perguntou.

—É, disse Kate, surpresa ao ver que sabia de outra família que Ruby, da *Family Friends*, não conhecia. E para ser franca e contar com a sua total cooperação, eu também posso dizer que esta manhã outra mulher foi morta — Monica Knight.

—Ah meu Deus, disse ela. Eu nunca realmente a conheci, mas ouvi falar dela. Não estava com na FSS, correto?

—Não que saibamos, disse Kate. Apenas um lar adotivo.

—Estamos aqui, disse DeMarco, porque até agora o único elo que podemos encontrar entre as vítimas é o fato de que elas estavam todas conectadas através do sistema de adoção de uma forma ou de outra, embora entendamos que os Nash não eram pais adotivos, mas envolvidos com a *Family Friends and Services*.

—E embora não possamos entrar em detalhes ainda, disse Kate, o assassino tem deixado pequenas pistas para trás que indicam que ele pode ter algum tipo de trauma de infância que ainda está o atormentando.

—Eu ajudarei como puder, disse Ethridge, mas com certeza você entende que haverá áreas onde minhas mãos estão atadas quando se trata de confidencialidade médico-paciente.

—Sim, disse Kate, esperando por isso. Mas eu não acho que você vai ter que divulgar muito. Ela deslizou seu telefone para Ethridge e mostrou-lhe a lista de nomes. Como você verá, existem dois nomes que as vítimas têm em comum. Duas crianças.

—Sim, eu estava ciente de pelo menos uma criança que tanto os Nash quanto os Langley haviam visto. Não sei se Ruby contou a você, mas também vejo algumas crianças de casos de DSS, principalmente depois que as crianças foram transferidas para o orfanato. Eu não sei todos eles, mas eu recebo muitos deles.

—Então, esses dois, disse DeMarco. Os nomes dizem algo? Ou, mais importante, eles levantam algum alerta?

—Bem, Renée Pearson é uma possibilidade, disse Ethridge, apontando para um nome na lista. Mas eu não tinha ideia de que ela tinha terminado com Monica Knight. Pode ter sido apenas uma situação de descanso onde o atendimento era necessário apenas por um dia ou mais. De qualquer forma, Renée estava sempre procurando por uma discussão. Ela atacava as pessoas, acertando-as na esperança de entrar em uma briga. Em seu primeiro lar adotivo, foi pega segurando um travesseiro sobre o rosto do filho de três anos da família enquanto ele dormia. O garoto ficou bem, felizmente, mas o problema em que Renée entrou não pareceu incomodá-la.

—Então, você diria que tinha uma tendência à violência? Kate perguntou.

—Sim, essa é uma aposta segura. Mas... isso foi quase... Deus, quase doze anos atrás, a última vez que a vi. Ela encontrou uma casa em que se encaixava. Da última vez que ouvi — e já faz um tempo — ela foi para a faculdade.

—Você sabe se ela ainda mora por aqui? DeMarco perguntou.

—Com certeza. Se você verificar com minha recepcionista quando sair, ela pode ter o endereço atual que usamos para cartões de Natal e coisas do gênero.

—Mais alguém nesse trio se destaca? Kate perguntou.

Ethridge concordou. Sim. Robert Traylor. Ele era um daqueles garotos que só... Eu odeio dizer isso, mas você pode ver o ódio em seus olhos, às vezes. Abandonado quando bebê, foi abusado sexualmente por um pai adotivo quando tinha quatro anos. Robert estava se cortando quando tinha nove anos — e isso foi bem na época em que seu tio finalmente o acolheu. Isso o ajudou por um tempo pelo que consigo lembrar, mas ele foi levado pela polícia pela primeira vez quando tinha onze ou doze.

—Pelo quê? Perguntou DeMarco.

—Batendo em um homem sem-teto. Estourou uma garrafa de bebida na cabeça dele.

—Ele já ameaçou você? Kate perguntou.

—Ah sim, quase semanalmente. Ele ameaçou invadir minha casa e me estuprar. Palavras muito duras vindas de uma criança de treze anos.

—Correndo o risco de tirar conclusões precipitadas, você acha que ele seria capaz de matar?

Ethridge pensou nisso por um momento. Ela juntou os dedos enquanto pensava, claramente não querendo levar a conversa para aquele lado. Eu posso me lembrar claramente de fazer anotações sobre autoflagelação e pensamentos e tendências suicidas em suas avaliações. E isso foi praticamente o tempo todo em que o vi como paciente. Eu suponho que ele estaria com vinte e tantos anos agora. Talvez trinta e poucos anos. E enquanto sou uma grande defensora de pensar que qualquer um pode mudar, eu apenas... bem, eu acho difícil pensar que ele poderia ter mudado tanto.

—Você já viu ou ouviu falar dele desde a última vez que o encontrou profissionalmente? DeMarco perguntou.

—Não. E isso foi quase nove anos atrás.

Kate concordou e ficou de pé. Elas tinham o que precisavam. Bem, obrigada pelo seu tempo — novamente, nós certamente apreciamos isso.

—Agente Wise... você se importa se eu perguntar o que o assassino está deixando para trás? Você disse que havia pistas que estava deixando para trás.

—Fragmentos do que parece ser um cobertor velho.

—Como uma peça reconfortante?

—Esse é o palpite que tenho. Por que você pergunta?

Ethridge pensou por um momento antes de responder:

—Esse é um objeto bem sentimental. Kate esperou por outra coisa, mas Ethridge parecia perdida em pensamentos.

Kate fez um aceno final de agradecimento e saiu do escritório.

No caminho pelo corredor, DeMarco pegou o telefone. Eu duvido que alguém como Robert Traylor esteja na lista de cartões de Natal, disse ela. Vou fazer um pedido de informação da sua residência atual.

—E se Renée Pearson é local, vamos visitá-la também, disse Kate. Talvez ela possa dar algumas dicas sobre como ser rejeitada de casa em casa pode alterar a mente de uma criança.

Mas mesmo enquanto faziam esses planos, a última coisa que Ethridge disse permaneceu na cabeça dela. Começou a brilhar lentamente, como se pudesse ter algum significado, alguma pista para ajudá-las a resolver o caso.

Esse é um objeto bastante sentimental, disse Ethridge sobre o cobertor.

Era uma noção que Kate sentira desde o começo, mas ela ainda não conseguia descobrir o significado disso.

Talvez, quando encontrassem Robert Traylor, ele pudesse contar por conta própria — dos confins de uma sala de interrogatório.

CAPÍTULO VINTE E UM

Renée Pearson agora Renée Matthews depois de se casar há três anos — morava perto de Roanoke, em um bairro situado em um vale que tinha uma vista deslumbrante das montanhas. Ver o bairro era, para Kate, um exercício de não julgar as pessoas com base em sua história. Era um condomínio fechado, com casas que iriam facilmente de sete a oitocentos mil dólares nessa parte do país. O crepúsculo estava a apenas uma hora de ocorrer, a luz da noite pintando o bairro em cores ricas que pareciam acrescentar valor ao lugar.

Assim que Kate estacionou na calçada em frente à casa de Renée Matthews, o telefone de DeMarco tocou. Ela respondeu imediatamente. Kate continuou a admirar o bairro por trás do volante enquanto escutava o lado da conversa telefônica de DeMarco. Desligou em menos de um minuto e, embora Kate tivesse deduzido a essência da conversa pelo encerramento de DeMarco, sua parceira a contou.

—Então, parece não haver uma residência atual para Robert Traylor, disse DeMarco. O último endereço real era em Blacksburg, Virgínia, e isso foi há três anos. Os correios podem confirmar que ele não mora mais lá. O melhor que conseguimos foi o endereço do tio dele. Eles eram aparentemente bastante próximos em algum período.

—Ele é daqui? Kate perguntou.

—Logo fora de Blacksburg. Cerca de uma hora e meia de distância.

—Talvez seja tarde demais para visitar esta noite. Podemos ligar para ele quando sairmos daqui para ver se ele será cooperativo.

Elas saíram do carro e caminharam até a varanda. DeMarco bateu na porta e foi atendida imediatamente por um homem carregando uma criança. O garoto chupava uma garrafa e olhou para as Agentes com ceticismo.

—Posso ajudá-las? Perguntou o homem.

—Estamos procurando por Renée Matthews, ex Renée Pearson, disse Kate.

—É a minha esposa, disse ele. Então deu a elas um olhar cético que espelhava o de seu filho. Posso perguntar quem são?

—Agentes Wise e DeMarco, do FBI, disse Kate, mostrando sua identidade. Só precisamos fazer algumas perguntas a ela sobre algumas pessoas do passado.

—Ah, disse o marido, como se tudo fizesse sentido agora. Entre. Renée está na lavanderia. Eu vou chamá-la.

O Sr. Pearson levou-as para a sala de jantar e ofereceu-lhes ambos os assentos enquanto. Caminhou para os fundos da casa. Kate ficou feliz em ver que alguém com um passado podre tinha conseguido ir tão bem. Até mesmo se casar bem, era algo para se admirar.

Momentos depois, uma linda mulher vestida com uma camiseta e calça de moletom entrou na sala de jantar. Seu cabelo loiro estava feito em um coque bagunçado que a fazia parecer dez anos mais nova. Kate achou que poderia vislumbrar a jovem que uma vez se encontrou com a Dra. Ethridge.

—Renée? Kate perguntou.

—Sim, sou eu, ela disse. Chris disse que vocês são do FBI?

—Isso mesmo, disse DeMarco, mostrando seu distintivo.

—Tem alguma coisa errada? Renée perguntou.

—Eu não sei se você já ouviu falar sobre os Langley e os Nash, disse Kate. Mas eles foram mortos recentemente.

Renée concordou com a cabeça. Sim. Um amigo meu da cidade me ligou. Um dia depois do outro, como um duplo golpe de notícias terríveis.

—Você era próxima a eles ao longo dos anos? Kate perguntou.

—Eu conversava com Toni Nash de vez em quando, disse Renée. Ela ligou ocasionalmente para me contar sobre a ida de Olivia para faculdade. Eu não falava com os Langley há um tempo, no entanto. Eles ligaram no meu aniversário no ano passado e acho que foi a última vez que falei com eles.

Kate fez o melhor para entregar as próximas notícias em voz baixa. O que você pode nos dizer sobre Monica Knight? Ela perguntou.

—Uma senhora bem agradável. Eu fiquei com ela por cerca de uma semana, quando eu tinha quatorze anos e, em seguida, um fim

de semana no ano seguinte. É uma mulher tão doce, mas, olhando para trás, acho que estava em um dilema sobre em que se dedicar: entregar seu coração para as crianças ou focar na sua carreira.

—Bem, eu odeio dizer que ela também foi morta, disse Kate. Em algum momento ontem à noite, nós achamos.

A mão de Renée foi a boca e lágrimas se formaram em seus olhos.

—Quando você falou com ela por último? DeMarco perguntou.

—Nossa, há anos. Eu era casada há três anos e ela me enviou um presente pela Amazon. Ela nunca ligou. Eu a convidei para o casamento, mas não veio.

—Como foi o seu tempo com ela quando ela hospedou você? Kate perguntou.

—Bem. Nada especial. Nós nos demos bem, mas nada nos vinculou realmente, sabe? Ela foi muito gentil e hospitaleira, mas nunca houve qualquer sensação real de que queria me conhecer em um nível pessoal.

—Durante o seu tempo com os Langley, Nash e Monica Knight, você já cruzou um caminho com um jovem chamado Robert Traylor?

Renée considerou por um momento antes de sacudir a cabeça. Não parece familiar. Mas, novamente, eu fui empurrada de casa em casa por muitos anos.

—Nós falamos com a Dr. Ethridge em Roanoke, disse DeMarco. Ela sorriu e acrescentou: parece que você mudou.

—Mudei, disse Renée, enxugando uma lágrima. Eu conheci uma universitária em um dos lares adotivos em que eu estava e estava me dizendo o quão incrível a faculdade era e como ela basicamente já tinha um emprego à sua espera quando se formou. Eu decidi que me daria uma chance. Fiz faculdade na comunidade para obter o meu GPA e depois fui para a Virginia Tech. Eu me formei no mesmo ano em que Chris e eu nos casamos. Eu tenho trabalhado no Departamento Florestal desde então. Acho que é um trabalho que eventualmente nos levará a Virgínia Ocidental para morarmos lá, mas ainda não temos certeza.

—Agora, apenas por obrigações do nosso trabalho, Kate disse, você seria capaz de provar seu paradeiro todas as noites durante a última semana ou mais?

Alarmada, Renée sentou-se rígida em seu assento. Você está seriamente sugerindo que eu.

—Não estou sugerindo, disse Kate. No entanto, até agora, a única coisa que essas vítimas têm em comum é o fato de estarem envolvidas em assistência social e proteção infantil. E você era um elo comum entre todas elas.

Renée parecia chateada, mas também ficou claro que entendia a abordagem delas. Eu estava aqui todas as noites na última semana, com exceção da noite de quinta-feira. Essa é nossa noite de casal. Temos uma babá para que Chris e eu possamos sair para jantar.

—E tenho certeza de que tudo vai se confirmar, disse DeMarco, desculpando-se. Mathews, você conhecia todas essas cinco vítimas. Existe alguma razão na qual você poderia pensar para alguém querer machucá-los? Havia alguma coisa que os ligasse de alguma forma?

—Eu sinceramente não sei, disse Renée. Eu não consigo pensar em nada. Então, novamente, eu estava muito egoísta e envolvida com minhas coisas durante esse período da minha vida.

Kate se levantou, um pouco arrependida de ter dirigido até ali para essa conversa breve e sem revelações. Bem, nos próximos dias, agradeceríamos se você pudesse pensar um pouco a respeito. Se você pensar em alguma coisa, por favor nos avise.

—Claro.

Com isso, DeMarco deixou um cartão de visita na mesa da sala de jantar enquanto Renée as levava até a porta.

—Você sabe, disse Renée, — o orfanato é uma faca de dois gumes. Para cada grande família, há uma família de merda. Eu ouvi algumas histórias muito ruins. Mas acho difícil acreditar que alguma dessas famílias teria feito algo tão ruim para uma criança que causaria isso.

—Você já conheceu uma criança que foi abusada no sistema? Kate perguntou.

—Algumas garotas aqui e ali, sim.

—E você conhece algum dos nomes dessas famílias abusivas?

—Não... Desculpe.

—E você? DeMarco perguntou. Você já passou por isso?

—Não. Os Nash e Langley foram os únicos *lares* reais em que eu fiquei.

Então, lá se vai a esperança de escolher a próxima família na lista do assassino, pensou Kate.

Elas agradeceram Renée uma última vez e voltaram para o carro. Quando Kate ligou o motor, DeMarco olhou pensativa pela janela.

—Então, se esse assassino é um ex-filho adotivo com conexões com suas vítimas, como podemos saber quando ele vai parar?

—O que você quer dizer? Kate perguntou.

—E se ele for como Renée? E se essas fossem as únicas famílias com quem ele ficou? E se ele os matou e desistiu? Ele já poderia ter se escondido.

—Então vamos encontrar o bastardo, disse Kate e virou o carro.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Apesar da hora tardia, Kate ficou feliz que o tio de Robert Traylor concordou em se encontrar com elas. Sua única ressalva era que elas o encontrassem em um bar no centro de Roanoke. Assim, à medida que a noite se aproximava das nove horas, Kate se viu dirigindo de volta a Roanoke, seguindo as instruções do GPS para um bar chamado Shorty's Pub.

Encontraram-no na parte de trás do lugar, em banco de canto que parecia algo que havia sido arrancado direto de um antigo filme *noir*. Uma jarra de cerveja e um copo meio vazio estavam na frente dele. Estava vagamente assistindo a uma das TVs atrás do bar, olhando os destaques do Sports Center.

—Sr. Traylor—? Kate perguntou quando elas se aproximaram da mesa.

Ele desviou o olhar da televisão para as duas Agentes. Seu olhar assustado deixou claro que ele provavelmente não esperava duas mulheres— embora Kate fosse a pessoa com quem ele falou ao telefone. Um olhar envergonhado cruzou seu rosto, que ele virou para a jarra de cerveja e depois de volta para elas.

—Al Traylor, disse ele. Prazer em conhecê-lo. Aceitam uma bebida?

Kate teria adorado um copo de vinho branco, mas nunca bebera no trabalho— nem mesmo depois de horas em que esteve longe de DC.

—Não, obrigada, disse ela. DeMarco sacudiu a cabeça também. Sr. Traylor, eu sou a Agente Wise e esta é a Agente DeMarco. Como lhe disse ao telefone, esperávamos conversar com você sobre um caso em que estamos trabalhando.

Traylor concordou e tomou um gole de sua cerveja. O copo ainda não estava vazio, mas ele voltou a enchê-lo da jarra à sua frente— que, em si, estava meio vazia.

—Você não parece muito surpreso, disse DeMarco.

—É sobre a porra do meu sobrinho estúpido, ele perguntou.

—É, na verdade, disse Kate. O que fez você ir tão rápido?

—Porque o menino é um acidente esperando para acontecer. Um fodido de proporções enormes. Eu estou surpreso que eu não tenha

sido visitado pelos federais antes. Ele então riu e acenou com a mão para o copo e jarro na frente dele. Como se eu tivesse em posição de falar. Mas, você sabe, ele é a razão pela qual eu bebo muito.

Kate e DeMarco sentaram-se do outro lado do estande. Você pode explicar isso, por favor? Kate perguntou.

—Bem, eu acho que você sabe que ele foi devolvido a um orfanato a maior parte de sua infância, certo? Quando as Agentes concordaram, ele acenou de volta e depois continuou. Bem, eu estava uma confusão por um tempo. Bebia muito. Fui demitido de alguns empregos por causa disso. Tive três casos durante o casamento antes de a minha esposa me deixar. Então sim... Eu era um desastre de trem antes mesmo de conhecê-lo. E então, um dia, recebo esta ligação dos Serviços Sociais. Eles dizem que estão com meu sobrinho e estão procurando um lar para ele. Aparentemente, meu irmão idiota, Deus descansa sua alma miserável, sumiu da cidade e deixou seu filho para trás quando ele era apenas um bebê— eu não fazia a menor ideia, porque não tínhamos contato. Ele foi alocado em um orfanato até que finalmente me encontrou. Eu não fiquei com ele por muito tempo, antes que ele fosse colocado de volta em um orfanato.

—Por que eles o removeram de seus cuidados? Kate perguntou.

Traylor apontou para o copo na frente dele. Eu não sabia que faziam visitas surpresas. O Serviço de Proteção a Crianças veio uma noite para nos checar e eu estava bem bêbado. Deixei meu sobrinho brincando no jardim da frente sozinho.

—Quantos anos ele tinha neste momento? Perguntou DeMarco.

—Oito ou nove. Eu realmente não me lembro.

—E ele acabou voltando para os seus cuidados?

—Sim, disse Traylor. Eu percebi que eu tinha destruído minha vida, sabe. Então eu me limpei. Fiquei *quase* sóbrio. Consegui um emprego estável. Tomei as aulas para serviços de acolhimento e tudo depois que eu tomei conhecimento de que estava simplesmente sendo repassado por aí. Houve um boato de que uma das famílias estava abusando dele. Então eu o pedi de volta. Eu passei em todas as aulas e claro que eles o jogaram para mim e parecia feliz o suficiente em estar de volta comigo. Ele morou comigo por cerca de um ano antes de fugir pela primeira vez. Os

policiais o trouxeram de volta três semanas depois e ele ficou comigo de novo por alguns meses antes de fugir de mim novamente.

—Como era o relacionamento entre vocês dois? Kate perguntou.

—Bem merda no começo. Mas nós gostávamos um do outro, sabe. Assistíamos futebol aos domingos. Íamos pescar de tempos em tempos... o que ele odiava, mas ele gostava de estar ao ar livre. Eu perguntei a ele, depois daquela primeira vez, por que ele fugiu. Ele me disse que ficou entediado. Eu perguntei aonde ele ia e ele nunca me contou. Ele era muito obscuro sobre isso.

—Depois que ele saiu pela segunda vez, foi o fim? Kate perguntou.

—Ah não. Ele apareceu novamente quando tinha dezesseis anos. Magro e com cabelos compridos e despenteados. Havia uma garota com ele dessa vez. Ele perguntou se eles poderiam ficar comigo por um tempo e eu disse que eles poderiam. Eu sentia o cheiro de maconha vindo do seu quarto de vez em quando. Ouvia barulhos de sexo elevados, coisas assim. Eu tive uma conversa com ele sobre a garota ter que encontrar seu próprio lugar e isso não foi bem. Ele explodiu em mim, mas ele ficou, sabe? Parecia diferente. Como... ele sabia usar as pessoas. Estava comigo desta vez apenas por um lugar seguro para ficar. Eu sabia disso..., mas...

Ele parou aqui e tomou outro gole do copo. Ele lambeu os lábios e depois continuou. Eles saíram uma noite e eu bisbilhotei as coisas dele. Eu queria saber em que estava se metendo, onde estava indo, sabe? E havia algumas coisas sombrias. Coisas satânicas. Pornografia violenta. Coisas assim. Eu o confrontei porque, francamente, parte do pornô tinha alguns modelos que não poderiam ter mais de quinze ou dezesseis anos. Não é preciso dizer que ele enlouqueceu. Puxou a porra de uma faca para mim. Eu acho que ele teria me esfaqueado se eu não tivesse dado um soco nele primeiro. Ele saiu correndo e me disse para ir para o inferno.

—Alguma ideia de onde ele foi? Kate perguntou.

—Não. Mas, porque eu acho que ele pensou que eu era um otário, ele voltou na véspera de Natal dois anos depois disso. Estava enrolado em alguma coisa. Drogado como o Diabo, sabe? Ele perguntou se podia ficar e eu deixei— mas só até Ano Novo.

Estava fazendo cocaína na minha casa, fumando maconha, trazendo essas pessoas arrepiantes para sair e Deus sabe o que mais. Eu dei a ele até meados de janeiro para encontrar um emprego. Depois que ele nem tentou, eu o mandei fazer as malas. E essa foi a última vez que o vi.

—Há quanto tempo foi isso? Perguntou DeMarco.

—Isso foi há cerca de três anos.

—Você tem alguma ideia de onde podemos encontrá-lo? Kate perguntou. Seu último endereço listado é um beco sem saída.

Traylor riu. Ah, aposto que é. E o nome dele provavelmente não apareceria sob nenhum endereço atual. O idiota mudou seu nome. E descobri isso quando recebi uma carta no correio no ano passado. Disse que ele havia se mudado, mudou seu nome e estava começando de novo. Ele pediu dinheiro na carta— só para se erguer. Eu amassei e joguei fora. Mas sim, eu tenho seu endereço... e seu novo nome: Chester Black e ele vive em um trailer em Whip Springs, em algum lugar nos arredores da floresta.

—Você disse que ele puxou uma faca em você uma vez, disse Kate. Você acha que estava agindo com raiva ou sendo alto... ou você acha que esse tipo de reação é apenas da sua natureza?

—Eu não sigo você.

—Você acha que ele seria capaz de matar?

Traylor não perdeu tempo pensando. Ele concordou e abaixou o copo, imediatamente enchendo-o mais uma vez do jarro. Provavelmente. Foi como um declínio gradual, sabe? Ele era quieto e pensativo quando eu o peguei pela primeira vez e, quando ele voltou, havia algo mais sombrio sobre ele. E então, pela terceira vez, ele saiu dos trilhos. Eu realmente assisti ele desmoronar em etapas, sabe? É por isso que acho que não fiquei muito surpreso ao ouvir do FBI, disse ele. No fundo da minha mente, tenho esperado algo sobre Chester por algum tempo. Que ele estivesse morto ou tinha se envolvido em alguma merda. Eu acho que ele finalmente quebrou completamente, hein? Ele realmente matou alguém?

—Não podemos dizer ainda, disse Kate, ficando de pé.

—Melhor ainda, disse Traylor. Quanto menos eu souber sobre ele, melhor.

Nessa deixa, ele voltou sua atenção para as televisões atrás do bar. Ele não parecia triste, mas certamente não estava chateado também. Kate achou que parecia sem emoção, como se tivesse desistido do sobrinho há muito tempo.

E talvez seja por isso que ele tenha acabado desse jeito, Kate pensou. As famílias adotivas desistiram dele, assim como seu próprio pai e tio. Tudo isso pode ir se acumulando e acumulando até que algo simplesmente se estoure...

Pensando nisso, ela refletiu que talvez Al Traylor não parecesse completamente sem emoção. Em vez disso, parecia um homem que considerava uma derrota que ele não tinha sido forte o suficiente para salvar alguém com quem ele se importava— especialmente agora que a pessoa em questão poderia muito bem ser condenada por vários assassinatos.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Como Whip Springs ficava a menos de meia hora do bar que Al Traylor escolhera, Kate decidiu visitar Chester Black apesar do horário. Era 9:47 quando chegaram à estrada de terra que levava a um pequeno aglomerado de casas móveis. DeMarco ligou para Palmetto para obter o endereço, apenas para acabar ouvindo Palmetto rindo. Ele não conseguiu dar um endereço específica, mas muitos detalhes em suas direções.

—Ele diz que se você cair da face da Terra, nós fomos longe demais, DeMarco comentou quando Kate virou o carro na estrada de terra.

Vários metros abaixo da estrada, elas chegaram a uma caixa de ferro em cima de um poste. A caixa continha seis caixas menores dentro dela, cada uma listada com um sobrenome. Era uma espécie de caixinha de correio, aparentemente para que o carteiro não precisasse ir até a estrada extremamente mal pavimentada. Usando a lanterna no celular, Kate viu que a Caixa 4 estava adornada com C. Black.

Demorou cerca de um minuto ou mais antes que casas móveis aparecessem. Eram estruturas abandonadas, uma das quais faltava uma janela e estava coberta com uma lona azul esfarrapada. Em um quintal, dois homens sentavam-se em torno de um pequeno grelha a carvão, bebendo cerveja e comendo hambúrgueres.

Kate estacionou o carro na frente do quarto trailer. Parou atrás de um velho Chevy Cavalier. A janela traseira era decorada com logotipos de bandas e um pentagrama. Dadas as histórias que Al Traylor acabara de lhes contar, bem como a noite escura e o local isolado, Kate estava um pouco nervosa quando ela e DeMarco saíram do carro. Ela viu que DeMarco também estava olhando em volta cautelosamente, com a mão descansando ao lado de onde sua Glock estava escondida sob a jaqueta.

Os degraus que levavam ao pórtico de madeira de Chester Black eram nada mais do que blocos de concreto que haviam sido estrategicamente empilhados para fazer um conjunto de degraus toscos. Quando se aproximaram, DeMarco deu dois passos rápidos, assumindo a liderança. Vários anos atrás, isso poderia ter ofendido

Kate. Mas agora parecia quase educado— uma maneira de enfrentar qualquer perigo em potencial para ajudar uma parceira que tinha vinte e sete anos a mais do que ela.

Quando elas deram os passos, Kate sentiu um odor pungente. Algo apodrecendo... Talvez um gato morto ou um cervo que tivesse morrido na floresta. Ela franziu o nariz e continuou subindo as escadas vacilantes.

As duas Agentes deram uma ao outro um sinal de prontidão antes que DeMarco batesse na porta de tela de alumínio.

—Oi! Uma voz masculina gritou de dentro. Quem é?

Não querendo gritar, particularmente para não ser ouvida pelos homens no quintal, Kate se inclinou o mais perto possível da porta de tela.

—Sr. Black, é o FBI. Precisamos falar com você, por favor.

—Palhaçada, veio a resposta com uma risada.

Isso foi seguido por passos indo em direção à porta. A porta foi aberta e um homem pálido e magro olhou para elas. Seu cabelo era preto como a camisa dele. Seu nariz estava perfurado, assim como o lábio inferior. Uma tatuagem aparecia na gola da camisa, subindo pelo pescoço até a parte inferior do queixo. Um tentáculo, pelo que parece.

Ficou claro que Chester Black havia pensado que alguém estava brincando com ele. Enquanto ele olhava para elas em confusão, DeMarco aproveitou a oportunidade para mostrar-lhe seu distintivo. Como minha parceira disse, comentou DeMarco, —somos do FBI. Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas sobre atividades recentes na área.

—Que tipo de atividade? Ele perguntou vigilante.

Ele tentou encará-las, mas seus olhos estavam vidrados e distantes. Kate tinha certeza de que estava usando alguma coisa. Ele tinha a aparência de alguém saindo de uma onda bem forte.

—Nós realmente preferimos entrar, disse Kate.

—Isso não vai acontecer.

—Bem. Então podemos conversar aqui e posso levantar um pouco a voz para que aqueles cavalheiros no quintal dois trailers abaixo, possam ouvir o que precisamos lhe perguntar.

—Você acha que eu me importo com o que esses caipiras pensam de mim?

—Eu não sei, disse DeMarco. Mas eu sei o que você vai pensar de mim se você me obrigar a ir até a DP e conseguir um mandado para entrar nesse chiqueiro. Torne isso fácil para todos, Chester. E sabemos que esse não é seu nome verdadeiro. Nós sabemos seu nome verdadeiro. Podemos transmitir isso durante nossa conversa na varanda também.

Black olhou em desacordo, rasgado em sua decisão. Merda, disse ele. Bem. Entre. Mas eu claramente não esperava companhia. Especialmente não a porra do FBI.

—Você está na onda de alguma coisa agora? Kate perguntou.

Ele apenas zombou dela quando passaram pela porta.

Quando elas entraram, a primeira coisa que Kate notou foi o cheiro. Era a mesma coisa que ela tinha cheirado lá fora, só que mais forte. Não podia decidir se Chester Black simplesmente precisava esvaziar seu lixo ou se alguma criatura da floresta havia encontrado o caminho para debaixo do trailer e morrido.

—Então, o que vocês querem? Black perguntou. Ele ainda estava de pé junto à porta, basicamente prendendo-as lá dentro. *Ou certificando-se de que ele tenha um caminho claro para escapar*, Kate pensou, trazendo a lembrança de Davey Armstrong à mente.

—Você mora a cerca de quinze quilômetros da família Langley, disse Kate. Eles cuidaram de você quando você era criança, certo?

—Sim. Por uns três meses, antes de me enviarem para outra família.

—Você sabia que eles foram mortos?

Black concordou. Eu ouvi de um dos meus vizinhos. Assassinato, certo? Depois de uma breve pausa, ele revirou os olhos e riu. Ah, merda. Vocês acham que eu fiz isso?

—Não há acusação aqui, disse DeMarco. Estamos apenas tentando obter o máximo de informações possível. Por exemplo, você sabia que os Nash foram assassinados também?

O olhar em seu rosto era de puro choque. Mas algo sobre isso não cheirou bem a Kate. Não pareceu que ele ficou chocado com a notícia. Era quase como se alguém tivesse descoberto algum segredo e ele não esperasse que fosse revelado.

—Não, eu não sabia.

—Além disso— disse Kate— uma mulher chamada Monica Knight foi assassinada nas últimas trinta e seis horas.

—Você ficou com ela um pouco, também, correto? DeMarco disse.

Agora havia perplexidade em seus olhos. Que diabos? E vocês estão aqui... por que exatamente?

—Você ficou com os três em algum momento. E com base em algumas das coisas que coletamos de seus familiares...

—Meu tio, você quer dizer?

Kate ignorou isso e continuou. Sr. Black, você poderia fornecer seu paradeiro para cada noite por volta da última semana ou mais?

—Eu estive em todo o lugar. Roanoke em uma noite. Na casa de um amigo ontem à noite em Vinton.

—Você pode fornecer provas?

—Além de boca a boca?

—Isso vai dar por agora, disse DeMarco. Mas, eventualmente, precisaremos de mais.

—Se você está afirmando que não é a pessoa por trás dos assassinatos, Kate disse, —você gostaria de me contar o que sabe sobre as vítimas? Existe mais alguma coisa que possa conectá-los?

—

—Além do fato de que eu era demais para eles lidarem? Black disse. E aquela Bethany Langley sabia como dar um tapa com a mão direita como um lutador de MMA? Sim, me desculpe, eles estão mortos e tudo. Mas foda-se eles. Eles desistiram de mim há muito tempo. E os Nash, em particular, eram tão santinhos, era revoltante. Parece-me que era um carma; parece que eles conseguiram o que mereciam.

—Isso parece um pouco duro, disse DeMarco.

—Duro? Duro! Que tal aquela cadela da Monica... devolvendo-me para o DSS depois que ela descobriu que eu tinha sido abusado sexualmente por um dos meus pais adotivos. Demais para ela lidar também. E os Nash... quando eu disse a eles que eu poderia estar interessado em garotos... outra família apenas me dispensando. Ser esbofeteado toda vez que eu ousava questionar os Langley. Lares de amor meu rabo...

Enquanto Black continuava seu pequeno discurso, Kate começou a estudar lentamente o trailer. Havia uma pequena faca de bife na desgastada mesa do lado do sofá. Ao ver a faca, o cheiro do lugar ficou ainda mais alarmante.

—Você pode querer abafar esse tipo de conversa se você quiser que acreditemos que você não teve nada a ver com os assassinatos, disse DeMarco. Você poderia ser cem por cento inocente, e esse tipo de conversa te dar um bom lugar em uma sala de interrogatório.

—Você vai me prender por falar mal de alguém? Black gritou.

Mas Kate mal registrou isso. Ao invés disso, estava olhando para parte de alguma coisa branca debaixo do sofá. Ela foi até lá e viu que era o canto de uma toalha. Ela se abaixou e pegou.

—O que você está fazendo? Black perguntou.

Kate puxou e deu um rápido passo para trás. A toalha estava amassada, suja e encharcada de sangue.

Sangue *fresco*.

—O que é isso? Kate perguntou.

—Eu me machuquei mais cedo, disse Black. Ferida desagradável. Aquela toalha foi a primeira coisa que peguei.

—E por que foi empurrada para debaixo do sofá? DeMarco perguntou.

—Deixe-me ver o corte, disse Kate. Ela sentiu a mão direita avançando em direção a sua arma.

—É em uma área que eu prefiro não mostrar para qualquer Agente aleatório do FBI, disse Black. E eu conheço meus direitos. Você não pode exigir que eu tire minha roupa para mostrar uma ferida.

—Então se explique, disse DeMarco. Estava fazendo um pouco menos para esconder o fato de que estava pensando em ir para sua arma.

—Saia da minha casa, ele retrucou. Vá pegar o mandado.

—Explique o sangue, disse Kate. Ela continuou olhando para além. Era muito sangue, mas não muito para fazê-la assumir o pior.

—Eu não vou explicar coisa alguma. Eu disse para dar o fora da minha casa!

Kate lutou contra seus instintos e agiu. Ela ia mentir, mas ela achou que estava tudo bem. Black alegou conhecer seus direitos. Mas para alguém burro o suficiente para empurrar rapidamente uma toalha ensopada com sangue debaixo do sofá, ela tinha que se perguntar. Ela imaginou que poderia testá-lo apenas o suficiente para ficar longe de qualquer problema legal.

—Aparentemente, você *não* conhece seus direitos, disse ela. O fato de muito sangue fresco estar presente em um local onde estamos questionando alguém em uma investigação ativa de assassinato, supera seus direitos. Na verdade, ela disse, mostrando a arma para ele, mas ainda não a sacando, —isso poderia ser considerado um material ameaçador. O suficiente para nós tirarmos nossas armas e trazer você preso. Agora... *explique-se!*

A maneira como seus olhos se moviam em preocupação deixou muito claro que ele havia comprado sua desonestidade. Ele balançou a cabeça nervosamente e depois encolheu os ombros. Bem...—

E então ele jogou um cotovelo no peito de DeMarco.

Ela tossiu e tropeçou de volta para a cozinha. Ela escorregou no linóleo e bateu na geladeira. Black então cometeu um erro ao avaliar as ações de Kate; Ele levou uma fração de segundo para ver como ela ia seguir antes que ele se movesse. Se ele tivesse ido imediatamente para a porta noite a fora, ele poderia ter escapado. Mas ele hesitou, brincando com a ideia de atacar Kate também.

Antes que ele pudesse dar um único passo à frente, Kate estava correndo até ele. Era muito familiar com a cena no apartamento de Davey Armstrong. O erro de Black, porém, foi que, ao vê-la se apresentando, decidiu se defender.

Ele pegou a faca na ponta da mesa em um movimento hábil. Mas quando a mão dele caiu sobre ela, Kate acertou o cotovelo no antebraço dele. Black gritou e foi para o chão como um saco de pedras. DeMarco estava lá com ela em um instante, jogando os braços ao redor do torso de Black enquanto ele tentava combatê-las.

Mas ele era muito frágil e fraco. Kate o tinha algemado em cinco segundos. E quando ela ficou de pé, com o coração acelerado, ela olhou para a toalha.

Esse sangue estava muito fresco e ela estaria disposta a apostar em qualquer coisa que não vinha de Chester Black.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Kate e DeMarco haviam vasculhado a área ao redor do trailer em busca de sinais de onde o sangue tinha vindo, mas não encontraram coisa alguma. DeMarco encontrou de onde o fedor de dentro da casa estava vindo, no entanto. De fato, havia um gato morto embaixo do trailer. Na verdade, também havia um cachorro morto. O cachorro havia sido morto recentemente, uma fenda rasgando-o do queixo ao quadril.

Kate agradeceu que a mídia não tivesse descoberto essa pitada de horror. De alguma forma, eles descobriram sobre a prisão de Black; quando chegaram ao departamento de polícia em Roanoke, já havia dois furgões de notícias estacionados do lado de fora esperando, com um terceiro rugindo pela rua em busca de um lugar para estacionar.

Enquanto Kate e DeMarco rapidamente escoltavam Black até a estação, Palmetto veio correndo até elas com um olhar de desculpas em seu rosto.

—Como diabos a mídia descobriu sobre isso? Kate gritou para ele.

—Nenhuma pista. O chefe está irritado. Ele pôs uma busca ativa pelo vazamento. Infelizmente, aconteceu com muita frequência por aqui antes.

Isso não ajudou em nada para diminuir a irritação de Kate. Ela empurrou Black para a estação pela porta dos fundos, onde já havia dois repórteres disputando posições. Não se preocupou tanto em olhar para eles quando eles passavam, embora ela ouvisse as perguntas.

—Este é o assassino?

—Por que ele fez isso?

—Há mais vítimas lá fora?

No interior, as coisas estavam muito caóticas. Havia policiais atendendo telefonemas, basicamente gritando para as pessoas do outro lado, enquanto pediam informações sobre o suspeito.

Palmetto correu atrás delas enquanto escoltavam Black pelo corredor. Quando eles desceram, o chefe da polícia encontrou-os

vindo da outra direção. Parecia confuso e cansado, mas totalmente aliviado.

—É ele? Perguntou o chefe. Este é o assassino?

—Eu não matei ninguém! Black gritou.

—Apenas nos leve a uma sala de interrogatório, disse Kate.

Em algum lugar dentro de seu coração, ela sentia uma pontada de tristeza— uma sensação de choro. Não conseguia entender, mas o que quer que fosse, a fazia pensar em Michelle e Melissa.

—Você está bem? DeMarco perguntou.

Kate concordou. Ei, siga-o para o interrogatório, sim? Eu preciso tirar um momento.

—Claro, disse DeMarco, parecendo preocupada.

Kate correu de volta pelo corredor, para onde haviam passado por um banheiro há alguns instantes. Ela entrou, grata por achá-lo vazio. Recuperou o fôlego e olhou para si mesma no espelho, imaginando o que diabos estava acontecendo com ela. Ataque de pânico? Surto de adrenalina? Não... nada disso parecia certo.

Você sabe o que é isso, ela disse a si mesma. Há uma parte de você— a parte da avó, provavelmente— que não acha que você deveria estar aqui. Essa parte de você pensa que você deveria estar de volta a Richmond, com uma ligação e cerca de trinta quilômetros de sua filha e neta. Isso é culpa... culpa por não ser prontamente acessível à sua família, mesmo em sua suposta aposentadoria.

Uma lágrima percorreu sua bochecha inesperadamente. Ela a limpou enquanto pegava o telefone. Ela ponderou em ligar para Melissa, mas percebeu que era tarde demais. Em vez disso, ela enviou um texto. Ela digitou rapidamente, surpresa com essa súbita onda de emoção.

Ironicamente, estar de volta ao trabalho está fazendo com que eu sinta mais saudades de vocês. Espero que você possa entender essa coisa com meu trabalho. Mais importante, espero que você possa me perdoar. Dê a essa menina um beijo de sua avó. Amo vocês.

Ela colocou o telefone no bolso e se olhou no espelho. Ela certamente não podia questionar Chester Black parecendo um desastre emocional. Confiante de que estava sob controle, voltou para o corredor.

Assim que ela chegou à porta, seu telefone tocou no bolso. Ela enfiou a mão e viu que Melissa já havia respondido. Ela imaginou a filha em casa, sentada na cama com o marido e talvez percorrendo o Facebook em seu telefone. Michelle estaria dormindo em seu berço no quarto no corredor. O pensamento trouxe um sorriso ao rosto dela.

A resposta de Melissa dizia: **Eu não entendo, mas tudo bem. Você é apaixonada pelo seu trabalho e isso é bom. Saia e faça isso, mãe. Eu tenho que criar minha filha neste mundo... então, torne-o mais segura. Vá pegar os caras maus.**

Kate soltou uma risadinha.

Vá pegar os caras maus.

Ela empurrou a porta do banheiro e caminhou rapidamente pelo corredor para fazer exatamente isso.

Kate percebeu que a fachada dura que Chester Black estava colocando era falsa. Havia um terror em seus olhos que era muito parecido com o de uma criança olhando pela escada escura do porão durante uma tempestade.

Quando Kate entrou na sala de interrogatório, DeMarco estava de pé em um lado da mesa com Black sentado do outro lado. A perícia vai nos dizer rapidamente de onde veio o sangue da toalha, dizia DeMarco. Então você pode também nos dizer agora.

—Você encontrou os animais sob o trailer, não é? Black disse com uma carranca.

—Então era do cachorro? Disse DeMarco.

—Sim.

Kate pensou na faca que ela tinha visto na mesa. Ela se perguntou quanto tempo havia se passado entre seu ato brutal e DeMarco batendo na sua porta. Algo sobre a ideia a gelou.

—Seu tio nos disse que achava que você gostava de coisas satânicas— disse Kate. O sacrifício animal seria um deles?

Black olhou para ela, aquela carranca tremendo. Ninguém entende, mas não é um crime, é?

—Pode ser. Você pode jogar as coisas de direitos religiosos em nós para nos manter amarrados por um tempo, mas se nós realmente quisermos imputar você disso, nós poderíamos. Apenas sendo honesta.

—Eu o fiz por volta das oito horas, disse Black. O sacrifício. E os corpos... eu os guardo por dois dias.

—Então o corpo de gato que encontramos...

—Ontem à noite, disse Black.

—Perdoe a ignorância, mas não há igreja? DeMarco perguntou. Você faz essas coisas sozinho em casa?

—Eu me encontro com outras pessoas em um local uma vez por mês. Não é uma igreja, mas uma reunião.

—E você sacrifica animais lá? Kate perguntou.

—Sim.

—Cachorros e gatos?

—Ovelhas e cabras.

—Já fez algum sacrifício humano? Perguntou DeMarco. Estava realmente cavando nele, aparentemente sentindo que mesmo que essa coisa satânica fosse verdade, Black ainda era o assassino.

Kate então percebeu que cerca de cinco segundos haviam se passado desde que DeMarco lhe perguntara sobre sacrifícios humanos. Responda à pergunta, Sr. Black, disse Kate.

—Eu nunca matei uma pessoa antes, disse Chester. Estou bem ciente de que os satanistas têm esse estereótipo, mas na maior parte é apenas besteira.

Não cheirou bem para Kate. Se estava praticando algum sacrifício religioso, por que atacá-las tão agressivamente? Será que ele sabia que estaria encarando as acusações de crueldade contra animais, no mínimo?

Kate estava prestes a continuar com seu questionamento quando alguém veio bater na porta. DeMarco atendeu e um homem de aparência apressada entrou. Ele segurava uma folha de papel na mão. Seu outro estava cerrado em punho.

—Um momento lá fora, Agentes? Disse o homem.

Kate e DeMarco saíram da sala com ele. No momento em que a porta foi fechada atrás deles, o homem começou a falar.

—Ele é o nosso cara, disse. Então pareceu esquecer quem ele era e o que estava fazendo. Ele balançou a cabeça e disse: — Desculpe. Eu sou Neil Banner, patologia. Existem dois tipos de sangue na toalha que tiramos da casa dele. Um é canino na natureza. Mas o outro é humano. Não temos uma identificação positiva sobre o sangue e talvez nunca consigamos uma. Está muito contaminado.

—Mas você tem certeza de que é humano? Kate perguntou.

—Cem por cento certo, disse ele, entregando-lhe o relatório.

Ela concordou e pegou o papel. Obrigada.

Com isso, ela voltou para a sala de interrogatório. Ela sentiu como se estivesse sendo impulsionada em um foguete. Embora parecesse anticlímax, elas o pegaram. O assassino deles estava sentado bem na frente deles.

—Você tem uma chance de mudar sua história, Sr. Black. Você tem certeza de que há apenas sangue de cachorro nessa toalha?

—Sim! Ele quase gritou.

Kate colocou o relatório na mesa. Ela tinha certeza de que ele não seria capaz de entender nada disso, mas ela queria que ele soubesse que agora eles tinham provas.

—Essa foi sua última chance. A má notícia para você é que um oficial virá aqui em breve e lerá seus direitos. Você estará preso por provável assassinato. A boa notícia é que eu não serei a única a fazer isso. Porque as coisas que vi nos últimos dias... se foi você que fez isso, eu quero machucá-lo agora mesmo.

Havia muito mais que ela queria dizer, principalmente porque ainda havia alguma sombra de dúvida no fundo de sua mente. Parecia fácil demais, quase como se tivesse sido entregue a elas. Mas o relatório sobre a mesa mostrava sangue humano naquela toalha... uma toalha que Chester Black tentara esconder deles.

Você está pensando demais nas coisas de novo, ela disse a si mesma. *Você o pegou. Considere um trabalho bem feito e chegue em casa. Vá ver Melissa e Michelle.*

—Mais alguma coisa para adicionar, Agente DeMarco? Kate perguntou.

—Não. Tudo certo.

—Aproveite o seu tempo na prisão, Kate disse a Black. Tenho certeza que você vai ganhar perpétua, mas duvido que o sistema judicial permita que você viva. Cinco vítimas... assassinatos terríveis. Você faz as contas.

—*Eu não sei do que diabos você está falando!* Black gritou.

E maldição que Kate visse confusão e horror genuínos em seus olhos.

Não vá lá, ela disse. Esse é o seu cara. Ele é parcialmente insano e o relatório ali mesmo na mesa revela sua culpa.

Esse pensamento foi o suficiente para permitir que ela saísse da sala. DeMarco seguiu-a e cortou-a no corredor.

—Agente Wise... Kate... você está bem?

—Sim, por quê?

—Eu nunca vi você tão chateada com alguém antes. As coisas ficaram bruscas. Apenas checando você.

—Sim, eu estou bem. Honestamente... eu só quero ir para casa.

—Vamos fazer isso, disse DeMarco. Nós temos o nosso cara. Talvez possamos fugir antes que a papelada comece. Eu acho que o DP local pode lidar com isso sozinho.

—Parece bom para mim, disse Kate.

Elas andaram pelo corredor em direção à frente do Departamento de Polícia. Quando Kate percebeu que podia ouvir fracamente os gritos de Chester Black proclamando sua assim chamada inocência, ficou surpresa com a facilidade com que foi capaz de apagá-lo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Nenhuma delas sequer considerou ficar em uma hospedagem em Roanoke. Kate e DeMarco imaginaram que poderiam revezar na direção se a outro se cansasse. Elas realmente revezaram, DeMarco, ficou com o volante um pouco menos da metade da viagem, para que Kate pudesse cochilar. Kate foi acordada com DeMarco batendo no ombro dela.

Kate abriu os olhos, instantaneamente percebendo a dor no pescoço de dormir no banco do passageiro.

—Você está em casa, disse DeMarco.

Com certeza, Kate olhou pela janela e viu a casa dela. Ela checou o relógio e viu que eram 4:05 da manhã.

—Obrigada, disse Kate. Agora, entre. Eu não vou deixar você dirigir de volta para a capital ou tentar entrar em uma hospedagem a essa hora.

—Tem certeza?

—Positivo, disse Kate. Saiu do carro e começou a subir os degraus antes que DeMarco pudesse discutir.

Kate não viu o ponto em ser formal. Com o que ela e DeMarco haviam passado— não apenas com este caso, mas com o que tinham compartilhado dois meses atrás— elas eram, na opinião de Kate, bem próximas.

—O quarto de hóspedes é no final do corredor, a última porta à direita, disse ela. O banheiro fica ao lado dele. Fique à vontade. E se você me acordar cedo para qualquer coisa, você pode acabar sendo baleada.

DeMarco sorriu e seguiu pelo corredor. Ela se virou para Kate e sorriu. Sério, ela disse, —obrigada. Tem sido um prazer e emoção absoluto conhecer você, Agente Wise.

—Vou retornar o sentimento de manhã, disse Kate. Por enquanto... durma.

Com isso, Kate andou pelo mesmo corredor e entrou em seu quarto. Ela se despiu, rapidamente descartou um banho e caiu na cama. Ela tinha tempo suficiente para se perguntar se DeMarco estaria confortável em sua casa antes que o sono chegasse e a arrebatasse.

Embora DeMarco não tenha acordado Kate na manhã seguinte, o cheiro de café acordou. Kate tentou ignorá-lo, mas sempre foi bem fanática por uma boa xícara de café da manhã. Olhou para o despertador em sua mesa de cabeceira e viu que eram 9:45. Ela imaginou que seis horas de sono eram suficientes por enquanto; ela poderia facilmente compensar isso hoje à noite.

Saiu da cama, vestiu as roupas de ficar em casa e saiu para a cozinha. DeMarco já estava de banho tomado e vestida. Ela se sentou no bar da cozinha, percorrendo o telefone com uma xícara de café ao lado dela. Quando viu Kate entrar na cozinha, ela olhou para cima e deu um olhar quase apoloético.

—Desculpe, disse ela. Você me disse para me sentir em casa. Eu imaginei que isso significava que café estava incluído.

—Sim. E obrigada por fazer isso. Há quanto tempo você está acordada?

—A cerca de uma hora. Liguei para Duran e o repassei tudo.

—Nós fizemos isso ontem à noite...

—Ah, eu sei. Quero dizer, eu disse a ele que fiquei por aqui por causa da hora tardia. Ele pareceu tranquilo com isso.

—Ah, OK.

—Se você não se importa, eu vou terminar o meu café e sair da sua cola.

—Você não está no meu pé. É bom ter companhia.

—Ah, eu realmente não tenho escolha. Duran me quer lá esta tarde para dar uma coletiva.

—Você precisa que eu vá? Kate perguntou.

—Isso não é necessário. Considere isso como uma das vantagens da sua posição atual.

Kate sabia que DeMarco queria dizer isso como uma tirada engraçada sem intenção, mas doeu mesmo assim. Ela foi até a cafeteira e se serviu de uma xícara. Ela ficou muito feliz ao descobrir que não parecia estranho estar compartilhando sua casa com DeMarco. Na verdade, parecia natural.

—Quando você voltar, você vai me manter informada sobre como o caso vai andando? Eu realmente gostaria de ver até o fim.

—Claro. DeMarco tomou um gole de café com um olhar pensativo no rosto. Você não se sente confortável saindo agora, não é? Você não acha que é o Black.

—Eu não sei. Encaixa... especialmente o sangue humano nessa toalha. Toda a coisa satânica parece muito... conveniente. Eu adoraria ver com o que os resultados do laboratório voltam.

—Sim. Também achei.

Eles deixaram assim, a questão pairando no ar acima deles. Quando Kate se juntou a DeMarco no bar com seu café, ela pensou em Black tentando escapar de seu trailer. Ela pensou no cheiro terrível, no sangue e nas carcaças de animais sob o trailer.

É ele, ela pensou. Às vezes a vida lhe dá uma resposta e você só tem que aceitar.

Sim, alguma outra parte mais teimosa de seu pensamento. Mas às vezes a vida força essas respostas em você, quer você as queira ou não.

DeMarco tinha ido embora às 10h30, deixando Kate sozinha com seus pensamentos pela primeira vez desde que DeMarco batera em sua porta para iniciar o caso algumas noites atrás. Sem surpresa, esses pensamentos levaram a Michelle e Melissa. Ela se sentou na varanda da frente, curtindo o zumbido silencioso do bairro de Carytown e a terceira xícara de café da manhã, e se esforçando ao máximo para descobrir como administrar sua vida a partir de agora.

Começou por ter uma conversa com Melissa. Não era algo que ela temia, mas também não era algo que estava particularmente ansiosa para fazer. Ela imaginou que poderia muito bem acabar com isso. Além disso... ela tendia a deixar as coisas fora de proporção quando se tratava de Melissa. Por tudo o que Sabia, sua filha poderia não estar muito chateada com a forma como as coisas tinham acabado. Ela basicamente disse isso durante a breve troca de texto na noite anterior.

Vá buscar os caras maus, Melissa mandou na mensagem.

Mais uma vez, Kate pensou em Chester Black e começou a sentir uma certeza de que ela havia hesitado.

Antes que pudesse consumir sua mente, ela pegou o celular e ligou para Melissa. Melissa atendeu no segundo toque. Quando Kate disse: olá, ela ouviu Michelle balbuciando ao fundo.

—Ei, Lissa. Pensei em informar que estou de volta em casa.

—Ah, bom. Você conseguiu pegar o cara mau?

—Nós pensamos assim. Obrigado pela mensagem, a propósito. Eu sei que essa conversa poderia ter sido muito diferente. Eu apreciei a gentileza.

—Não mencione isso. Mãe... por favor, não leve a mal, mas estou acostumada. Você sempre foi assim quando eu era criança, sabe? Eu não pensava automaticamente que algum *switch* iria mudar quando você se tornasse avó.

—Bem, talvez você devesse ter.

—Não seja muito dura consigo mesma, mãe. Sim, eu estava chateada quando você ligou no último minuto para me dizer que nós tínhamos que interromper nossa primeira noite em dois meses, porque você tinha sido chamada para o trabalho. Deixei para lá—eventualmente.

—Obrigado, Lissa.

—Claro. Mas ouça. Você tem que entender que eu preciso começar a planejar de acordo. Até que você possa realmente se aposentar, eu não acho que vou pedir para você tomar conta para mim. Parou aqui, talvez esperando por algum protesto. Kate sentiu uma vinda, mas queria dar a Melissa uma chance de explicar primeiro. Vamos procurar uma dessas babás certificadas, sabe? Nosso aniversário de cinco anos está chegando em três meses e estamos pensando em tirar dois dias para nós mesmos. E eu amo você, mãe..., mas até que o trabalho chegue em segundo lugar, não sinto que posso pedir a você para ficar com Michelle.

—Isso dói, mas é justo.

—Não me entenda mal. Michelle e eu gostaríamos de ir e visitar—muito. Eu quero que ela te conheça. Eu realmente quero. Continuo dizendo a ela que você teve que sair, porque, mesmo na aposentadoria, você está sendo durona.

—Essa é uma maneira colorida de pintar isso, suponho.

—Não se preocupe, mãe. Olha, que tal Michelle e eu vamos no sábado? Vamos almoçar e eu vou deixar você trocar algumas dessas fraldas nojentas.

—Parece um plano, disse Kate. Com a conversa chegando ao fim, o peso disso estava começando a doer.

Não me vê como confiável o suficiente para manter minha própria neta, ela pensou. E o inferno disto é que ela tem um bom ponto.

Olhou para a rua, observando o tráfego de pedestres e pensando em suas vidas individuais. Eles iriam todos para casa em algum momento hoje e animar ou entristecer seus amigos e familiares. Eles iriam para casa se sentirem amados ou se sentirem como se não fossem bons o bastante.

Isso é toda vida, ela pensou. A ideia de ser feliz é provavelmente diferente para cada um deles. Para alguns, repousa no trabalho; em outros, amigos, familiares ou amantes. Em outros, alguma coisa inominável.

O pensamento a fez perceber que, se ela fosse equilibrar sua vida de uma forma que lhe permitisse manter os pés nas piscinas do FBI enquanto ainda era uma mãe e uma avó confiável, ela teria que finalmente examinar essa parte de sua vida. O que é que a fazia verdadeiramente feliz? E se era mais do que uma coisa, o que ela precisava fazer para unir esses dois mundos?

Com esse pensamento pesado em sua mente, seu celular tocou para ela. Ela verificou e viu que era uma mensagem de Allen.

Você está de volta? Quer jantar de novo? Todas as coisas que aconteceram depois do jantar não são expectativas.

Kate não conseguiu reprimir a risadinha que saiu dela em resposta ao rostinho sorridente e à insinuação de como seu último encontro havia terminado. Ela pensou por um momento, sorriu e então enviou uma resposta.

Eu estou em casa. Mas cansada... cheguei tarde e preciso recuperar o sono. Que tal o jantar amanhã? A única obrigação é que todas as coisas que aconteceram depois do jantar da noite passada também estejam incluídas.

Era bom estar de volta ao namoro, ela teve que admitir. Fazia muito tempo desde que ela falara com um homem dessa maneira. Isso a fez se sentir cerca de vinte anos mais jovem.

Allen respondeu imediatamente. **Eita, isso é tortura, hein?! Que bom. Vejo você às 6?**

Ela rapidamente retornou um texto para confirmar a hora e depois voltou para dentro. Olhou ao redor da casa vazia e sentiu um pouco de calor. Ela tinha um encontro marcado para amanhã, almoço com Michelle e Melissa na semana seguinte, e ela tinha acabado de voltar de, presumivelmente, encerrar um caso horrível envolvendo homicídio. A vida parecia bem doce.

Então, por que algo parecia fora do lugar?

Foi uma boa pergunta. E a razão pela qual isso a incomodou tanto foi que, ao se fazer a pergunta, Chester Black continuava vindo à mente.

E se não for ele?

E foi essa pergunta que a fez sentar em sua poltrona, olhando para as paredes. Ela ficou sentada lá por muito tempo e a cada segundo que passava, ela começava a se perguntar se ela e DeMarco haviam deixado Roanoke cedo demais.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Mesmo que ela tenha dito a Allen que o encontro deles teria que esperar até amanhã porque estava muito cansada, Kate acabou fazendo pleno uso de sua tarde. Perto das três horas da tarde, ela andou vários quarteirões pela rua em busca de comida chinesa. Então, depois de comer *orange chicken* e *wontons* de queijo, ela baixou os arquivos do caso em seu computador e tirou os poucos materiais impressos que havia coletado em Roanoke. Fez uma pequena estação de trabalho na mesa da cozinha e foi trabalhar, tentando aliviar a sensação desagradável de que Chester Black não era o culpado e de que o caso ainda estava aberto.

A coisa que realmente estava deixando-a pendurada era o cobertor. E isso não fazia sentido para ela. Ficou claro que tinha significado para o assassino. Foi preciso muito esforço extra para enfiar nas gargantas de suas vítimas e ficou claro que estava fazendo isso de propósito.

Mas a questão permanecia era: *Por quê?*

Ela pensou em Chester Black novamente. Ela pensou na personalidade que ele projetou e nas coisas que tinham visto e experimentado em seu trailer. Kate estava longe de ser uma psicóloga, mas não viu sinais claros nele de alguém que ainda pudesse estar se agarrando a algumas memórias há muito perdidas de sua infância que envolviam um cobertor.

Ela se lembrou do que Danielle Ethridge havia dito, sobre como o cobertor provavelmente fora um objeto de conforto. E, no que dizia respeito a Kate, Chester Black não parecia o tipo de obcecado por um objeto de conforto.

Os crimes que Chester Black cometera, embora absolutamente deploráveis e mal pensados, eram do que ele considerava necessidade— crimes ligados a suas crenças religiosas anormais. Isso não fazia dele um assassino.

Mas elas encontraram sangue humano nessa toalha. Que tal?

Esse era o único obstáculo para impedir Kate de pensar que Chester Black era inocente. Se ela pudesse contornar isso, teria que encarar o fato de que tinha certeza de que ela e DeMarco tinham ido para casa, deixando o homem errado em uma cela em Roanoke.

Se o cobertor era um objeto de conforto... o que isso diz sobre o assassino quando ele era criança?

Ela insistiu nisso por um momento, sentindo que havia algo que valesse a pena cavar. Se o assassino segurasse uma manta de segurança quando criança, isso provavelmente significava que estava inseguro. Talvez até quieto. Mais uma vez, não era psicóloga, mas estivera envolvida em casos suficientes para fazer suposições extremamente instruídas— que geralmente acabavam sendo certas.

No entanto, elas passaram o tempo procurando alguém que fosse violento por natureza. Elas estavam procurando por uma criança que havia lidado com problemas desde tenra idade. Mas e se o assassino nunca tivesse realmente parecido violento até recentemente? E se o assassino tivesse sido uma criança quieto e inofensivo, arrastando um cobertor atrás dele?

Estava vasculhando os arquivos por alguma evidência disso por um pouco mais de uma hora quando o celular dela tocou. Ela viu que era DeMarco e respondeu imediatamente.

—Tudo embrulhado? Kate perguntou.

—Nesse sentido, sim. Mas recebi uma ligação durante a reunião. Era Palmetto, de Roanoke.

—O sangue humano na toalha...

—Isso realmente tem incomodado você, hein? DeMarco disse.

—Tem. Enfim... quais foram os resultados?

—O sangue era de uma mulher chamada Abby Warren. A polícia de Roanoke fez uma busca e encontrou-a viva e bem. É a namorada de Chester Black. E ela admitiu que os dois se envolveram em algum sangramento consensual durante o sexo.

—Cortando um ao outro?

—Sim. Ela tem as cicatrizes para provar isso. Chester imaginou que ele seria processado por alguma coisa, porque ele era o único a fazer o corte, então ele nunca disse nada. Mas tudo se verificou. E baseada em tudo isso...

—Ele está livre para ir.

—Bem, ele está encarando algumas acusações de crueldade contra animais, mas não parece que ele é nosso assassino.

—E agora?

—Agora, você descansa. Eu vou buscá-la por volta das nove da manhã de amanhã e estamos voltando para Roanoke.

—Temos que começar com o Dr. Ethridge, disse Kate. Acho que estamos procurando o tipo errado de assassino. Então contou a DeMarco sobre sua ideia de um garoto tranquilo que, por algum motivo ou outro, havia se tornado violento mais recentemente, em vez de sempre ter um apetite por isso.

—Parece bom, disse Demarco. Só... bem, isso não vai estragar qualquer plano de babá de novo, não é?

—Não. Apenas um encontro. Ela franziu a testa quando pensou em ter que cancelar Allen novamente. Pelo menos desta vez ela teria a consciência de informá-lo de antemão.

—Você está bem voltando para lá? DeMarco perguntou.

Kate apreciou o respeito e a cortesia, mas mais uma vez sentiu que estava recebendo certos privilégios. Sabia que, se decidisse não voltar a Roanoke para fazer uma revisão neste caso, Duran provavelmente não seria muito duro com ela. Mas ela queria ir lá, ajudar DeMarco a encontrar o assassino antes que ele pudesse atacar novamente.

—Absolutamente, disse ela. Vou tomar café esperando você me pegar.

Elas terminaram a ligação e, em vez de terminar o dia, Kate voltou diretamente para os arquivos do caso. Talvez houvesse algo que elas haviam perdido. Talvez se ela olhasse agora através das lentes da procura de um assassino quieto e introvertido quando criança, algo novo se apresentaria.

Ela queria ficar sabendo, os detalhes do caso como a letra de uma música bem gasta em sua cabeça. Porque se ela fizesse do seu jeito, eles iriam pegar o bastardo dessa vez.

Talvez até rápido o suficiente para que ela pudesse manter seu encontro com Allen.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Fiel à sua palavra, Kate estava com o café esperando na manhã seguinte. Sabia que DeMarco o tomava sem açúcar, então ela foi em frente e despejou um pouco em um copo térmico. DeMarco chegou vinte minutos atrasada, mas Kate estava bem com isso. Ela percebeu a hora cruel que DeMarco teve que sair de DC, a fim de chegar à sua casa tão cedo, então estava disposta a ignorar o atraso. Não que ela tivesse qualquer autoridade para lhe puxar orelha, de qualquer maneira.

Logo à primeira vista, DeMarco parecia incomodada. Kate se ofereceu para dirigir, permitindo que DeMarco lutasse com seus pensamentos. Mas depois de um tempo, foi demais para suportar. Elas estavam confortáveis o suficiente uma com a outra agora, de modo que o silêncio entre elas estava perfeitamente bem, mas era denso e cheio de ansiedade.

—O que você tem em mente? Kate perguntou.

—Chester Black. Eu tinha tanta certeza de que era ele.

—Era uma suposição segura, disse Kate. E sabe de uma coisa? Eu me senti insegura sobre ele desde o começo. Eu deveria ter dito alguma coisa.

—Sim, mas mesmo se você tivesse, estaríamos de volta aqui... exatamente onde estamos agora. Correndo atrás do próprio rabo e sem saber onde procurar. Tudo o que você teria salvo era uma noite em uma sala de interrogatório. E vamos encarar a verdade, ele meio que mereceu isso.

—É a primeira vez que você está errada sobre algo em um caso? Kate perguntou.

—Deus, não.

—E não será a última também. Não deixe que isso te incomode tanto.

DeMarco assentiu, mas ainda olhava pela janela com um olhar pensativo no rosto. Kate entendeu. Ela também estava se recuperando, não investindo totalmente na hesitação que sentira quando deixaram Roanoke. Mas também havia experimentado isso o suficiente em sua carreira para saber que era inútil continuar pensando e ficar olhando para trás. Se elas permanecessem

obcecadas com coisas que aconteceram no passado, daria ao assassino uma vantagem no presente.

E esse assassino já parecia ter uma margem maior do que suficiente.

A Dr. Ethridge pareceu um pouco apressada quando Kate e DeMarco apareceram em seu escritório às 1:40. Estava esperando, enquanto DeMarco ligava para Roanoke para manter-se a par do que estava acontecendo. Mas havia uma sensação de urgência para a doutora agora, como se ela também pudesse sentir a intensidade absoluta e a importância da situação.

—Eu bloqueei as próximas duas horas da minha agenda para ajudar da maneira que puder, disse Ethridge. Examinei todos os meus registros nos últimos quinze anos e tirei qualquer arquivo que parecesse compatível. Infelizmente, há poucos.

Ela apontou para uma pilha de pastas em sua mesa. Tinha cerca de quarenta centímetros de altura. Era certamente um pouco de material para peneirar, mas não tão ruim quanto Kate esperava. Isso não parece tão ruim, ela comentou.

—Olha, são apenas os registros físicos, disse ela. Isso é tudo desde antes de 2003. Tudo a partir de 2004 até o dia atual é salvo digitalmente no servidor. Há essa pilha física e mais cerca de trinta no servidor.

—Você vai nos permitir acesso ao servidor? DeMarco perguntou.

—Normalmente, não. Mas esta situação está ficando fora de controle.

—Obrigada, disse Kate. Agente DeMarco, você gostaria de pegar os arquivos digitais enquanto eu passo pelas pastas?

—Sim.

—Dr. Ethridge, gostaria de ter você à disposição para responder a quaisquer perguntas que possam surgir.

—Claro. Agora, esses arquivos que eu peguei — assim como os digitais que já mostrei para você — são baseados no perfil que você me deu. Um garoto que era muito quieto e introvertido. O tipo que

pode buscar conforto de algo como um cobertor ou um bicho de pelúcia.

—Correto, disse Kate.

—É importante notar que a maioria das crianças que se encaixam nesse perfil será do tipo mais responsivo a uma figura materna do que a uma figura paterna. Por causa disso, eu puxei arquivos com pacientes com essa característica também.

—Trabalho incrível, disse DeMarco. Agora, há um computador que eu possa usar para trabalhar?

—Sim, você pode usar meu laptop pessoal, disse Ethridge. Ela foi até a mesa, abriu-o e conectou DeMarco.

A meia hora seguinte pareceu muito com uma intensa sessão de estudos para Kate. Lembrou-se de seus primeiros dias na agência quando muitas vezes ela havia ficado presa com trabalhos de pesquisa meticolosos. Mesmo naquela época, porém, ela era vista como excelente *profiler*. Era uma das razões pelas quais a incomodava tanto que não poderia facilmente identificar o assassino nesse caso. Mesmo quando passou pelos arquivos de Ethridge e começou a afastar os pacientes com base na data, sabia muito bem que a resposta talvez não estivesse ali.

Ela vasculhou as pastas enquanto DeMarco clicava nos arquivos no laptop de Ethridge. A maioria dos arquivos continha pelo menos uma foto Polaroid do paciente. Muitos deles olhavam para a câmera sem muita expressão, embora alguns tivessem sorrisos brilhantes em seus rostos. Ela quase perguntou a Ethridge por que guardou essas fotos, mas lembrou-se de que, ao longo do caminho, em seus treinamentos de *profiler*, os psicólogos muitas vezes usavam essa técnica para mostrar a seus pacientes como uma expressão podia *falar*. Era uma ótima conversa inicial. *Por que você se sente assim hoje? O garotinho nesta foto não parece muito feliz, não é?*

Kate também notou que, em algumas das pastas mais grossas, Ethridge guardara desenhos que as crianças haviam feito. Alguns eram bastante bonitos de uma maneira infantil — casas perfeitamente quadradas com telhados triangulares e com grandes nuvens fofas e sóis brilhantes nos céus. Mas havia alguns que eram claros gritos de socorro: bonecos com rostos carrancudos, poças

vermelhas em torno de pezinhos, linhas duras vermelhas e pretas por toda parte.

—Você pedia para todas as crianças desenharem algo para você? Kate perguntou.

—A maior parte do tempo, respondeu Ethridge. Tudo depende do nível de trauma com o qual estão lidando. Pequenos desenhos simples são uma ótima maneira de eu realmente julgar rapidamente seu estado emocional. Isso me dá tópicos para começar sem precisar adivinhar.

—Com qual frequência você vê um desses? Kate perguntou. Ela levantou um desenho de uma menina de tranças. Atrás dela, um cachorrinho havia sido desenhado de cabeça para baixo. Algo estava pegando fogo por trás de tudo isso. A boca da menina era um grande “O” preto e lágrimas saíam de seus olhos em grandes gotas exageradas.

—Cerca de metade do tempo.

—Existe alguma correlação entre esses tipos de desenhos e o tipo de criança que procuramos em todos esses arquivos?

—Às vezes. As crianças quietas e reservadas tendem a desenhar quadros sombrios, mas nada violentos. Claro, isso nem sempre é o caso. Embora os diagnósticos possam ser os mesmos, não há duas crianças cem por cento iguais na maneira de lidar com suas emoções. Assim, uma criança introvertida pode desenhar nuvens de chuva ou grandes nuvens de tempestade com raios, enquanto outra pode atrair um homem com uma faca ou um animal morto. Não há *preto no branco* com este tipo de coisa.

Kate concordou, colocando o desenho de volta com um pouco de frio na espinha. DeMarco então chamou Ethridge para o computador com uma pergunta. Enquanto as duas conversavam, Kate continuou a folhear as pastas. Ela viu infância arruinada depois de infância arruinada e começou a ficar emocionada. Qualquer um desses garotos poderia ser Melissa. A nenhuma criança fora garantida uma infância segura. A nenhuma criança pôde ser prometida uma vida saudável e feliz.

Essa dura descoberta chegou a um impasse quando Kate abriu a pasta seguinte na pilha. Como uma, a Polaroid da criança estava na frente, recortada em papel no arquivo de resumo principal. Era uma

foto de um menino dando um sorriso muito fino que claramente estava sendo forçado. Kate achou que ele tinha cerca de oito anos de idade. Talvez nove no máximo.

Ela folheou o arquivo, mas quando percebeu que era muito grosso, olhou para a Dra. Ethridge. O que você pode me dizer sobre esse paciente? Ela perguntou.

Ethridge se aproximou e olhou para o arquivo. Tocou a Polaroid de um jeito amoroso e franziu a testa. Esse é Jeremy Neely. Eu o vi por cerca de três anos.

—Era um órfão?

—Ele ficou em alguns lares adotivos em sua infância, sim. Pobre garoto... ele tinha sete anos quando viu seu pai matar sua mãe. Ele bateu na cabeça dela com um taco bem na frente de Jeremy. Ele perambulou ao redor do corpo de sua mãe morta por quase um dia inteiro antes que alguém soubesse o que tinha acontecido.

—Meu Deus, disse Kate.

DeMarco também se interessara agora. Estava olhando por cima de seu laptop, sentindo que algo poderia estar tomando forma. Kate acenou para ela se juntar a elas, sentindo que esta era finalmente a pausa que estavam procurando.

—Dra. Ethridge, você pode me dar a lista de famílias adotivas com quem ele ficou?

—Eu não tenho a lista completa. Você precisa entrar em contato com o Serviços Sociais para obter a lista completa.

—Você tem a autorização adequada para obtê-la, certo?

—Tenho, disse Ethridge lentamente. Ela pegou o celular da mesa quando a compreensão começou a florescer em seus olhos. Ela virou as costas para as Agentes e fez a ligação.

Kate assentiu, esperando o mesmo. Então apontou para a foto de Jeremy Neely, certificando-se de que DeMarco estava vendo a única coisa peculiar que ela tinha visto.

—Parece familiar? Kate perguntou.

—Ai meu Deus, disse DeMarco. Este é ele, não é?

Kate não precisou responder.

Na foto, o pequeno Jeremy Neely segurava algo na mão direita. Ele o agarrava com força ao seu lado em um punho apertado.

Um cobertor. Um cobertor com um padrão que Kate e DeMarco conheciam muito bem.

Ethridge se juntou a elas novamente. Havia um olhar irritado de pânico nos olhos dela. Eles vão me ligar de volta. Isso é considerado uma informação privada, mesmo em uma situação como essa. Se ele estivesse envolvido em um caso especial de abuso doméstico ou caso criminal de qualquer tipo, pode ser por isso que o nome dele não constava da lista original de crianças se é que ele ficou com a Sra. Knight, os Nash, e os Langley. Eu pressionei forte, no entanto. O que normalmente demoraria um ou dois dias para chegar, nós deveremos ter em poucas horas.

—Você está brincando comigo? DeMarco disse.

—É uma troca, disse Ethridge. Por um lado, é incrível que o governo seja tão dedicado a proteger essas informações. Mas, por outro lado, eles não dobram suas regras por qualquer coisa.

—Você disse que tem uma lista parcial, certo? Kate perguntou.

—Sim, deveria estar lá nos arquivos...

Ethridge alcançou o ombro de Kate e folheou as páginas. Parou seis páginas depois e apontou para uma seção perto da parte inferior. Ali. Mostra onde houve uma transferência dos Langley para um lar em grupo. Mas isso é tudo que tenho. Esse deve ter sido seu primeiro lar adotivo.

Os Langley, pensou Kate.

Foi mais do que suficiente para amarrar diretamente os Nash e Monica Knight.

—Se não tivermos notícias do DSS até o final do dia, pedirei ao nosso diretor que ligue para eles, disse Kate. Por enquanto, temos um nome e isso é mais que suficiente. Vamos descobrir onde Jeremy Neely mora e visitá-lo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Estava sentado em uma grande rocha, ao longo da linha das árvores. Ele olhou para a casa atentamente, mas paciente. Supôs que se alguém estivesse na varanda de trás e olhasse em sua direção, havia uma pequena chance de que fosse visto. Mas ele conhecia bem suas rotinas. A única vez que eles saíram para a varanda de trás foi para o café da manhã e quando eles grelhavam algo para o jantar.

Mas sabia que eles não estariam fazendo churrasco hoje à noite. Na verdade, eles nem estavam em casa. Saíram há duas horas. Ele mal ouvia suas vozes enquanto seguiam para o carro, discutindo entre mexicano ou tailandês para o jantar.

Desde então, estava esperando. Ele se sentou na rocha, imóvel. Estava enraizado lá pela antecipação do que aconteceria mais tarde. Sabia que tinha algumas horas para esperar, mas estava tudo bem. Ele esperou quase doze anos até agora... então, o que eram quatro ou cinco horas a mais?

Esta não foi a primeira vez que se sentou nesta pedra observando a casa. Esteve aqui inúmeras vezes antes, observando e aprendendo as rotinas de suas vidas.

Os Coleman. Harry e Ruth. Ele havia morado sob o teto deles — o telhado que estava olhando — por cerca de cinco meses. Eles tinham sido bons o suficiente, mas, no final, não conseguiram ficar com ele. Ele supunha que tinha sido demais para eles, muito trabalhoso para suas vidas pretensiosas e bem-sucedidas. Tinha vidas ocupadas tanto dentro quanto fora de casa. Quando ele veio, porém, tudo isso mudou para eles. Seus jogos de tênis de fim de semana: se foram. Suas noites de quarta-feira com amigos: também se foram.

Seus olhos viajaram de janela em janela. A da direita no segundo andar era o quarto deles. Ele sabia disso porque, uma noite, eles haviam negligenciado o fechamento das cortinas, pois haviam se deitado para dormir. Ele tinha visto o corpo nu de Ruth Coleman parado em frente à janela por cerca de dez segundos antes que ela estivesse alerta o suficiente para fechar as persianas. Havia cerca

de cinquenta metros entre eles, mas ele ainda era capaz de ver sua forma, suas curvas, os pequenos círculos de seus seios.

Para uma mulher chegando aos 50 anos, estava muito bem. Não foi a primeira vez que ele pensou em Ruth de uma maneira sexual. Houve uma noite, quando ele morou com eles, ele tinha cerca de dez anos na época, quando acordou de um pesadelo. Ele andou pelo corredor até o quarto deles para perguntar se ele poderia dormir lá, mas parou na porta quando viu o movimento na cama. Ruth estava sentada sobre os joelhos com Harry debaixo dela. Estava fazendo barulhos que soaram como se ela estivesse com dor, mas como eles se moviam mais rápido juntos, ele percebeu que eles eram sons de prazer.

Ele observou da porta, a porta aberta cerca de um quarto, até que eles terminaram.

Ele guardou aquela visão na memória, muitas vezes revisitando-a sempre que ele sentia a escuridão invadindo sua mente. Tinha sido quase o suficiente para fazê-lo mudar de ideia sobre o que ele tinha que fazer.

Seus pensamentos do corpo nu de Ruth foram quebrados pelo som de um carro se aproximando. Ele olhou para a entrada e viu o Chrysler entrando. Eles estacionaram e saíram, rindo. Harry esperou por Ruth na frente do carro e pegou a mão dela. Eles entraram na casa, rindo.

Na floresta, ele sorriu. Talvez eles tivessem tomado alguns drinques no jantar, talvez apenas o suficiente para ficarem tontos e excitados. Talvez eles fizessem amor na próxima hora, mais ou menos. Ele esperava que sim. Talvez ele encontrasse alguma maneira de esgueirar-se até uma janela e assistir. Além disso, se eles estivessem bebendo, estariam bem e cansados, cansados e esgotados quando saíssem do jardim e subissem para a casa.

Entraria pela porta dos fundos. Sabia onde estava a chave sobressalente. Ele passou duas horas procurando por ela em uma tarde, quando soube que eles tinham saído para uma viagem de fim de semana para ver o irmão de Harry em Charlotte, Carolina do Norte. Ficava no quintal, embaixo de uma das tábuas que serviam de cerca no pequeno jardim de ervas de Ruth.

Ele queria ir agora. Queria se esgueirar e talvez pegá-los no ato. Nunca teve relações sexuais e nunca tinha visto graça nisso. Mas, mesmo assim, ver o corpo de Ruth na janela naquela noite o lembrou de seus impulsos. Ele pensou que o ato em si tinha que ser grosseiro, mas depois de novo...

Não. Ele tinha que esperar. Ele sabia disso. Esperou tanto tempo. Não há sentido em estragar tudo agora. Tinha que esperar até que estivesse escuro.

Como se tivesse a intenção de se recompor, olhou para a pequena mochila que havia colocado no chão ao lado da rocha. Ela tinha pequenos respingos de sangue seco sobre ela. Não tinha certeza a quem pertencia. Honestamente, as últimas duas semanas tinham sido um borrão sangrento.

Enfiou a mão no saco e acariciou o cabo da faca.

Tirou o pedaço do velho cobertor e encostou-o na bochecha. Havia algo reconfortante sobre aquela sensação, algo que dizia a ele que tudo ficaria bem.

Acreditando totalmente nisso, ele colocou tudo de volta no saco e esperou.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

O endereço de Jeremy Neely que Kate tinha conseguido ficava logo nos arredores de Roanoke, em uma pequena cidadezinha chamada Deerborne. A viagem em si levou apenas cerca de vinte minutos, mas como elas haviam passado várias horas no consultório da Dra. Ethridge, estava se aproximando de 5:30 quando Kate e DeMarco pararam em frente à casa de Jeremy Neely.

A casa de dois andares era antiga. Ficava em um bairro de baixa renda, as ruas não cuidadas e os gramados em grande parte mortos e cinzentos. Um ar condicionado saía de uma das janelas laterais como um dente podre prestes a cair. Estava ligado, fazendo um zumbido horrível enquanto vazava um rastro de água pela lateral da casa.

Elas subiram as escadas de concreto e entraram na varanda. Quando Kate se aproximou da porta, sua mão direita pairou sobre a alça de sua Glock. Ela bateu com a mão esquerda. Ao lado dela, DeMarco havia preparado as pernas, pronta para saltar se necessário.

Depois de dez segundos, ninguém havia atendido a porta. Kate bateu de novo, desta vez dizendo:

—Sr. Neely. Você está em casa?

—Nenhum carro ao longo da rua, destacou DeMarco.

Kate também notara isso. Olhou para cima e para baixo na rua, pesando suas opções. Elas tinham razões mais do que suficientes para acreditar que Jeremy Neely era o assassino. E isso foi confirmado com seu endereço. Sob quaisquer circunstâncias normais, poderia simplesmente esperar no carro até Neely chegar em casa. Mas elas estavam trabalhando contra o tempo neste instante, sem nenhuma ideia se Neely pretendia matar novamente.

—Agente DeMarco, meus joelhos não são exatamente o que costumavam ser. Você se importaria...?

DeMarco parecia surpresa e honrada por ter sido perguntada. Ela puxou a Glock, deu um passo para trás e deu um chute forte na porta. Ela se abriu, levando uma pequena porção do batente com ela.

Elas entraram na casa em perfeita sintonia uma com a outra. Kate assumiu a liderança com DeMarco logo atrás. Elas andaram em silêncio, permitindo uma a outra ouvir o silêncio do lugar. Dentro de alguns segundos, Kate teve certeza de que estavam sozinhas; Neely não estava ali.

Ainda assim, investigaram a casa com cautela, armas em punho. A sala de estar era escassamente mobiliada e meticulosamente limpa. Não oferecia pistas de qualquer tipo. A cozinha era igualmente inútil, revelando nada mais do que o fato de que Neely precisava lavar os pratos.

Sendo que elas achavam que cada momento desperdiçado era potencialmente mortal para o próximo alvo de Neely, pularam todo o resto da casa e se dirigiam diretamente para o quarto. Nove de dez vezes é onde as pistas sobre qualquer caso ou suspeito eram encontradas.

Assim como a sala de estar, o quarto de Neely estava praticamente limpo e sem muitos móveis ou pertences. Uma cama *queen size* ficava ao longo do centro da parede oposta e uma pequena mesa ao lado da cama. Além de uma cômoda antiga, isso era tudo o que havia. Kate verificou o armário e não encontrou qualquer coisa além de algumas camisas penduradas e uma caixa vazia da Amazon.

Quando se afastou do armário, viu DeMarco agachada no chão. Estava olhando debaixo da cama. Aparentemente, encontrou algo porque começou a se enfiar debaixo dela.

—O que você achou? Kate perguntou.

—Uma caixa de sapatos.

—Cuidado...

DeMarco puxou a caixa debaixo da cama. Era normal, idêntica a quase todas as outras caixas de sapatos que já haviam sido colocadas debaixo da cama. Kate fizera isso durante toda a sua vida, guardando brinquedos e cartas de amor quando criança e boletos e cheques quando adulta.

Elas compartilharam um olhar desconfortável enquanto DeMarco destampou a caixa.

Havia apenas uma coisa dentro.

—Putá merda, Kate respirou.

Era um cobertor velho — um cobertor que tinha sido claramente rasgado dos lados.

O padrão e o tecido eram idênticos ao que havia sido retirado das gargantas das vítimas. Também era exatamente o mesmo cobertor que tinha sido guardado por Jeremy Neely na fotografia nos arquivos de Ethridge.

—Ligue para Duran, disse Kate. Precisamos que ele intimide quem quer que seja que esteja encarregado de ficar com as informações sobre assistência social e precisamos que ele faça isso agora.

DeMarco tirou o celular do bolso e fez exatamente isso. Kate, enquanto isso, checou debaixo da cama por qualquer outra coisa, mas não havia coisa alguma a ser encontrada.

Mas o cobertor foi o suficiente. Elas tinham o cara agora. A única questão, claro, era onde diabos estava?

Você sabe onde ele está, ela disse a si mesma. *Está mirando sua próxima vítima... outra família que tentou ajudá-lo em algum momento de suas vidas e agora está sendo recompensada com a morte.*

No telefone, DeMarco estava falando alto com a recepcionista do diretor Duran. Esta é uma emergência... uma pela qual ele vai abater você se você não o chamar agora. Eu não me importo com quem ele está!

Isso, aparentemente, funcionou, já que DeMarco foi colocada em espera. Estava fumegando, andando pela sala a fim de fazer algo com a excitação reprimida que estava subindo rapidamente por seu corpo.

Kate também sentiu. A emoção de saber que você estava prestes a solucionar um caso... que o fim do jogo estava no horizonte.

E saber que apenas um telefonema os separava não só de capturar o assassino, mas também de potencialmente salvar duas vidas tornava a experiência enlouquecedora.

Olhou de volta para o cobertor rasgado quando um sentimento de medo começou a se espalhar através dela. Misturado com a excitação, quase a fez sentir tontura. Mas o cobertor realmente ajudou a aliviar sua mente, para estabilizar seu foco.

Nós o pegamos, ela pensou. Sabemos o nome dele, sabemos onde ele mora... só precisamos saber que outras famílias cuidaram dele quando criança.

Tudo o que elas podiam fazer era esperar.

E torcer para que enquanto esperam, mais duas pessoas não estejam sendo assassinadas.

Kate e DeMarco permaneceram na casa de Neely enquanto esperavam a ligação de Duran. Cada minuto que passava era excruciante. Ambas passeavam pelos andares, permanecendo principalmente no quarto. Kate procurou em seu cérebro por outras formas de descobrir quem mais poderia ter acolhido Jeremy Neely, mas não conseguiu coisa alguma.

—Eu simplesmente não entendo como tantas famílias o receberam e ninguém viu isso acontecer, disse DeMarco. Você acha que uma onda de assassinatos como essa poderia ter sido evitada se alguém tivesse prestado mais atenção à maneira como ele agia quando criança?

—Você ouviu Ethridge, disse Kate. Duas crianças nunca são cem por cento iguais. Pelo que sabemos, Jeremy Neely nunca mostrou sinais de fazer algo assim.

Lembrou Kate do velho ditado: *cão que ladra não morde*.

Claro, nesse cenário, isso estava absolutamente correto.

Quando o telefone de Kate tocou, as duas Agentes ficaram absolutamente imóveis por um momento. Teve o mesmo efeito que um tiro no quarto ao lado. Kate respondeu com um choque de adrenalina através de seu corpo.

—Agente Wise.

—Wise, é Duran. Eu tenho a lista das famílias. Está pronta?

—Manda.

—Em ordem de aparição, temos os Langley, os Nash, uma mulher solteira chamada Monica Knight, os Coleman e os Vaughn. Mas ele ficou com os Vaughn apenas por dois dias. Ele ficou com os Coleman por cerca de cinco meses.

—Você tem nomes dos Coleman? Kate perguntou.

—É um endereço. 174 Angler Drive, Moneta, Virgínia.

Merda, ela pensou. *Não é local*.

Kate cobriu o microfone do celular e olhou para DeMarco. Jogue Moneta no seu GPS e veja a que distância está.

DeMarco fez o que lhe foi pedido. Kate voltou sua atenção para Duran e perguntou: —Isso é tudo? Nenhuma outra família?

—É isso aí. Você acha que os Coleman são os próximos? Perguntou Duran.

—Há uma chance incrivelmente alta.

DeMarco mostrou a Kate seu telefone. Ela havia digitado Moneta em sua barra de pesquisa de aplicativos no mapa. Era aparentemente uma pequena cidade à beira do lago a cerca de trinta minutos de distância.

—Moneta está a cerca de meia hora de nós, disse Kate. Estamos indo para lá agora.

—Perfeito. Boa sorte, Wise.

Com um aceno de compreensão entre elas, Kate e DeMarco correram para fora do quarto, atravessaram a casa e voltaram para fora. Quando ela ficou atrás do volante, ouviu DeMarco em seu telefone enquanto se sentava no banco do passageiro.

—Palmetto, é a Agente DeMarco. Preciso que você e alguns oficiais cheguem a Moneta o mais rápido possível. Agente Wise e eu estamos indo para lá agora com uma forte suspeita de que o próximo alvo do nosso assassino esteja lá.

Kate saiu para a estrada e acelerou enquanto DeMarco atualizava Palmetto. O entardecer estava se estabelecendo lentamente, o horizonte contendo a maior parte da luz restante do dia. Quando chegou ao final da rua, virou abruptamente para direita, a parte de trás do carro derrapando. Sentiu como se estivesse com um *timer* e, tanto quanto estava ciente, seu tempo se esgotaria quando a noite caísse.

Mas com um assassino tão perto dela, ficaria arrasada se deixasse isso acontecer.

CAPÍTULO TRINTA

Se não estivesse com pressa em, potencialmente, impedir um assassino, Kate acreditava que poderia ter gostado da exótica e pitoresca cidadezinha de Moneta. Ela ficava ao lado do Smith Mountain Lake, um lago quase completamente dentro das Montanhas Blue Ridge. O fato de o sol se pôr bem atrás das montanhas acrescentava um novo tom de beleza ao local.

Ao passar pelo cruzamento central da cidade, Kate avistou os dois carros da polícia no estacionamento do posto de gasolina à sua direita. Palmetto ligou para o DP de Moneta e pediu que duas unidades estivessem disponíveis para reforço, enquanto o DP estadual se apressava. Kate acendeu as luzes enquanto passava pelo cruzamento e eles colaram atrás dela.

A Angler Drive estava localizada dentro de uma pequena subdivisão que era separada do lago por apenas uma fina faixa de floresta que crescia em tamanho e se estendia quanto mais perto ficava das montanhas. Enquanto se aproximavam cada vez mais da residência dos Coleman, Kate decidia a melhor abordagem em sua mente. Imaginou que se Jeremy Neely estivesse de fato ali ou a caminho, não havia sentido em assustá-lo com sirenes e carros da polícia entrando na garagem. Dado isso, optou por estacionar seu carro ao lado da estrada, logo fora da visão da garagem pavimentada dos Coleman. Atrás dela, os policiais fizeram o mesmo.

Quando saiu do carro e encontrou um dos policiais do primeiro carro quando saiu, percebeu o quão escuro havia ficado. Ela ainda podia ver sem a ajuda de uma lanterna, mas isso não duraria muito mais tempo.

—Obrigada pela assistência, disse Kate. A Agente DeMarco e eu vamos até a porta. Se tudo estiver tranquilo e calmo será o fim. Vamos informá-los da situação e depois pedir que vocês fiquem aqui até o DP do estado chegar. Vocês podem resolver a vigilância entre vocês. Mas se chegarmos lá e descobirmos que estamos muito atrasadas, vamos pedir ajuda.

—O oficial Palmetto disse que esse cara matou cinco pessoas, disse o policial. Isso é verdade?

Kate concordou, mas pensou: *Vamos rezar que sejam apenas cinco... e não sete.*

Elas desceram o caminho pavimentado em uma rápida caminhada. Não queriam parecer muito apressadas, nem casuais demais. Ao se aproximarem da casa, Kate notou que havia uma luz acesa no andar de baixo, brilhando através da janela maior ao longo da frente da casa, além de uma ao lado. Provavelmente a sala de estar. E outra no andar de cima.

Há um bom sinal, pelo menos, Kate pensou.

Elas subiram as escadas no mesmo ritmo, mas levaram um momento para se recompor antes de Kate bater na porta. Levantou a mão para fazer exatamente isso, mas foi interrompida por um barulho vindo de algum lugar lá dentro.

Foi um grito. Um grito de homem.

Kate tentou a porta da frente e encontrou-a trancada. Esta porta estava trancada por uma fechadura elétrica com um teclado numérico — um dos modelos mais chiques que ela tinha visto. Não seria tão fácil quanto derrubar a porta da casa de Jeremy Neely. Ainda assim, DeMarco tentou. Seu pé bateu na porta e ela tremeu um pouco, mas não se abriu.

Lá se vai o elemento surpresa, Kate pensou.

Quando ela nivelou sua Glock na fechadura, outro daqueles gritos soou. Este foi seguido por um segundo som, mais como um gemido baixo, vindo da garganta de uma mulher.

Virando a cabeça para longe da porta, ela disparou um único tiro que atravessou a fechadura e a porta em si. DeMarco imediatamente lançou outro chute, este abrindo a porta.

Elas entraram na casa através de um pequeno vestíbulo que se abria para a cozinha. E foi ali, no espaço entre a cozinha e a abertura para a sala de estar, que Jeremy Neely estava agachado no chão. De um lado, ele segurava uma faca. Na outra, ele segurava o pescoço do homem que estava preso sob seus joelhos. O homem estava deitado embaixo dele, lutando para se libertar, mas havia uma série de cortes em seus braços que o

enfraqueceram. Uma poça de sangue já havia começado a se formar no chão.

Uma mulher estava deitada no chão também. Estava de lado, com sangue por toda parte, tentando se levantar, mas incapaz de fazê-lo.

Kate demorou cerca de dois segundos para ver tudo isso e, no momento em que ela absorveu tudo, DeMarco entrou em ação. Kate ficou surpresa com a rapidez daquela mulher. Ela deu dois grandes passos para frente e estava então em uma posição agachada, como um atacante da NFL preparado para atacar o rival.

DeMarco se jogou em Neely, seu alvo. Seu ombro acertou o peito dele e ambos foram para o chão. No entanto, quando eles caíram, o braço esquerdo de DeMarco ficou preso na faca de Neely. Kate viu isso acontecer e avançou correndo, fazendo uma careta e esperando que a lâmina não tivesse cortado nenhuma artéria.

Neely aproveitou o choque de DeMarco e mandou-a para longe. Ele então levantou a faca para mergulhá-la no peito de DeMarco, mas Kate o alcançou na hora certa. Ela lançou o joelho com força, jogando-o na parte inferior do queixo de Neely. Ele balançou para trás, quase caindo, mas se agarrando na beirada do balcão da cozinha.

Ele começou a pular para frente novamente, mas Kate tinha travado os joelhos no lugar e ficou na postura de uma perfeita atiradora a menos de um metro dele.

—Mova-se e eu vou arrancar seus joelhos, disse ela.

Neely pareceu pensar por um momento. Nos segundos que pairavam no ar, Kate queria desesperadamente avaliar a situação. Ela temia que a mulher — aparentemente a Sra. Coleman — estivesse morta em alguns momentos. Ela também não tinha ideia do quanto DeMarco estava ferida. Ela viu DeMarco ficar de pé com o canto do olho. Mesmo sem tirar os olhos de Neely, ela poderia dizer que DeMarco estava segurando seu braço cortado perto de seu corpo.

—Largue a faca, Jeremy, disse Kate. Nós sabemos o que você fez com as outras famílias. Qualquer coisa que você fizer a partir de agora vai piorar tudo para você.

Ele sorriu, como se isso fosse uma ótima notícia. E então ele girou a faca em um relance, apontando-a diretamente para DeMarco.

Kate baixou a mira e puxou o gatilho. O tiro pegou Neely diretamente acima do joelho. Sua perna se encolheu quando ele foi para o chão. DeMarco não perdeu tempo em jogar todo o peso nas costas dele.

Quando Kate se ajoelhou para puxar os braços dele para trás e algemar o homem, os policiais que esperavam no alto da entrada de carros entraram correndo pela porta com as armas em punho. Kate supôs que tinham sido alertados pelo primeiro tiro quando ela explodiu a fechadura.

Não poderia ter levado mais de vinte segundos para chegar neste ponto, Kate pensou. É realmente todo o tempo que passou entre antes e agora?

—Estou bem por enquanto, disse Kate, fechando as algemas. Chame uma ambulância. Temos uma mulher no que parece ser uma condição crítica e uma Agente do FBI ferida.

Kate olhou para DeMarco para avaliar sua situação, mas viu que a Agente mais jovem estava ajoelhada ao lado da Sra. Coleman. Enquanto isso, o Sr. Coleman olhava em volta como se estivesse em choque. Kate não achava que ele tivesse sido cortado a ponto de sua vida estar em perigo, mas a provação certamente o descontrolou.

—Por quê?

A pergunta veio do chão, da boca de Jeremy Neely.

—Com licença? Kate disse.

—Por quê? Por que eles não me amavam?

Por razões que não podia nem começar a entender, uma onda de pena passou por ela. Ela teve que se afastar de Neely. E no lugar disso, ela se concentrou em DeMarco. Seu braço esquerdo estava sangrando profusamente, a ferida aberta na parte de trás de seu braço.

—Precisamos parar o sangramento, disse DeMarco.

—Sim, disse ela. Mas precisamos ajudá-la primeiro.

Os olhos da Sra. Coleman estavam abertos, mas pareciam estar olhando para algum lugar muito distante, algum lugar do outro lado

do teto. Havia sangue por toda parte — espirrado ao longo de suas bochechas, cobrindo seu peito, no chão.

—Ruth...

Seu marido estava começando a se aproximar. Kate tentou voltar sua atenção para ele, para quebrar seu foco antes que visse o estado em que sua esposa estava.

Como se viu, estava cerca de meio segundo atrasada. Mr. Coleman viu sua esposa e algo dentro dele rompeu. Era um som assombroso que percorria a casa enquanto Kate, DeMarco e o oficial local faziam o possível para impedir o sangramento de Ruth Coleman.

Os gritos do marido eram penetrantes e cheios de tormento. Eles encheram a casa e a cabeça de Kate até que o som das sirenes se aproximando e os gemidos das ambulâncias o abafaram cinco minutos depois.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Kate estava sentada com DeMarco na pequena sala de exames do hospital mirando o celular. Eram 8:55 e estava olhando para uma tela de texto em branco com o nome de Allen na parte superior. Ela tinha pensado no que dizer nos últimos minutos e finalmente decidiu: **Então, eu sou terrível. O trabalho me chamou, novamente. Mesmo caso. Mas nós o solucionamos. Isso significa que não haverá jantar. Eu lamento.**

Ela enviou e olhou para DeMarco. Estava sentada na beira da pequena cama. Havia uma gaze envolvendo seu braço esquerdo, onde havia sido cortada. Não perdeu muito sangue e, embora a ferida tenha sido bastante profunda, ela foi facilmente consertada com dezesseis pontos.

—Foi para a sua filha? DeMarco perguntou.

—Não. Namorado.

DeMarco assentiu com a testa franzida. Tem sido difícil para você, hein? Tentar equilibrar tudo isso.

—Sim. Mas estou pegando o jeito. Eu só tenho que parar de desapontar as pessoas ao meu redor, as que vivem vidas normais. E eu... espere. Aguarde. Você é a única que foi esfaqueada no braço. Que diabos você está fazendo se preocupando comigo?

DeMarco deu de ombros e olhou para o chão. Minha mãe costumava me contar histórias quando eu era jovem sobre como ela quase não seguia o caminho da família. Estava tocando violão e cantando nessa banda que quase conseguiu sucesso. Ela me contou como sempre admirou Stevie Nicks... você sabe, a cantora do Fleetwood Mac?

—Sim, eu sei quem ela é.

—Bem, minha mãe se espelhava em Stevie sobre como agir, como fazer o papel de uma protagonista feminina em uma banda. E, ai meu Deus, isso vai sair mais brega, mas... você é minha Stevie Nicks, Kate. No momento em que entrei como Agente na Unidade de Crimes Violentos, comecei a pesquisar seus casos mais antigos, aprendendo com você e vasculhando seus arquivos. Então sim... eu vou me preocupar com você. O fato de você ter voltado da

aposentadoria para fazer coisas como as que fizemos hoje me deixa chocada.

—Obrigada por isso, disse Kate, sentindo as lágrimas chegando.

Se apenas Melissa pensasse em mim da mesma maneira.

O telefone dela tocou na mão. Olhou para baixo e viu que **Allen havia retornado seu aviso. Compreendo. Fica como um vale encontro. Ligue quando você chegar.**

Ela ficou aliviada por ele ter aceitado tão bem, mas também sentiu que estava se aproveitando dele. Pensou em trocar mensagens de texto com Melissa, mas decidiu não fazer isso. Melissa nem sabia que ela tinha sido chamada de volta para Roanoke, de qualquer maneira. Pensando em ambos um espaço tão curto, ocorreu a Kate que Melissa nem sabia sobre Allen.

Não é bom que DeMarco já saiba mais sobre minha vida pessoal do que minha própria filha, Kate pensou.

Ainda se recuperando dos comentários de DeMarco, Kate tentou pensar em algo igualmente sentimental para contar a DeMarco, mas foi interrompida por uma batida na porta. Depois de um segundo ou dois, ela se abriu e Palmetto entrou.

—Como vão? Ele perguntou.

—DeMarco é uma heroína, Kate disse, usando isso como seu elogio de retorno.

—Dezesseis pontos não me tornam uma heroína, argumentou DeMarco. Embora adicione uma cicatriz, e cicatrizes são *foda*.

—Estou feliz que não tenha sido pior. Você realmente salvou o dia, Agente DeMarco. Então, obrigada por isso.

—De qualquer forma, eu só queria aparecer e atualizar vocês, disse Palmetto. Neely confessou tudo. Ele está culpando a incapacidade de todos em amá-lo quando criança. Quando eles o revistaram, encontraram um pedaço do cobertor no bolso de trás. Ele admitiu abertamente que pretendia enfiar aquilo na garganta de Ruth Coleman. Ele disse que teve a ideia ao ver seu pai matar sua mãe tão facilmente, como se fosse nada. As primeiras reações dos policiais são de que ele, provavelmente, irá fazer um pedido de insanidade.

—Você acha que ele vai conseguir? Kate perguntou.

—Por mim, sim.

—Por que o cobertor, no entanto? DeMarco perguntou.

—É aí que o mais louco entra em cena. Ele diz que foi a única coisa que ele teve quando criança que o fez se sentir seguro e confortável. Mas quando ele ficou mais velho e viu como essas pessoas que deveriam amá-lo não o amavam do jeito que ele pensava que deveriam, o cobertor começou a assumir todo esse novo significado. Ele o odiava. Queria usar algo que ele já pensou ser seguro para ajudar nos assassinatos.

—Isso é terrível, disse DeMarco.

—Quanto a Ruth Coleman, ela perdeu muito sangue e havia duas artérias principais cortadas. Uma facada não atingiu seu coração por menos de uma polegada. Ela também está com um pulmão perfurado. Está listada como em estado crítico, mas eu falei com o médico que a supervisionou quando deu entrada. Pode não ser tão sem esperança quanto sua aparência faz parecer.

—Isso é uma notícia fantástica, disse Kate.

—É, concordou Palmetto. Ele então olhou para DeMarco e disse:

—Você se importa se eu roubar a Agente Wise por um segundo?

—Não é um problema, disse DeMarco.

Palmetto abriu a porta e levou Kate para o corredor. Ele começou a andar devagar para a frente e teve um olhar pensativo no rosto.

—O que é? Kate perguntou. Está tudo bem?

—Sim, o caso está basicamente encerrado graças a vocês duas. Mas eu tinha outra coisa... algo que eu precisava te perguntar. Eu sei que você é de fora de DC e tudo, mas eu achei que não poderia doer perguntar se você gostaria de ir a um jantar ou algo assim antes de voltar.

Foi totalmente inesperado e ela supôs que o olhar em seu rosto dizia isso. O olhar de reflexão de Palmetto se voltou para um pedido de desculpas enquanto ela procurava as palavras certas para usar.

—Desculpe, disse Palmetto. Eu notei que não há anel no seu dedo. Eu pensei que estaria tudo bem em perguntar.

—Ah, é. E eu estou lisonjeada, mas estou saindo com alguém. E honestamente, entre você e eu, mesmo que eu não estivesse, eu não sei se iria. Minha vida está meio bagunçada agora. Há um equilíbrio que preciso encontrar e...

—O quê?

—Nada, disse ela com uma risada. Eu quase acabei de despejar um monte de reclamação sobre você.

—Não teria problema.

—Quanto ao jantar, vou ter que recusar. Mas sério... obrigada por perguntar. Às vezes, isso é tudo que uma mulher precisa para se sentir valorizada.

—Você é incrível, Agente Wise. Eu não vejo você tendo problemas em se sentir digna.

Se não tivesse Allen de volta em casa esperando por ela, ela o teria beijado ali mesmo. Não por uma atração ou forte desejo, mas porque aquelas estavam bem próximas das palavras exatas que ela precisava ouvir desde que saíra do período sombrio em que viveu depois que seu marido, Michael, fora morto.

—Obrigada, disse Kate. Pelos comentários e sua ajuda sobre o caso.

Ele concordou, entendendo que o comentário dela terminara a conversa sobre relacionamentos e os colocara de volta em assuntos oficiais. Foi um prazer conhecê-la, Agente Wise. DeMarco também. Tenham uma volta segura para casa.

Com isso, ele continuou pelo corredor. Kate observou-o ir por um tempo antes de voltar para DeMarco. Quando ela voltou para a sala, a enfermeira havia retornado e estava entregando a papelada ambulatorial para DeMarco.

—O que Palmetto queria? DeMarco perguntou, olhando para cima a partir dos formulários.

—Nada.

—Tudo bem?

Kate sorriu. Olhou para o braço de DeMarco. Ela pensou em Melissa, Michelle e Allen em casa. Ela pensou nos Coleman, juntos e vivos em outro lugar dentro desse mesmo hospital.

—Sim, disse Kate com um sorriso genuíno. Tudo bem.

Depois que saíram do hospital, o diretor Duran telefonou e pediu que Kate voltasse para DC para uma breve reunião. Estava ansiosa para voltar para Allen assim que pudesse, mas concordou em fazer

a viagem. Foi assim que ela acabou pegando o elevador até o escritório de Duran na segunda-feira à tarde. Parte dela estava muito nervosa, imaginando se talvez tivesse cruzado algumas linhas ou ultrapassado seus limites ao pegar Jeremy Neely.

Poderia ser algum tipo de reclamação ou queixa apresentada contra mim durante este último caso, ela pensou. Então, por trás desse pensamento veio outro: de onde vem toda essa negatividade? Você nunca se questionou tanto assim antes de se aposentar...

—Agente Wise, bem-vinda de volta. Fico feliz que você e a Agente DeMarco tenham voltado relativamente ilesas. Você falou com DeMarco hoje?

—Falei. Ela acha ridículo que tenha que ficar em casa por uma semana por causa de um corte no braço.

Duran sorriu. Você sabe, a Agente DeMarco me lembra outra Agente que eu conheço muito bem.

—É muito mais inteligente e corajosa do que eu, disse Kate.

—Então você gosta dela como agente?

—Gosto. Se eu não soubesse da situação e você me dissesse que ela só esteve na agência por pouco mais de dois anos, eu não acreditaria em você.

Duran bateu os dedos ansiosamente na pasta na frente dele e deslizou para Kate. Dê uma olhada nisso e deixe-me saber o que você pensa.

Ela pegou a pasta e abriu; havia apenas duas páginas dentro. E dentro de cinco segundos de esmiuçar a página de cima, ela entendeu para o que estava olhando. Olhou para Duran, certificando-se de que ele não estava brincando com ela.

—Reintegração? Ela perguntou.

—É o mais próximo que conseguimos, com base no fato de você ter se aposentado. Você não desistiu e você não foi demitida. Mas também não estaríamos contratando você como uma nova funcionária. Então sim... considere este pedido oficial do FBI para que você volte como Agente em tempo integral. E com base no que você me disse hoje, gostaria de incluir a Agente DeMarco como parceira em tempo integral.

Kate olhou os formulários e estava cheia das mesmas emoções que sentiu quando Palmetto a elogiou generosamente no corredor do hospital. Isso a fez se sentir valorizada. Isso a fez se sentir desejada.

—Mas sabia que não poderia. Poderia?

—Eu não posso voltar para DC, disse ela. Estarei em Richmond por um longo prazo. Minha família está lá... uma nova neta e tudo mais.

—Podemos trabalhar em torno disso, disse ele. Não sou só eu, Agente Wise. Mesmo aqueles acima de mim acham que você ainda é um recurso valioso. Eu sei que muitos Agentes se aposentam e voltam para ajudar na pesquisa e no ensino. E, embora, você seja ótima nisso, suas habilidades também seriam desperdiçadas. Eu senti isso quando estive lá na reunião da semana passada, em que você orientou esses Agentes mais jovens em direção a uma resposta no caso de rapto de crianças — uma resposta, devo acrescentar, que levou a uma prisão hoje de manhã.

Ela suspirou e fechou a pasta. Você pode me dar algum tempo para pensar sobre isso?

—Lógico. Não tenha pressa. E novamente, eu realmente aprecio o trabalho que você fez nestes dois últimos casos.

—Obrigada.

—Isso é tudo por agora, disse Duran. Desculpe por fazer você voltar para DC para esta breve reunião.

—Tudo bem, disse ela, segurando as bordas da pasta. Valeu a pena.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Foi a primeira vez que fez pesto do zero e Kate não se importou em dizer que estava muito bom. Ela despejou da panela em uma tigela de cerâmica e colocou-a na mesa junto à salada. A casa inteira cheirava a *ziti* assado e pão de alho. Sua porta dos fundos estava aberta, a porta de tela permitindo que uma brisa entrasse. Enquanto estava na mesa, certificando-se que não tinha deixado faltar alguma coisa, a brisa que veio através dela a congelou por um momento.

Eu também estou feliz aqui, pensou.

Ela sorriu e foi até a prateleira de vinhos na cozinha. Arrancou uma garrafa de vinho branco e uma garrafa do tinto da prateleira. Ela as colocou na mesa, assim que alguém bateu na porta da frente.

—Entre! Ela chamou.

A porta se abriu e Allen veio andando. Estava carregando um pequeno saco de plástico e uma embalagem com seis cervejas. Ele ergueu e encolheu os ombros. Eu não sabia se isso era um encontro para vinho ou cerveja.

—Ambos vão bem, disse Kate.

Ela o encontrou na porta, pegou a sacola plástica e lhe deu um beijo nos lábios. Foi rápido, mas Allen a pegou pelo braço com a mão agora livre e a puxou de volta para ele. Ele a beijou novamente, desta vez demorando. Quando se separaram, Kate se encontrou agradavelmente atordoada.

—Honestamente, disse Allen, —trouxe a cerveja para mim. Imagino que, se a conversa ficar estranha, posso me esgueirar, engolir duas delas e voltar com um humor muito mais generoso.

—Eu não acho que será necessário, disse ela e, em seguida, deu um pequeno sorriso. Você estará conhecendo minha filha e neta... não meus pais.

—Isso é verdade, eu acho. Ainda...

—Por que você não vai em frente e começa a tomar uma agora e vamos ver como a coisa vai.

—Sim senhora, disse ele, pegando uma das cervejas e tirando a tampa. Algo que eu possa fazer por você?

—Taças de vinho. No armário.

Allen começou a ajudá-la, pegando os copos e tirando os *cupcakes* da sacola plástica que trouxera. Ele os pegou porque Kate disse a ele que Melissa tinha uma queda por *cupcakes*.

—Você vai contar a ela sobre a oferta que seu diretor lhe deu? Allen perguntou.

—Eu acho que vou, Kate disse enquanto tirava o *ziti* do forno. Ela vai ficar bem com isso. Quero contar a ela e ao marido para que todos possamos trabalhar juntos e descobrir alguma maneira de equilibrar tudo.

Antes que Allen pudesse responder, houve outra batida na porta. Desta vez, abriu sem Kate responder. Melissa e Terry entraram, Terry carregando Michelle em seu ombro. Ele deu dois passos e seus olhos se arregalaram.

—Cara, cara, tem um cheiro delicioso aqui!

Kate se aproximou para aliviar Terry do peso de Michelle. O bebê foi até ela sem qualquer problema, dando um sorrisinho de reconhecimento. Quando Kate ofereceu o dedo a Michelle, o bebê o pegou e apertou um pouco.

—Desculpe-me, Melissa disse quando se aproximou de Allen. Minha mãe vê Michelle e o mundo simplesmente desaparece. Eu sou Melissa.

Allen estendeu a mão e eles deram um aperto. Eu sou Allen. Eu ouvi muito sobre você e Michelle, então é bom finalmente conhecê-las.

Terry foi o próximo, apertando as mãos de Allen. Allen ofereceu uma cerveja a Terry, e Terry aceitou, e isso foi o suficiente para que os dois quebrassem o gelo.

Kate voltou para a cozinha com a neta nos braços. Melissa e Terry estavam fazendo várias perguntas a Allen, nenhuma das quais era muito urgente ou particular. Kate juntou-se quando Michelle começou a golpear seu queixo com as mãozinhas rechonchudas.

—Vocês estão prontos para comer? Ela perguntou.

—Parece incrível, mãe, disse Melissa. Obrigada.

Quando todos tomaram seus lugares, Allen passou por ela e deu um beijo rápido em sua bochecha. Parecia natural. Parecia agradável e confortável. Ela viu que Melissa tinha visto isso e estava sorrindo para ela.

Sim, vale a pena mantê-lo, ela pensou. Vale a pena lutar pelo equilíbrio.

A verdade da questão era que seu trabalho cumpria algo dentro dela que sua família não poderia compensar. Parecia uma verdade feia, mas ainda era a verdade. Mas isso a tomou tanto tempo, depois de perder um marido e continuamente forçar seu relacionamento com Melissa, a entender que o oposto também era verdade.

Sua família oferecia algo que seu trabalho nunca poderia oferecer. Amor, apoio e uma sensação de lar que vinha sem metas ou expectativas.

Kate compreendeu isso agora. E sabia que poderia aprender a equilibrar tudo.

E com esse equilíbrio, talvez ela pudesse ser uma Agente melhor.

Claro que ela aceitaria a oferta de Duran. Ela podia negar tudo o que queria, mas era uma Agente do FBI em seu cerne — e seria até que ela fosse uma velhinha acamada.

No que dizia respeito a Kate Wise, não iria mais olhar para trás em sua carreira com nostalgia e saudade.

Não tinha deixado tudo para trás, afinal.



SE ELA CORRESSE

(Um Enigma da Série Kate Wise—Livro 3)

Por Blake Pierce

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Blake Pierce fez um trabalho magnífico desenvolvendo personagens com um lado psicológico tão bem descrito que nos sentimos dentro de suas mentes, seguindo seus medos e torcendo para que tenham sucesso. Cheio de reviravoltas, este livro fará você ficar acordado (a) até o final da última página.”

- Críticas de Livros e Filmes, Roberto Mattos (re Once Gone)

SE ELA CORRESSE (Um Enigma da Série Kate Wise) é o livro nº3 de uma nova série de suspense psicológico escrita pelo autor best-seller Blake Pierce, cujo best-seller nº 1 Once Gone (livro nº1) (download gratuito) recebeu mais de 1.000 avaliações cinco estrelas.

Kate Wise, 55 anos, Agente do FBI, é chamada de volta após a aposentadoria quando o segundo homem casado e morador de um bairro rico é encontrado morto; ele foi morto a tiros a caminho de casa. Será uma coincidência?

Houve um caso que assombrou toda a carreira de Kate, um que ela não conseguiu resolver.

Agora, 10 anos depois, um segundo homem casado é morto da mesma maneira - e sendo da mesma cidade.

Qual é a conexão entre eles?

E será que Kate conseguirá se redimir e resolver isso antes que o caso caia no esquecimento de novo?

Um thriller cheio de ação, um suspense emocionante, SE ELA CORRESSE é o terceiro livro de uma nova série fascinante que fará você virar páginas até tarde da noite.

O livro nº4 da série KATE WISE estará disponível em breve.



SE ELA CORRESSE

(Um Enigma da Série Kate Wise—Livro 3)

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)
A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)
ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)